



le ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





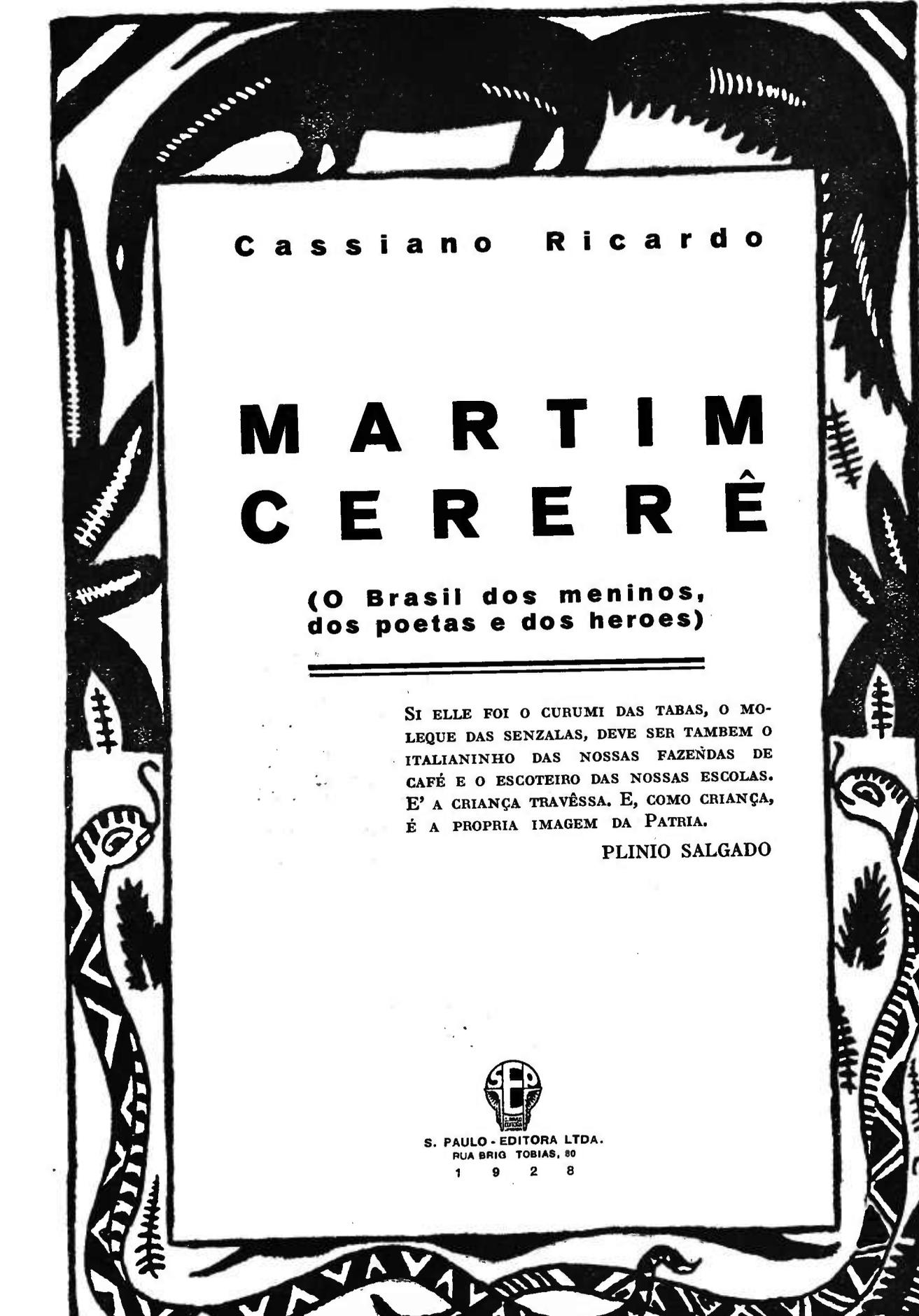
A' senhora

Marcasinha Ferraz Sampaio, Poetisa de  
fina sensibilidade -  
em testemunhos de alta

admiração - Cascaes Ricau

1927.





C a s s i a n o   R i c a r d o

**M A R T I M  
C E R E R Ê**

**(O Brasil dos meninos,  
dos poetas e dos heroes)**

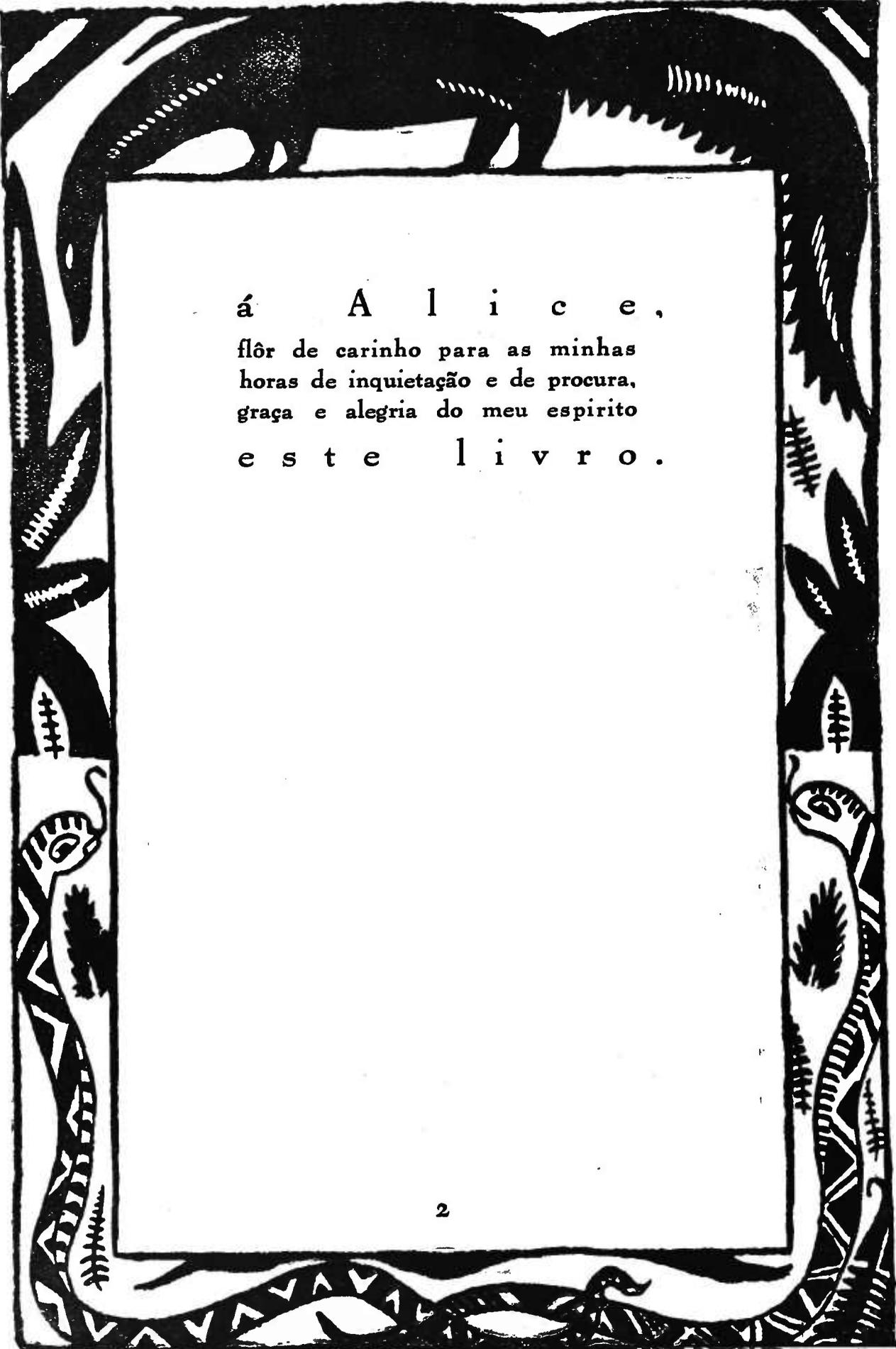
---

SI ELLE FOI O CURUMI DAS TABAS, O MOLEQUE DAS SENZALAS, DEVE SER TAMBEM O ITALIANINHO DAS NOSSAS FAZENDAS DE CAFÉ E O ESCOTEIRO DAS NOSSAS ESCOLAS. E' A CRIANÇA TRAVÊSSA. E, COMO CRIANÇA, É A PROPRIA IMAGEM DA PATRIA.

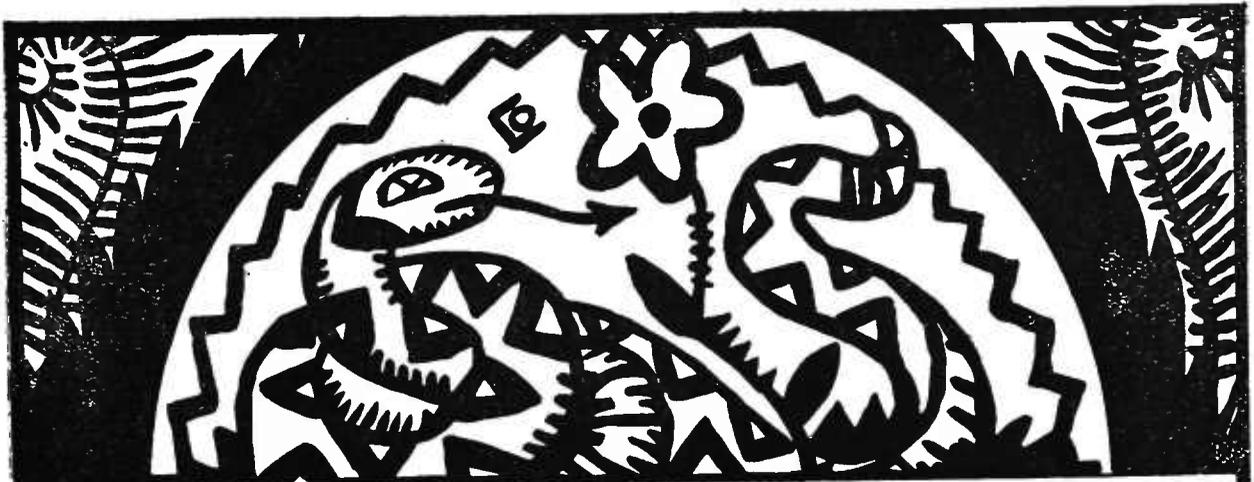
PLINIO SALGADO



S. PAULO - EDITORA LTDA.  
RUA BRIG TOBIAS, 80  
1 9 2 8



á A l i c e ,  
flôr de carinho para as minhas  
horas de inquietação e de procura,  
graça e alegria do meu espirito  
e s t e l i v r o .

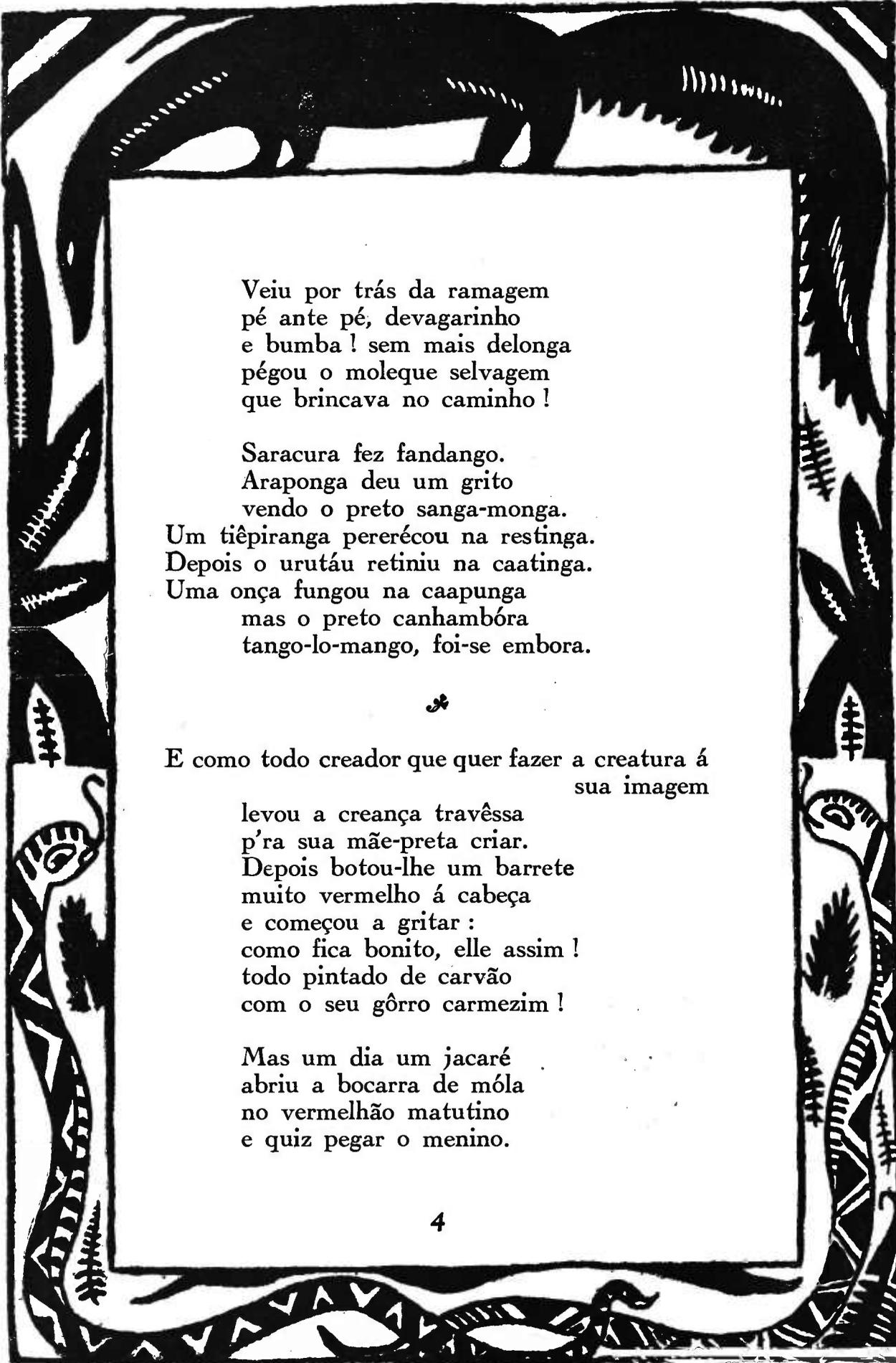


## martim-cererê.

Corria na manhã clara  
todo enfeitado de arara  
brincando por entre as arvores  
ainda humidas de sereno.  
Era um tapuio pequeno  
fugido de alguma taba ;  
vivia no sertão bruto  
mexendo com tatorana  
comendo jaboticaba.

Da pelle de uma onça preta  
fez um dia a sua tanga  
E andava atropelando os caminheiros  
com o relho em flôr da japecanga.

Certa vez, depois que os brancos  
tomaram conta da terra  
apareceu no mato um homem preto  
falando em mandinga e candonga.



Veiu por trás da ramagem  
pé ante pé, devagarinho  
e bumba! sem mais delonga  
pégou o moleque selvagem  
que brincava no caminho!

Saracura fez fandango.  
Araponga deu um grito  
vendo o preto sanga-monga.

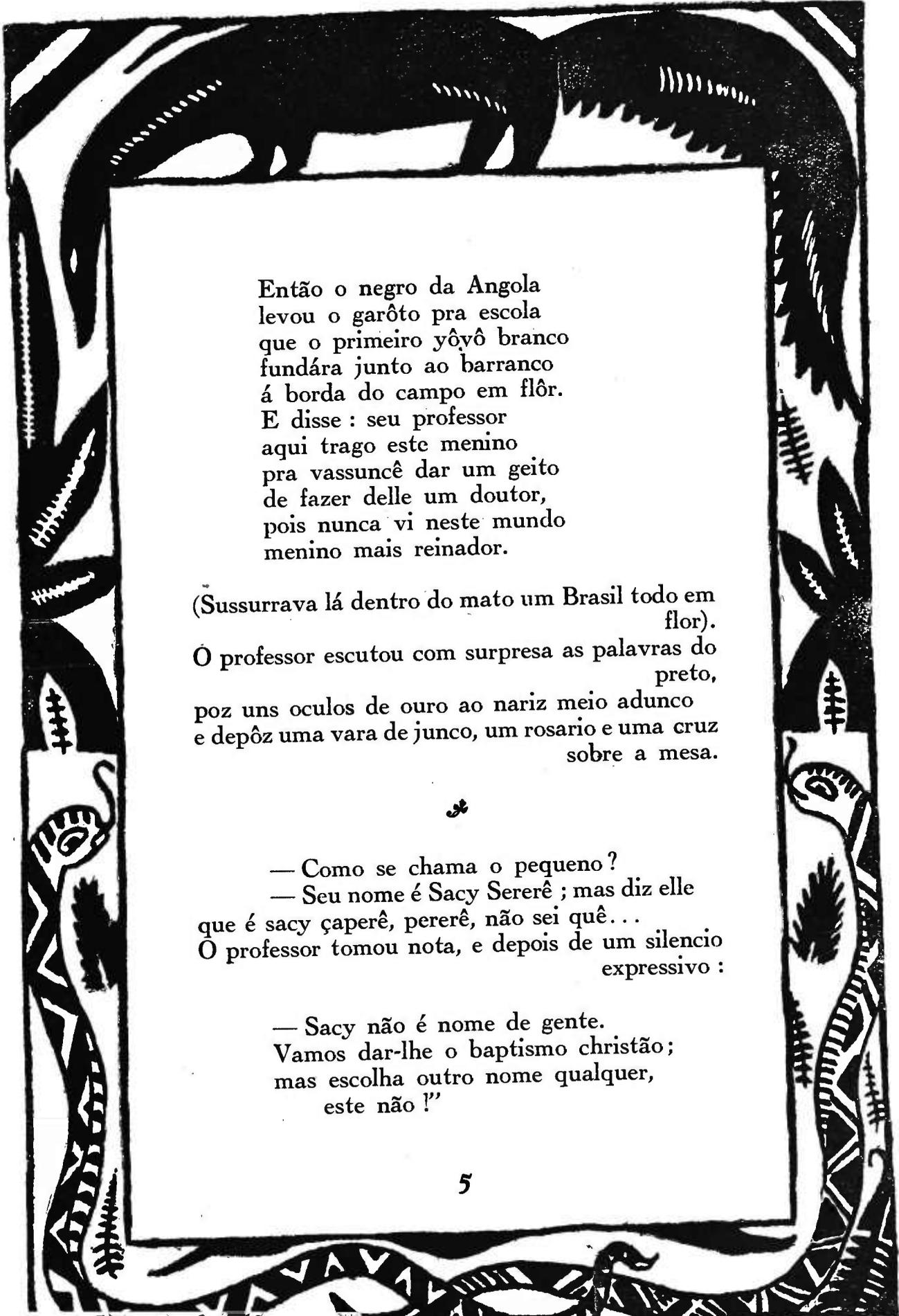
Um tiêpiranga pererécou na restinga.  
Depois o urutáu retiniu na caatinga.  
Uma onça fungou na caapunga  
mas o preto canhambóra  
tango-lo-mango, foi-se embora.



E como todo creador que quer fazer a creatura á  
sua imagem

levou a creança travêssa  
p'ra sua mãe-preta criar.  
Depois botou-lhe um barrete  
muito vermelho á cabeça  
e começou a gritar:  
como fica bonito, elle assim!  
todo pintado de carvão  
com o seu gôrrro carmezim!

Mas um dia um jacaré  
abriu a bocarra de móla  
no vermelhão matutino  
e quiz pegar o menino.

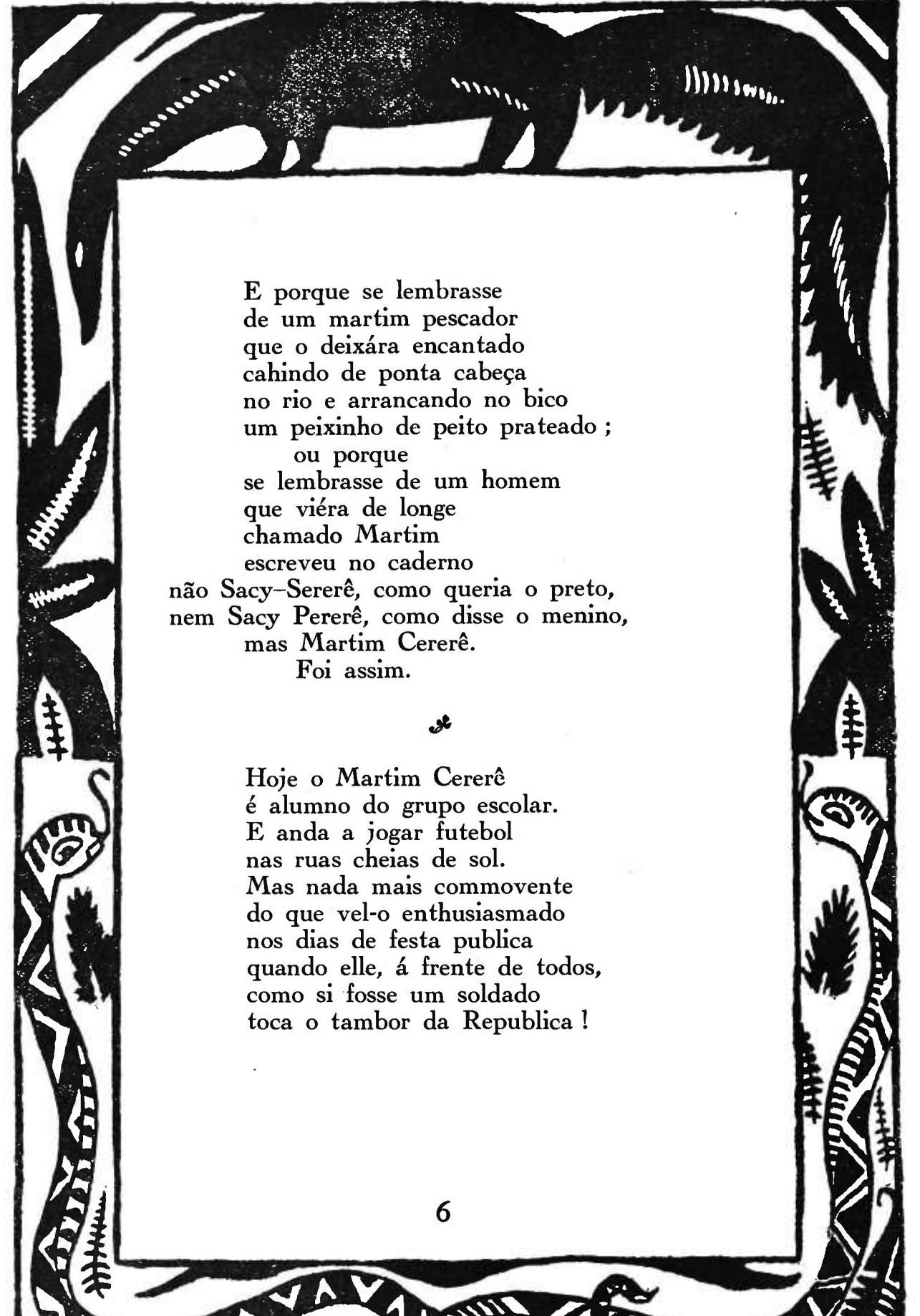


Então o negro da Angola  
levou o garôto pra escola  
que o primeiro yôyô branco  
fundára junto ao barranco  
á borda do campo em flôr.  
E disse : seu professor  
aqui trago este menino  
pra vassuncê dar um geito  
de fazer delle um doutor,  
pois nunca vi neste mundo  
menino mais reinador.

(Sussurrava lá dentro do mato um Brasil todo em  
flor).  
O professor escutou com surpresa as palavras do  
preto,  
poz uns oculos de ouro ao nariz meio adunco  
e depôz uma vara de junco, um rosario e uma cruz  
sobre a mesa.

— Como se chama o pequeno ?  
— Seu nome é Sacy Sererê ; mas diz elle  
que é sacy çaperê, pererê, não sei quê...  
O professor tomou nota, e depois de um silencio  
expressivo :

— Sacy não é nome de gente.  
Vamos dar-lhe o baptismo christão ;  
mas escolha outro nome qualquer,  
este não !”



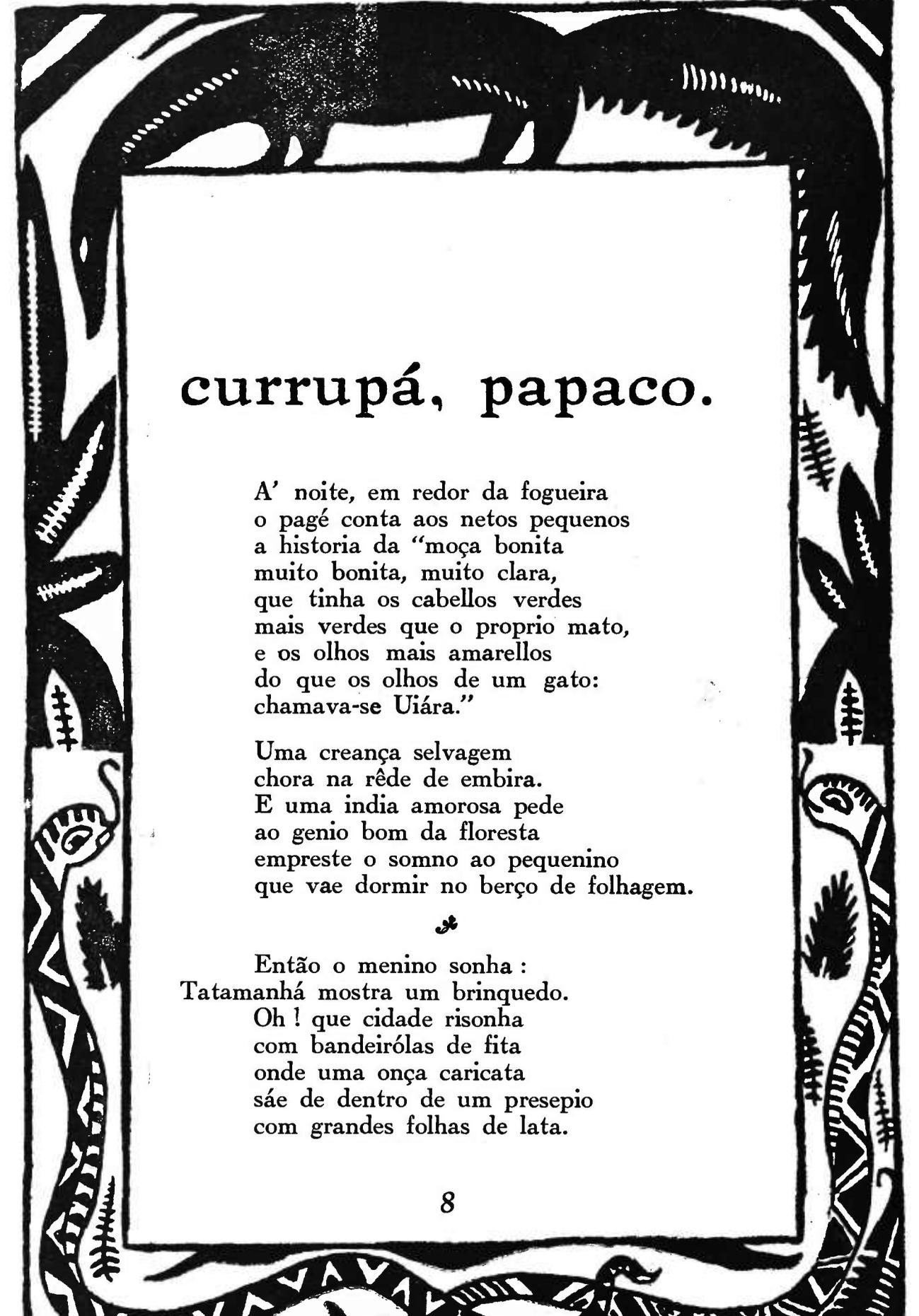
E porque se lembrasse  
de um martim pescador  
que o deixára encantado  
cahindo de ponta cabeça  
no rio e arrancando no bico  
um peixinho de peito prateado ;  
ou porque  
se lembrasse de um homem  
que viéra de longe  
chamado Martim  
escreveu no caderno  
não Sacy-Sererê, como queria o preto,  
nem Sacy Pererê, como disse o menino,  
mas Martim Cererê.  
Foi assim.



Hoje o Martim Cererê  
é aluno do grupo escolar.  
E anda a jogar futebol  
nas ruas cheias de sol.  
Mas nada mais commovente  
do que vel-o entusiasmado  
nos dias de festa publica  
quando elle, á frente de todos,  
como si fosse um soldado  
toca o tambor da Republica !



**a indígena  
formosa chama-  
va-se uiára...**



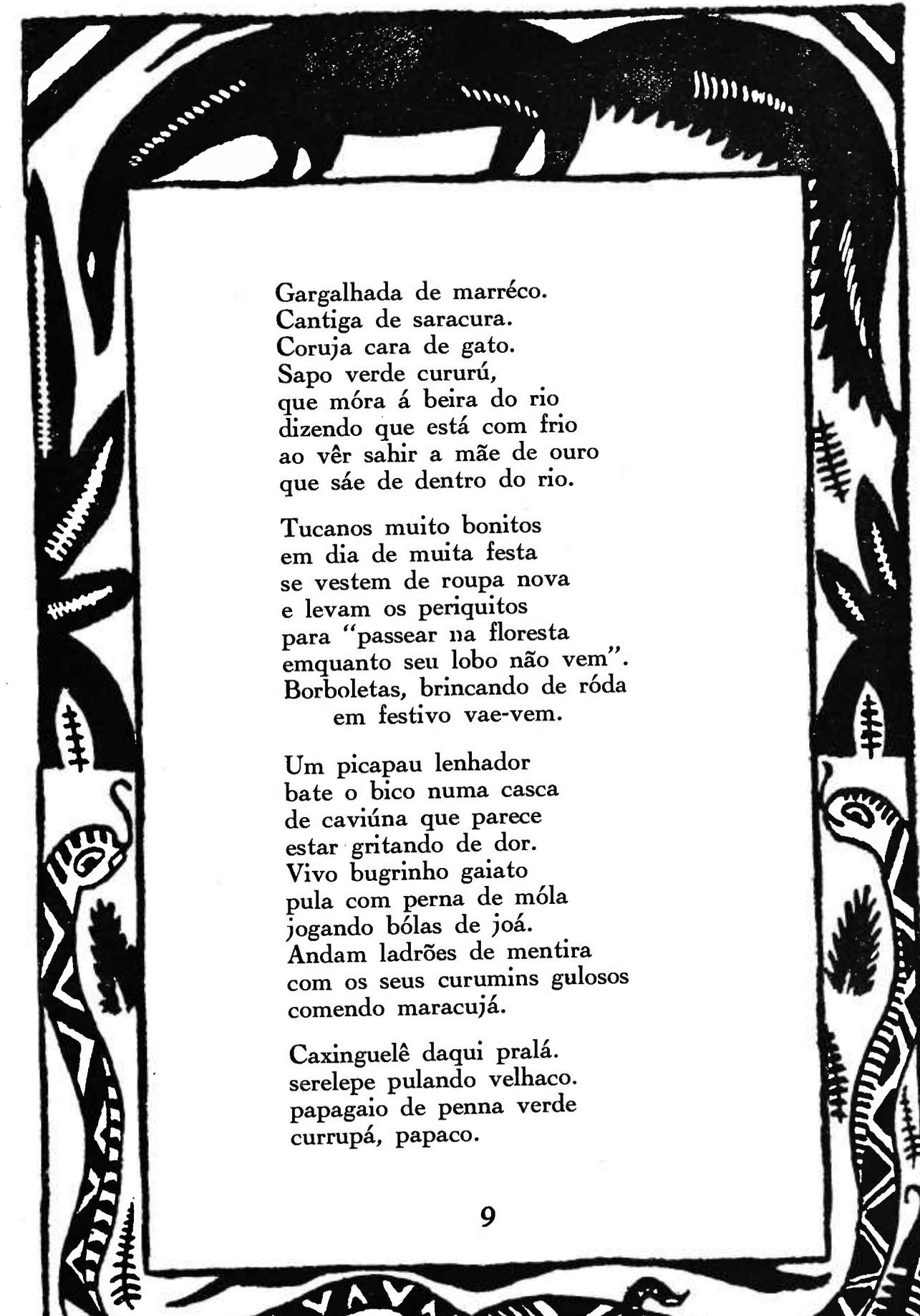
## currupá, papaco.

A' noite, em redor da fogueira  
o pagé conta aos netos pequenos  
a historia da "moça bonita  
muito bonita, muito clara,  
que tinha os cabellos verdes  
mais verdes que o proprio mato,  
e os olhos mais amarellos  
do que os olhos de um gato:  
chamava-se Uiára."

Uma creança selvagem  
chora na rêde de embira.  
E uma india amorosa pede  
ao genio bom da floresta  
empreste o somno ao pequenino  
que vae dormir no berço de folhagem.



Então o menino sonha :  
Tatamanhá mostra um brinquedo.  
Oh ! que cidade risonha  
com bandeirólas de fita  
onde uma onça caricata  
sáe de dentro de um presepio  
com grandes folhas de lata.

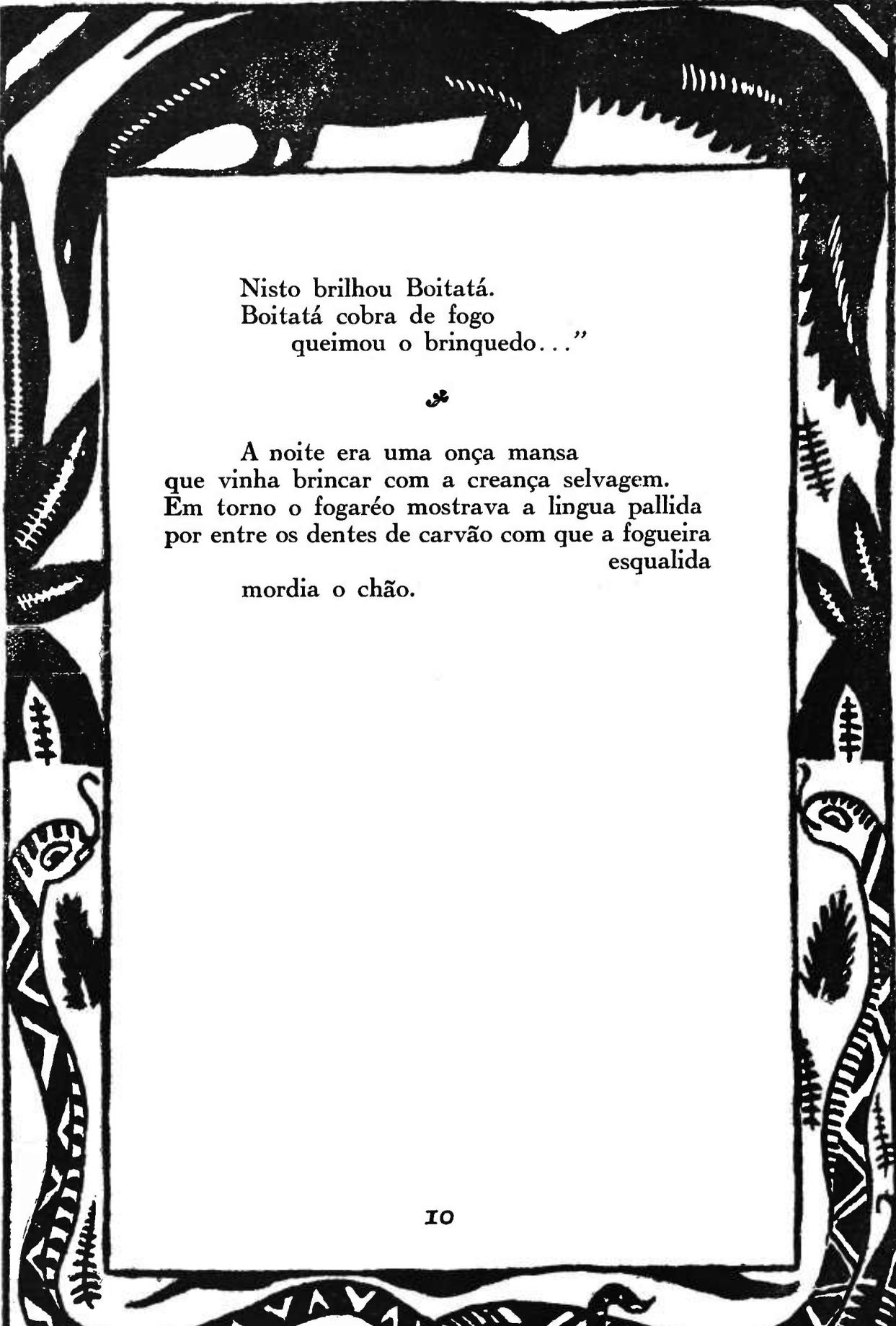


Gargalhada de marréco.  
Cantiga de saracura.  
Coruja cara de gato.  
Sapo verde cururú,  
que móra á beira do rio  
dizendo que está com frio  
ao vêr sahir a mãe de ouro  
que sáe de dentro do rio.

Tucanos muito bonitos  
em dia de muita festa  
se vestem de roupa nova  
e levam os periquitos  
para "passear na floresta  
emquanto seu lobo não vem".  
Borboletas, brincando de róda  
em festivo vae-vem.

Um picapau lenhador  
bate o bico numa casca  
de caviúna que parece  
estar gritando de dor.  
Vivo bugrinho gaiato  
pula com perna de móla  
jogando bólas de jóá.  
Andam ladrões de mentira  
com os seus curumins gulosos  
comendo maracujá.

Caxinguelê daqui pralá.  
serelepe pulando velhaco.  
papagaio de penna verde  
currupá, papaco.



Nisto brilhou Boitatá.  
Boitatá cobra de fogo  
queimou o brinquedo..."



A noite era uma onça mansa  
que vinha brincar com a creança selvagem.  
Em torno o fogaréo mostrava a lingua pallida  
por entre os dentes de carvão com que a fogueira  
esqualida  
mordia o chão.

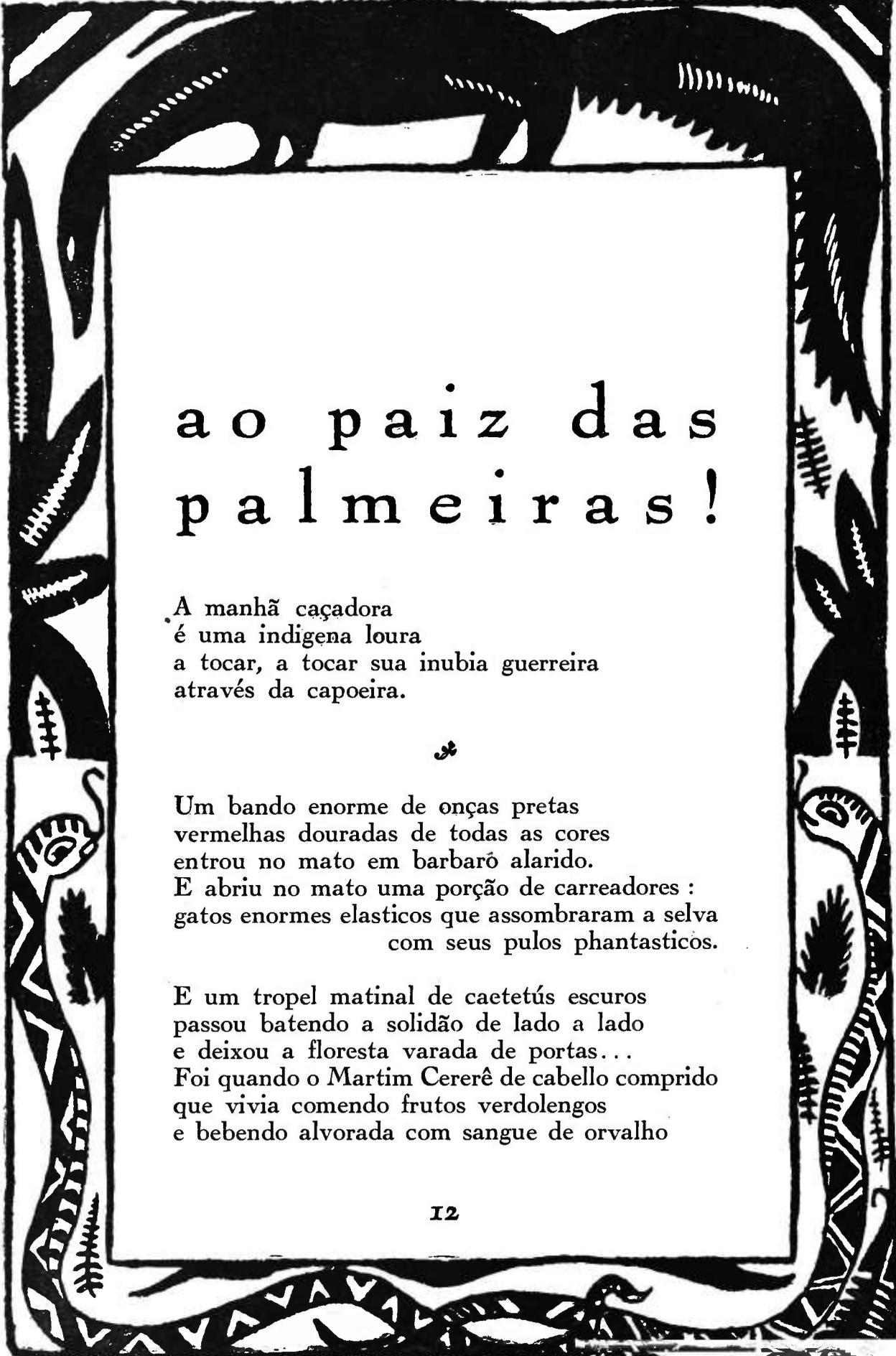


# r e l a m p a g o

A onça pintada saltou tronco acima que nem  
um relampago de rabo comprido  
e cabeça amarella:

Zás !

Mas uma flexa ainda mais rapida que o relampago  
fez rolar alli mesmo  
aquelle matinal gatão electrico e bigodudo  
que ficou estendido no chão como um fruto de cor  
que tivesse cahido de uma arvore!



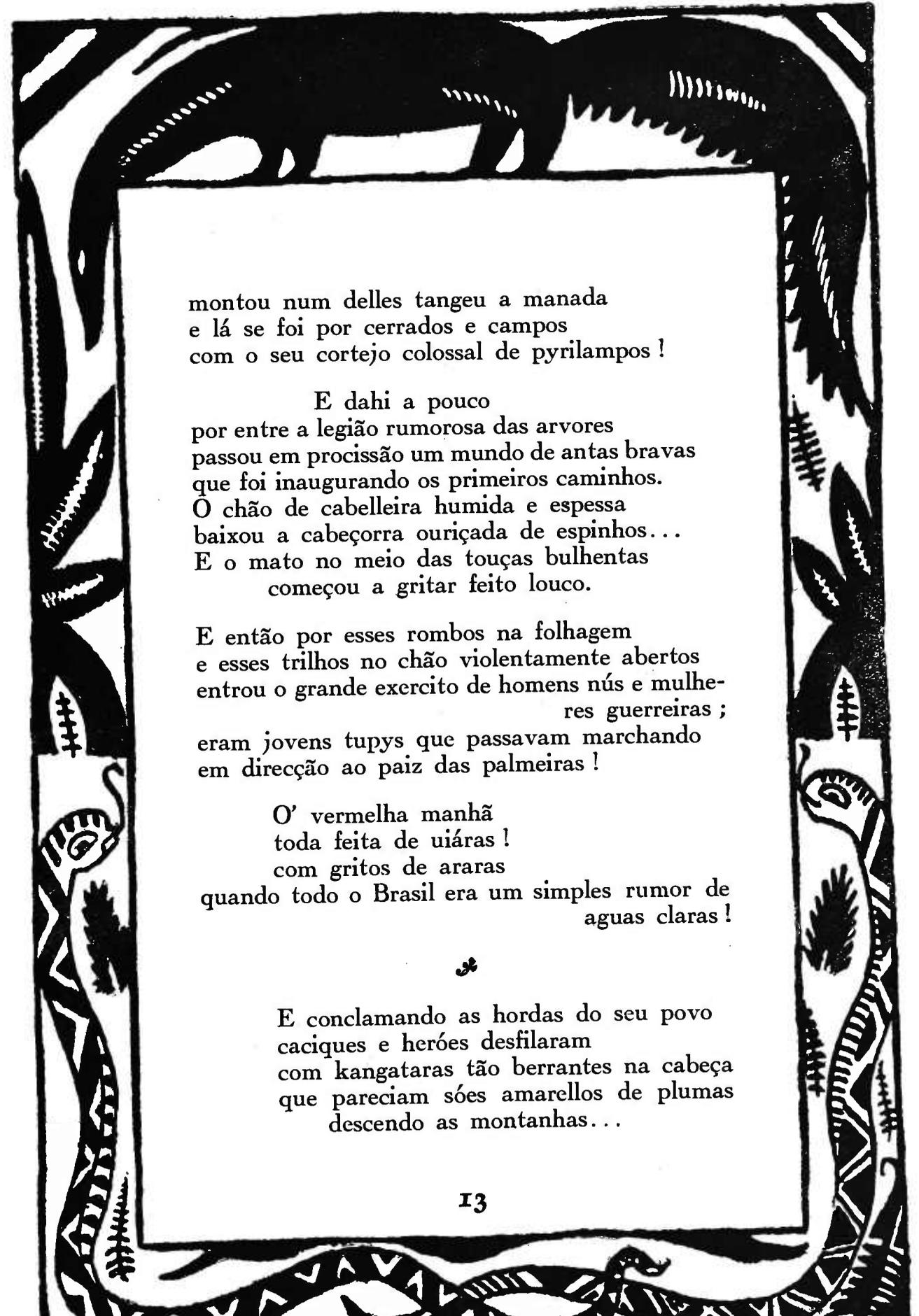
# ao paiz das palmeiras!

A manhã caçadora  
é uma indígena loura  
a tocar, a tocar sua inubia guerreira  
através da capoeira.



Um bando enorme de onças pretas  
vermelhas douradas de todas as cores  
entrou no mato em barbarô alarido.  
E abriu no mato uma porção de carregadores :  
gatos enormes elasticos que assombraram a selva  
com seus pulos phantasticos.

E um tropel matinal de caetetús escuros  
passou batendo a solidão de lado a lado  
e deixou a floresta varada de portas...  
Foi quando o Martim Cererê de cabelo comprido  
que vivia comendo frutos verdolengos  
e bebendo alvorada com sangue de orvalho



montou num delles tangeu a manada  
e lá se foi por cerrados e campos  
com o seu cortejo colossal de pyrilampos !

E dahi a pouco  
por entre a legião rumorosa das arvores  
passou em procissão um mundo de antas bravas  
que foi inaugurando os primeiros caminhos.  
O chão de cabelleira humida e espessa  
baixou a cabeçorra ouriçada de espinhos...  
E o mato no meio das touças bulhentas  
começou a gritar feito louco.

E então por esses rombos na folhagem  
e esses trilhos no chão violentamente abertos  
entrou o grande exercito de homens nús e mulhe-  
res guerreiras ;  
eram jovens tupys que passavam marchando  
em direcção ao paiz das palmeiras !

O' vermelha manhã  
toda feita de uiáras !  
com gritos de araras  
quando todo o Brasil era um simples rumor de  
aguas claras !



E conclamando as hordas do seu povo  
caciques e heróes desfilaram  
com kangataras tão berrantes na cabeça  
que pareciam sóes amarellos de plumas  
descendo as montanhas...



# o c a n t o d o “ s e m - f i m ”

Mas no outro dia  
saltavam os dias de papo amarello  
de dentro do gravatá.

O canto do “sem-fim” era a voz da distancia que  
estava deitada e abraçada ao sem fim.  
E a procissão dos indios caminhava  
cheia de gritos  
chôros de creança  
silvo de flexas  
rastos de sangue  
clarões de fogueira  
toques de inubia guerreira...  
ou silencio.

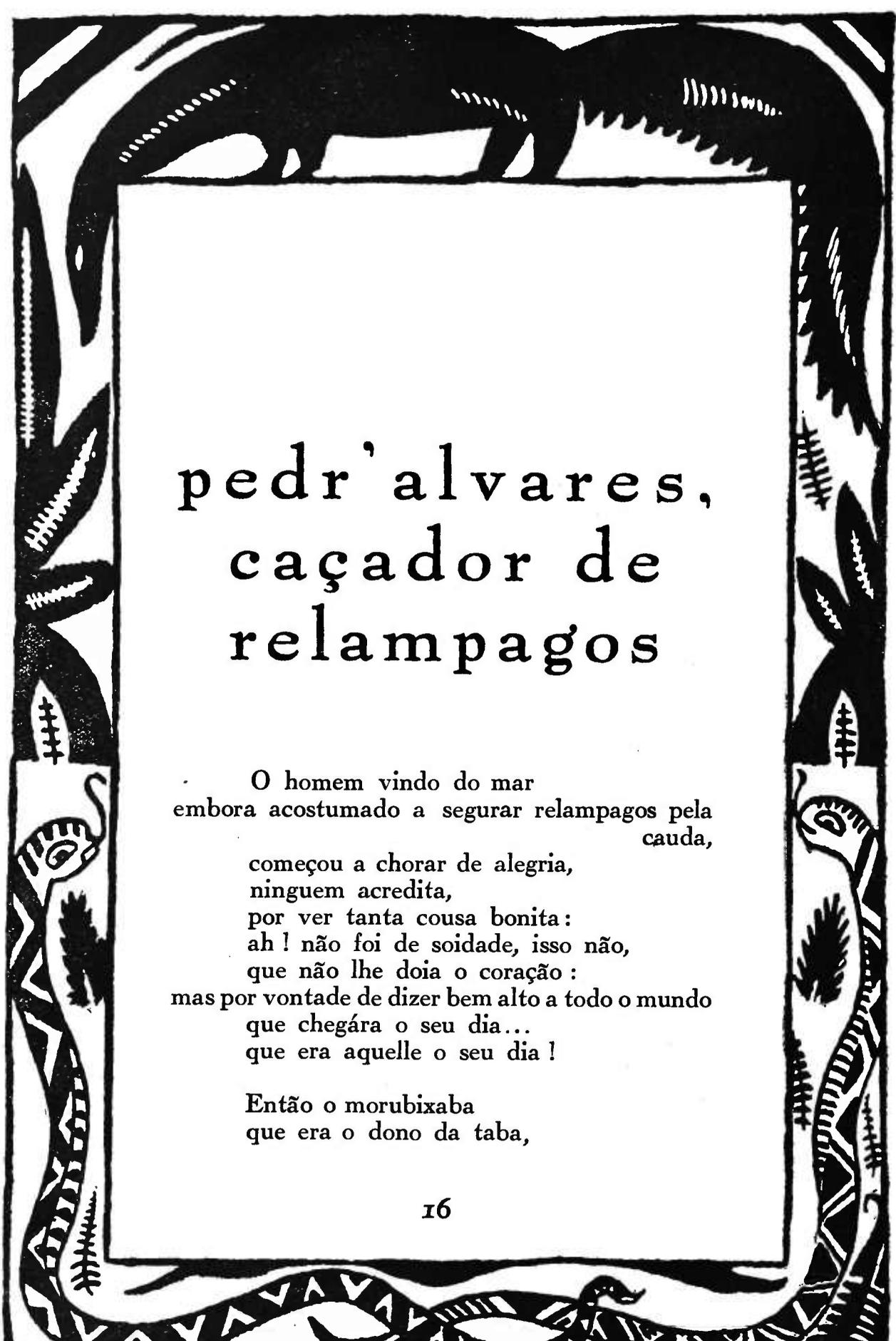


Por isso, ainda hoje, em toda caminhada  
ha uma voz a dizer “sem-fim”, no fim de cada  
estrada...



**chegou o dia  
português e  
quiz casar  
com a uiára**



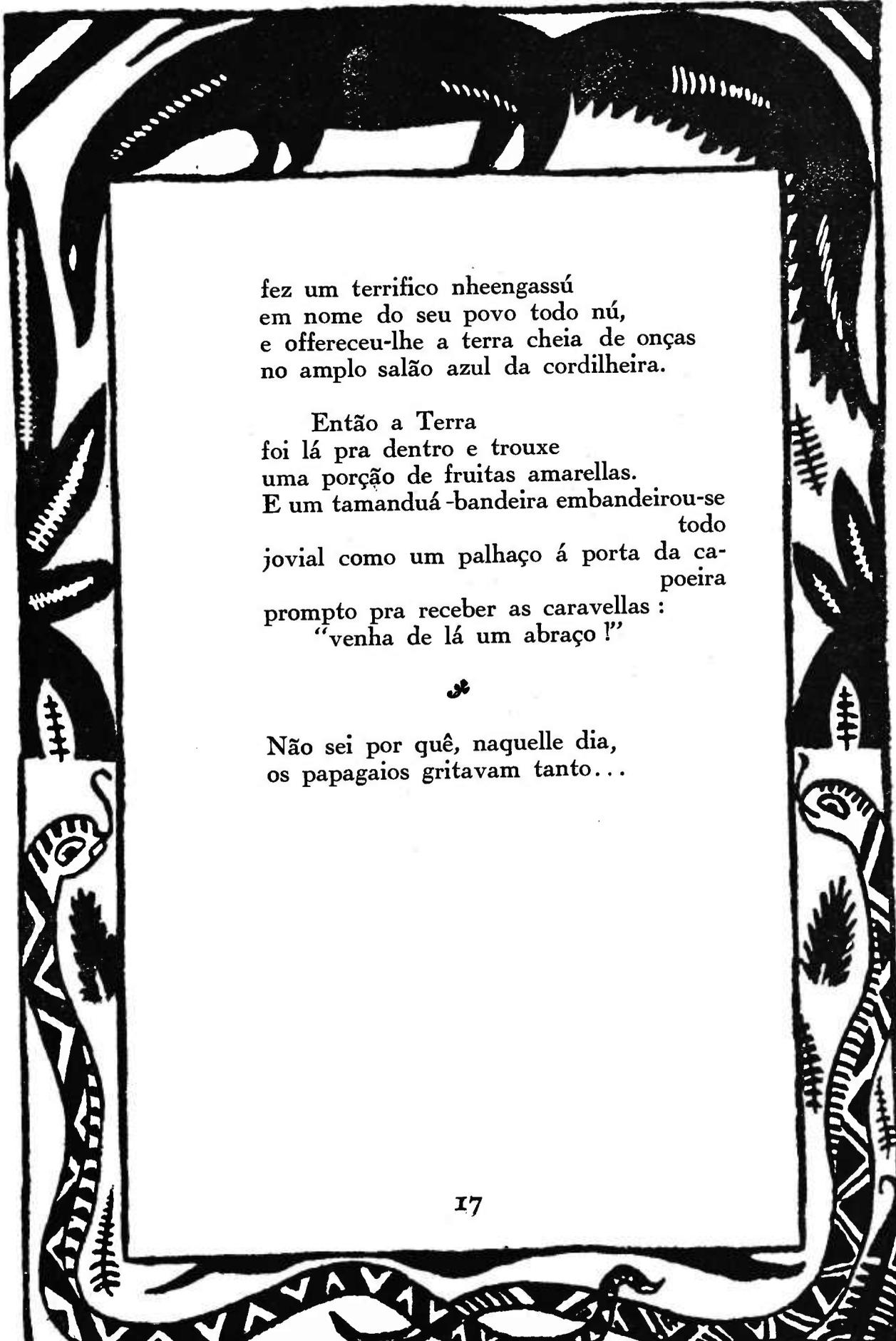


# pedr' alvares, caçador de relampagos

O homem vindo do mar  
embora acostumado a segurar relampagos pela  
cauda,

começou a chorar de alegria,  
ninguem acredita,  
por ver tanta coisa bonita:  
ah! não foi de soidade, isso não,  
que não lhe doia o coração:  
mas por vontade de dizer bem alto a todo o mundo  
que chegára o seu dia...  
que era aquelle o seu dia!

Então o morubixaba  
que era o dono da taba,

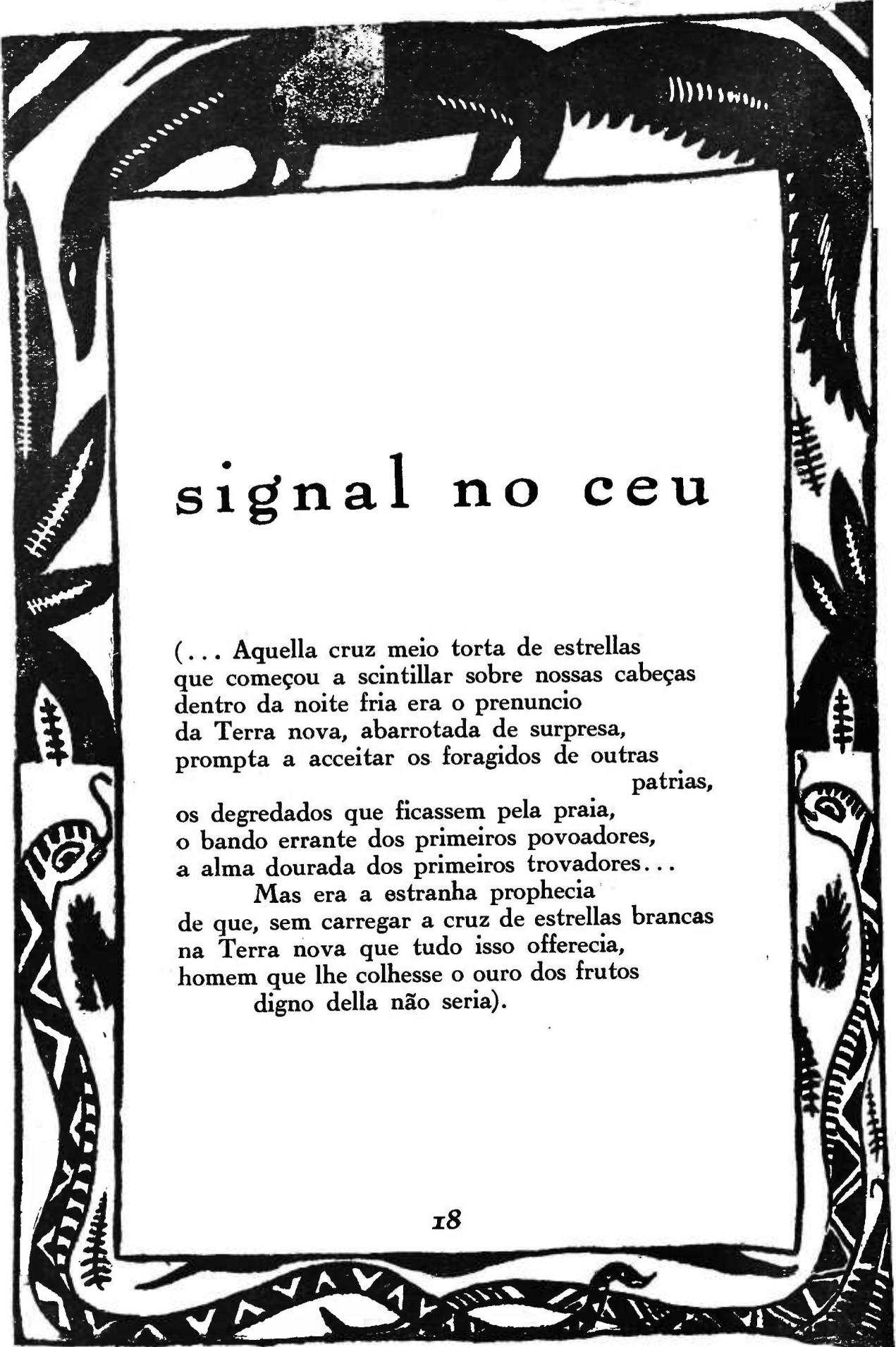


fez um terrífico nheengassú  
em nome do seu povo todo nú,  
e offereceu-lhe a terra cheia de onças  
no amplo salão azul da cordilheira.

Então a Terra  
foi lá pra dentro e trouxe  
uma porção de frutas amarellas.  
E um tamanduá-bandeira embandeirou-se  
jovial como um palhaço á porta da ca-  
poeira  
prompto pra receber as caravellas :  
“venha de lá um abraço !”



Não sei por quê, naquelle dia,  
os papagaios gritavam tanto...

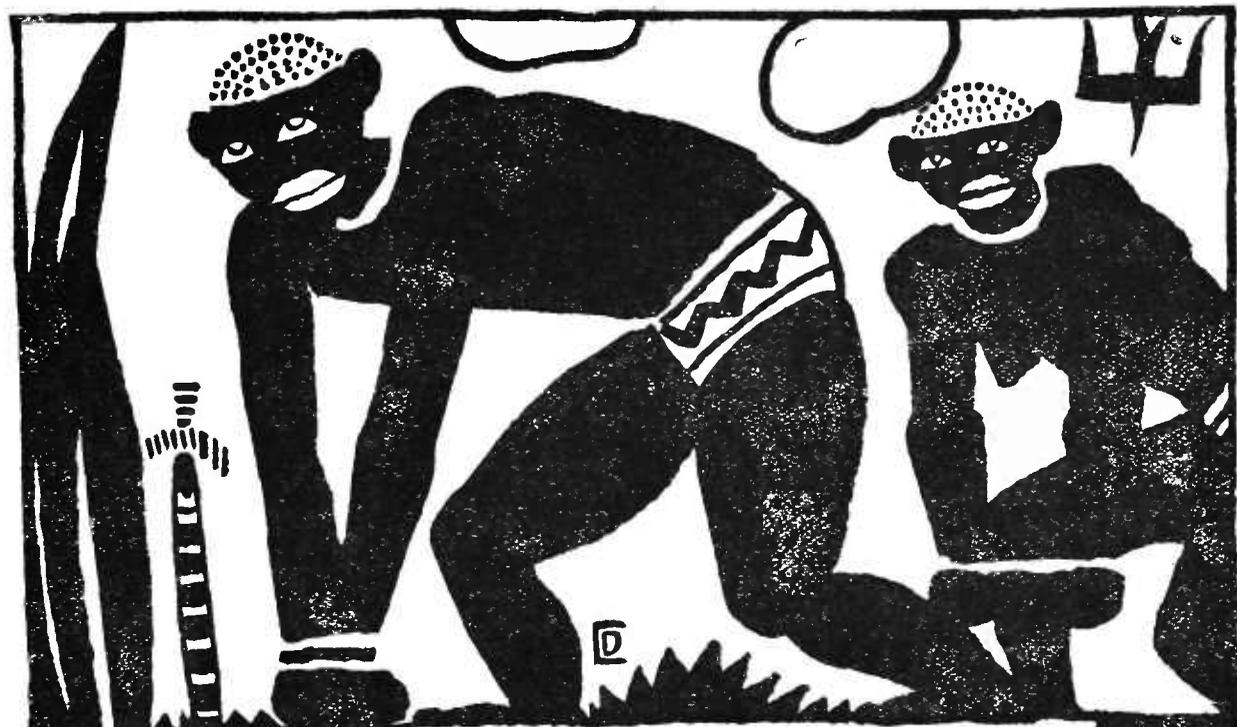


# signal no ceu

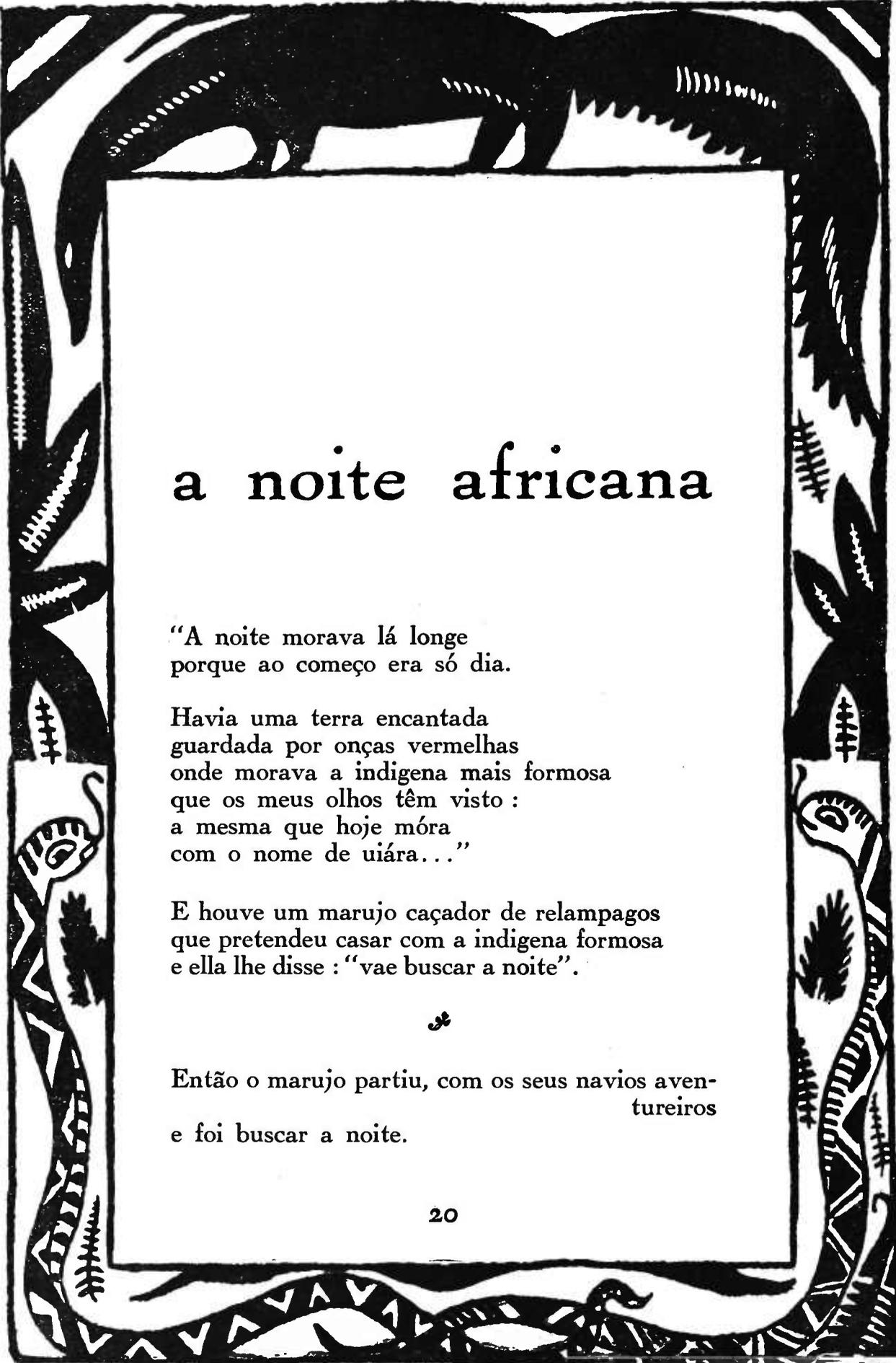
(... Aquella cruz meio torta de estrelas  
que começou a scintillar sobre nossas cabeças  
dentro da noite fria era o prenuncio  
da Terra nova, abarrotada de surpresa,  
prompta a acceitar os foragidos de outras

patrias,  
os degredados que ficassem pela praia,  
o bando errante dos primeiros povoadores,  
a alma dourada dos primeiros trovadores...

Mas era a estranha prophacia  
de que, sem carregar a cruz de estrelas brancas  
na Terra nova que tudo isso offerencia,  
homem que lhe colhesse o ouro dos frutos  
digno della não seria).



**a uiára lhe disse:  
vae buscar  
a noite...**



## a noite africana

“A noite morava lá longe  
porque ao começo era só dia.

Havia uma terra encantada  
guardada por onças vermelhas  
onde morava a indigena mais formosa  
que os meus olhos têm visto :  
a mesma que hoje móra  
com o nome de uiára...”

E houve um marujo caçador de relampagos  
que pretendeu casar com a indigena formosa  
e ella lhe disse : “vae buscar a noite”.



Então o marujo partiu, com os seus navios aventureiros  
e foi buscar a noite.

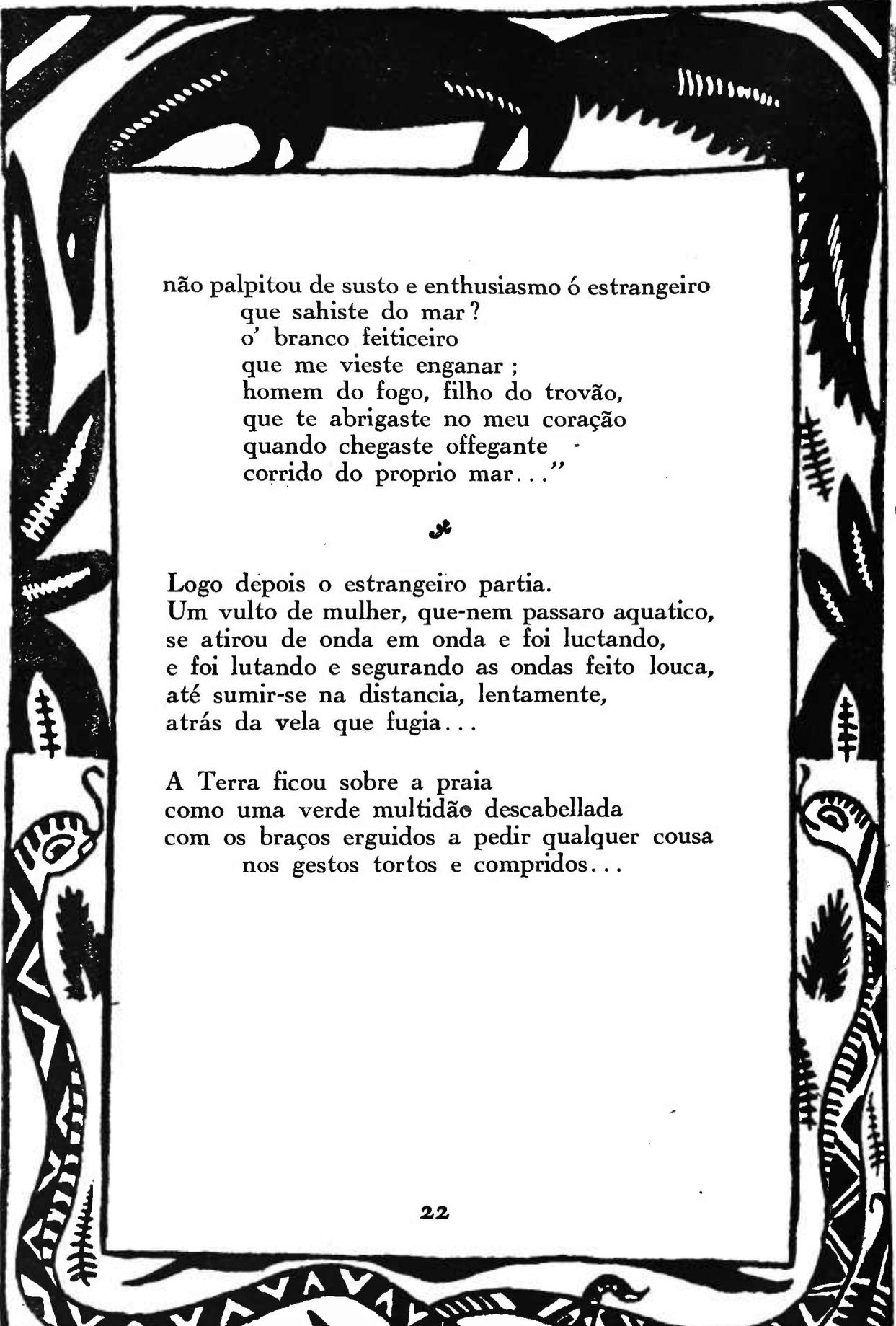


## terra amorosa

“Quando viéste do mar e não tinhas  
siquer um leito onde repousar  
eu estendi no chão o couro de um jaguar.  
Era um couro amarello e macio...  
mais macio que uma onda do mar.

Quando vieste com fome, tremendo de frio,  
eu dei-te a carne dos meus frutos,  
o conchego das plumas quentes, o mel puro  
do meu amor bravio  
mais bravio que uma onda do mar.

Que seria de ti, ó estrangeiro,  
si as minhas lagrimas não houvessem desarmado  
o braço rudo que se havia levantado  
sobre a tua cabeça á hora do castigo?  
E quanta vez, por tua causa,  
a minha flexa não silvou no espaço?  
E quanta vez por tua causa o meu seio trigueiro



não palpitou de susto e entusiasmo ó estrangeiro  
que sahiste do mar?  
o' branco feiticeiro  
que me vieste enganar ;  
homem do fogo, filho do trovão,  
que te abrigaste no meu coração  
quando chegaste offegante  
corrido do proprio mar..."



Logo depois o estrangeiro partia.  
Um vulto de mulher, que-nem passaro aquatico,  
se atirou de onda em onda e foi luctando,  
e foi lutando e segurando as ondas feito louca,  
até sumir-se na distancia, lentamente,  
atrás da vela que fugia...

A Terra ficou sobre a praia  
como uma verde multidão descabellada  
com os braços erguidos a pedir qualquer coisa  
nos gestos tortos e compridos...

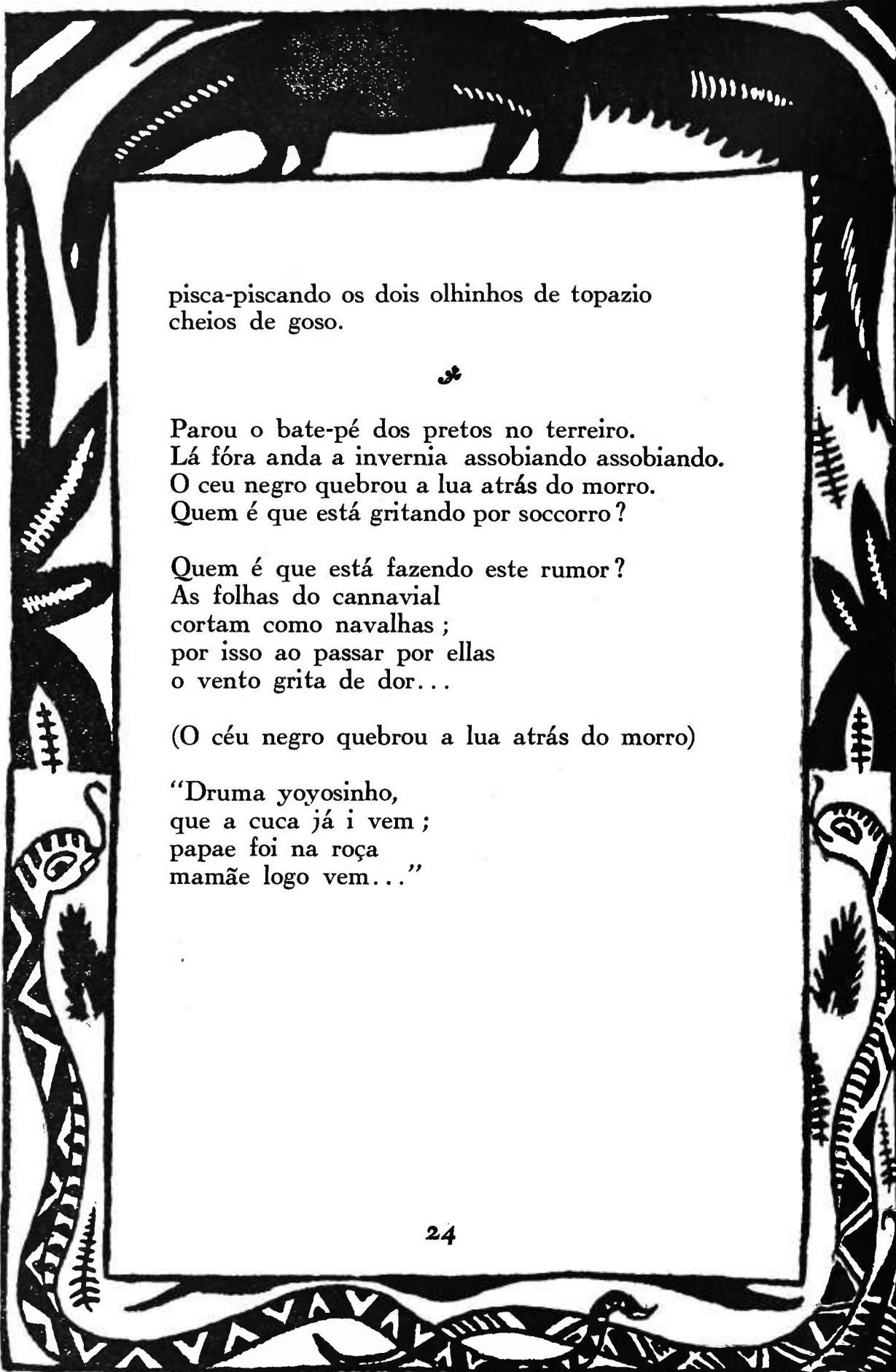


# mãe - p r e t a

Havia uma voz de choro  
dentro da noite brasileira :  
“druma yoyosinho  
que a cuca já i vem ;  
papae foi na roça  
mamãe logo vem...”

E a noite punha em cada sonho de creança  
uma porção de lanterninhas de ouro.  
E o dia era um bazar onde havia brinquedos  
bólas de joá, pennas de arara ou papagaios ;  
dia-palhaço oferecendo os seus tucanos de  
vellido  
arvores-carnaval que jogavam entrudo.

Cada creança ainda em botão  
chupava ao peito de carvão de uma ama escrava  
a alva espuma de um luar gostoso tão gostoso  
que o pequerrucho resmungava



pisca-piscando os dois olhinhos de topazio  
cheios de goso.



Parou o bate-pé dos pretos no terreiro.  
Lá fóra anda a invernia assobiando assobiando.  
O ceu negro quebrou a lua atrás do morro.  
Quem é que está gritando por socorro?

Quem é que está fazendo este rumor?  
As folhas do cannavial  
cortam como navalhas;  
por isso ao passar por ellas  
o vento grita de dor...

(O céu negro quebrou a lua atrás do morro)

“Druma yoyosinho,  
que a cuca já i vem;  
papae foi na roça  
mamãe logo vem...”



# a morte do zambi

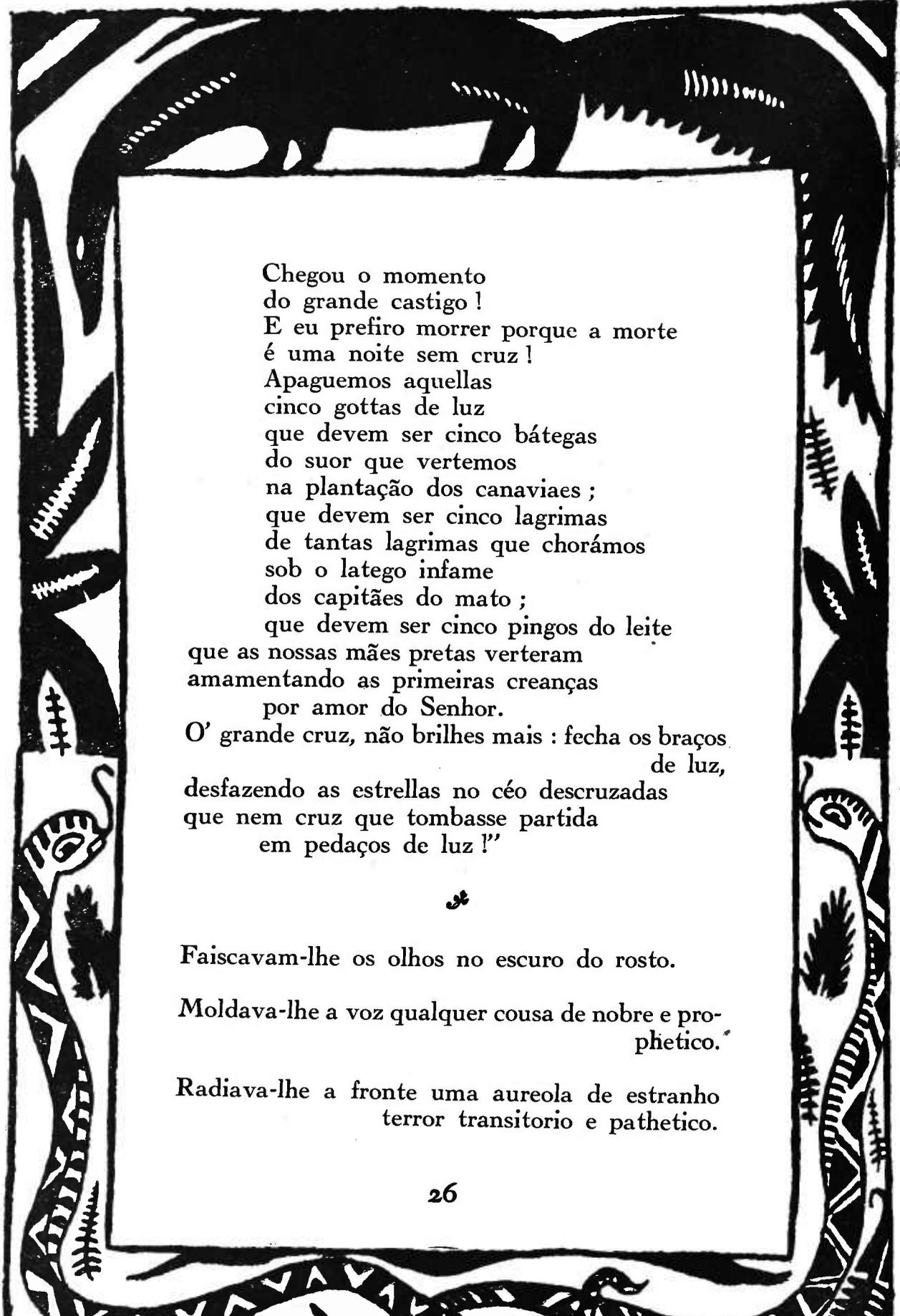
Na verde moldura da serra  
riscou-se a carvão a Republica negra.

E cada canhambóra moribundo  
de venta larga e pé chato  
pingando sangue pelo corpo  
era uma noite humana a quem o relho  
do capitão do mato  
estrellou de vermelho.



Mas eu tenho pra mim  
que o chefe dos negros falou  
mais ou menos assim :

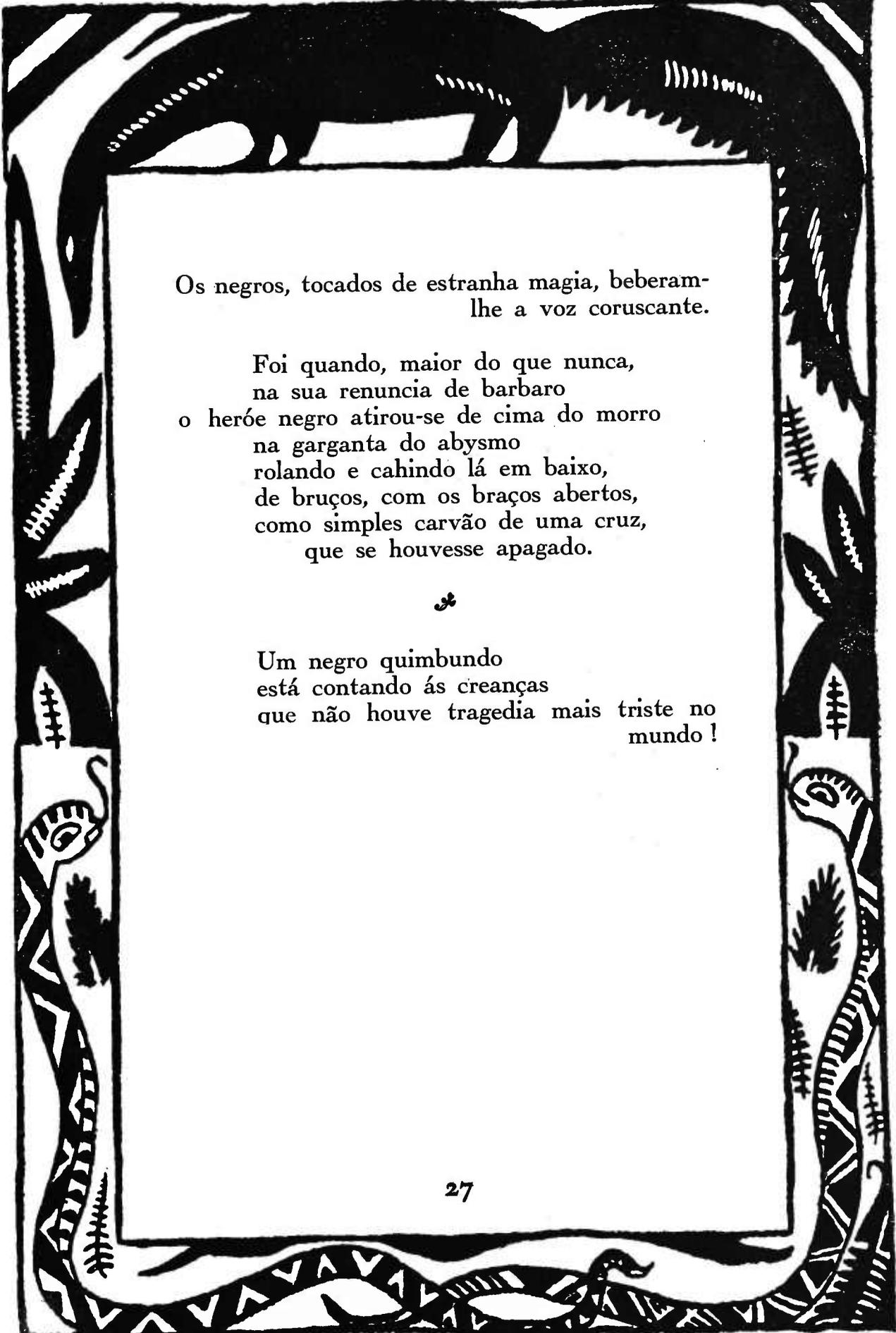
“Lutamos ha quasi cem annos.  
Morreu a lavoura nas mãos do inimigo.  
Maior do que a guerra nos montes por entre as  
trincheiras de pedra é o phantasma da fome  
que ronda os mocambos !



Chegou o momento  
do grande castigo !  
E eu prefiro morrer porque a morte  
é uma noite sem cruz !  
Apaguemos aquellas  
cinco gottas de luz  
que devem ser cinco bátegas  
do suor que vertemos  
na plantação dos canaviaes ;  
que devem ser cinco lagrimas  
de tantas lagrimas que chorámos  
sob o latego infame  
dos capitães do mato ;  
que devem ser cinco pingos do leite  
que as nossas mães pretas verteram  
amamentando as primeiras creanças  
por amor do Senhor.  
O' grande cruz, não brilhes mais : fecha os braços  
de luz,  
desfazendo as estrellas no céu descruzadas  
que nem cruz que tombasse partida  
em pedaços de luz !”



Faiscavam-lhe os olhos no escuro do rosto.  
Moldava-lhe a voz qualquer cousa de nobre e prophetic.  
Radiava-lhe a fronte uma aureola de estranho  
terror transitorio e pathetico.

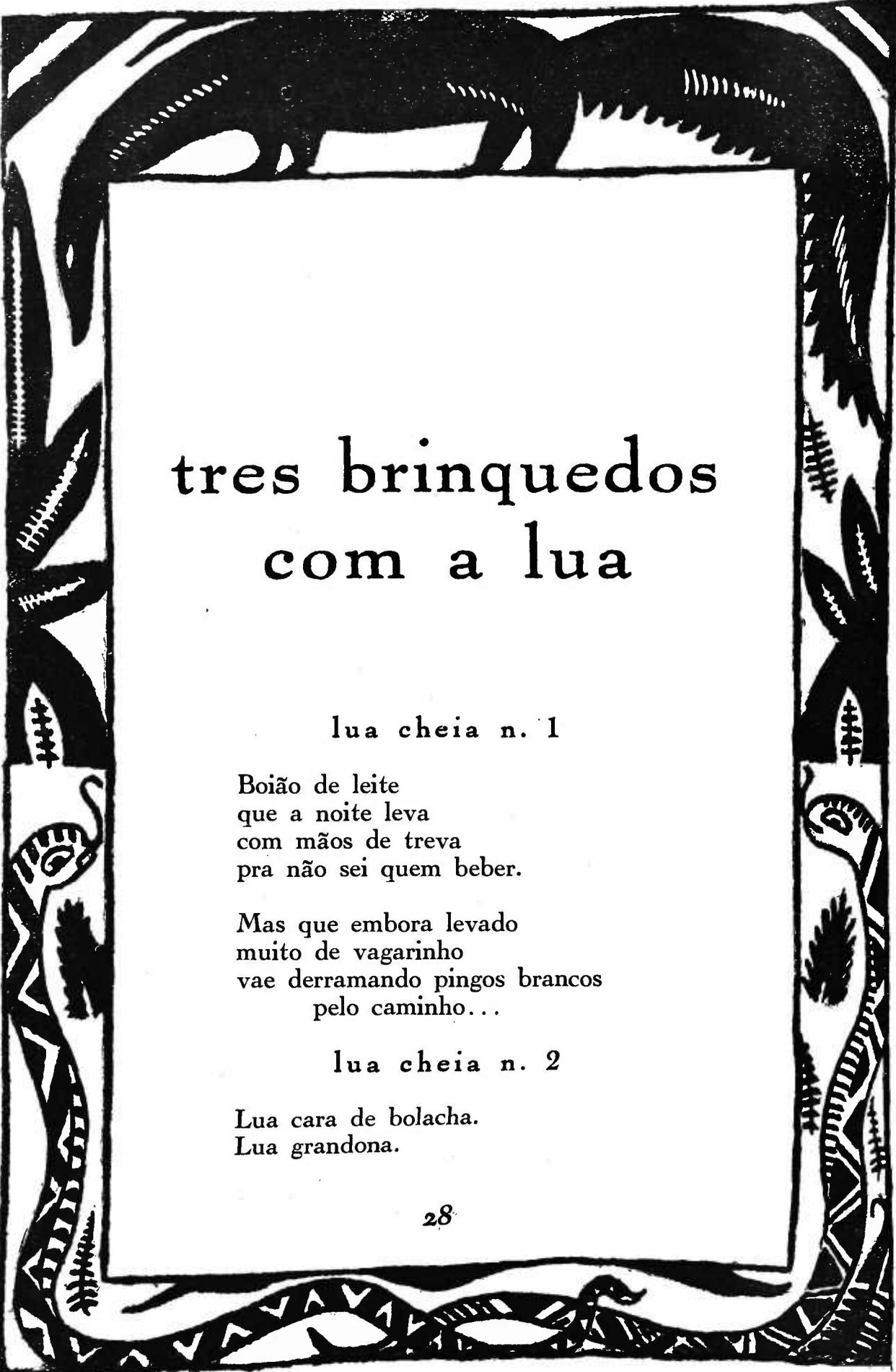


Os negros, tocados de estranha magia, beberam-  
lhe a voz coruscante.

Foi quando, maior do que nunca,  
na sua renuncia de barbaro  
o heróe negro atirou-se de cima do morro  
na garganta do abysmo  
rolando e cahindo lá em baixo,  
de bruços, com os braços abertos,  
como simples carvão de uma cruz,  
que se houvesse apagado.



Um negro quimbundo  
está contando ás creanças  
que não houve tragedia mais triste no  
mundo !



# tres brinquedos com a lua

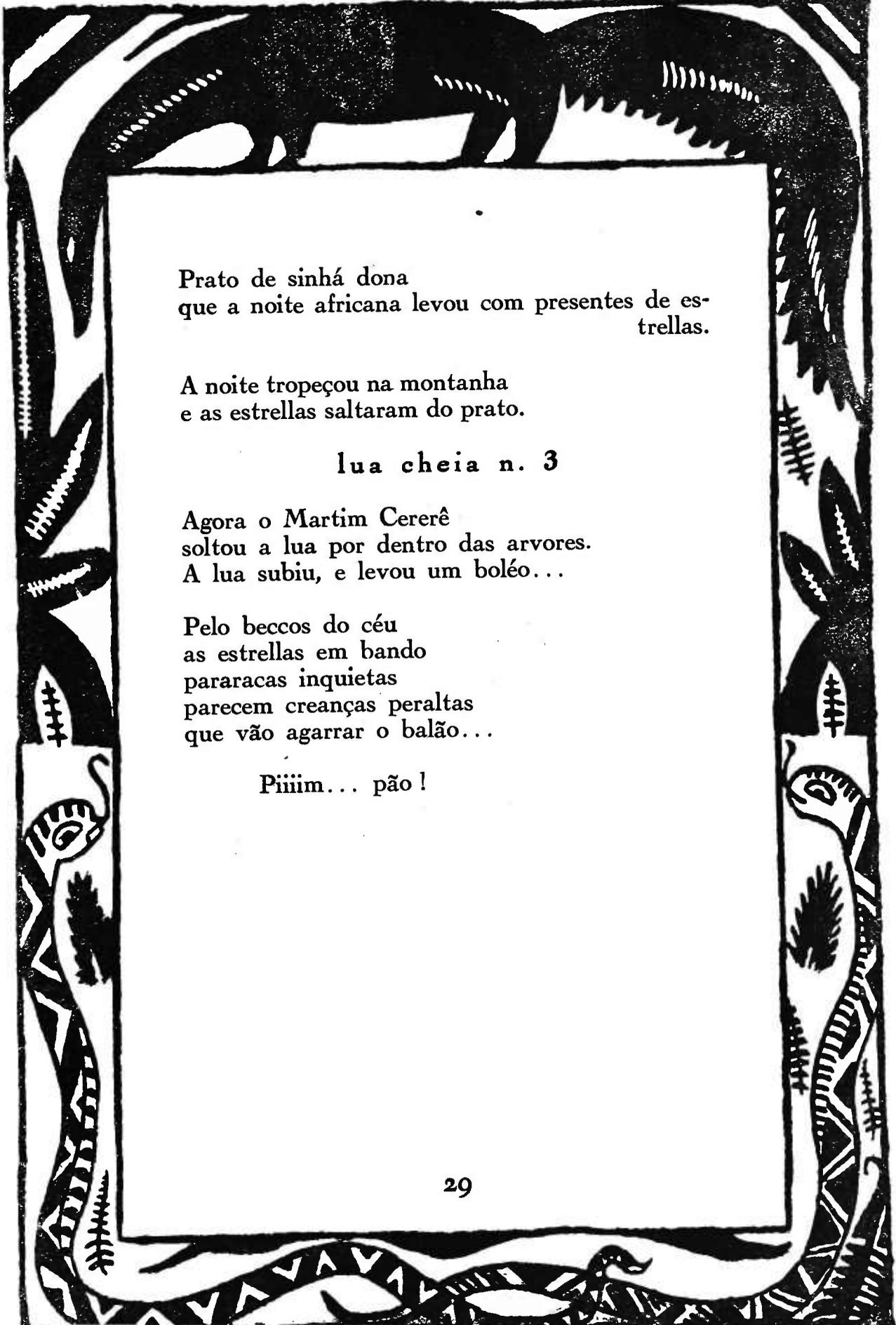
## lua cheia n. 1

Boião de leite  
que a noite leva  
com mãos de treva  
pra não sei quem beber.

Mas que embora levado  
muito de vagarinho  
vae derramando pingos brancos  
pelo caminho...

## lua cheia n. 2

Lua cara de bolacha.  
Lua grandona.



Prato de sinhá dona  
que a noite africana levou com presentes de es-  
trellas.

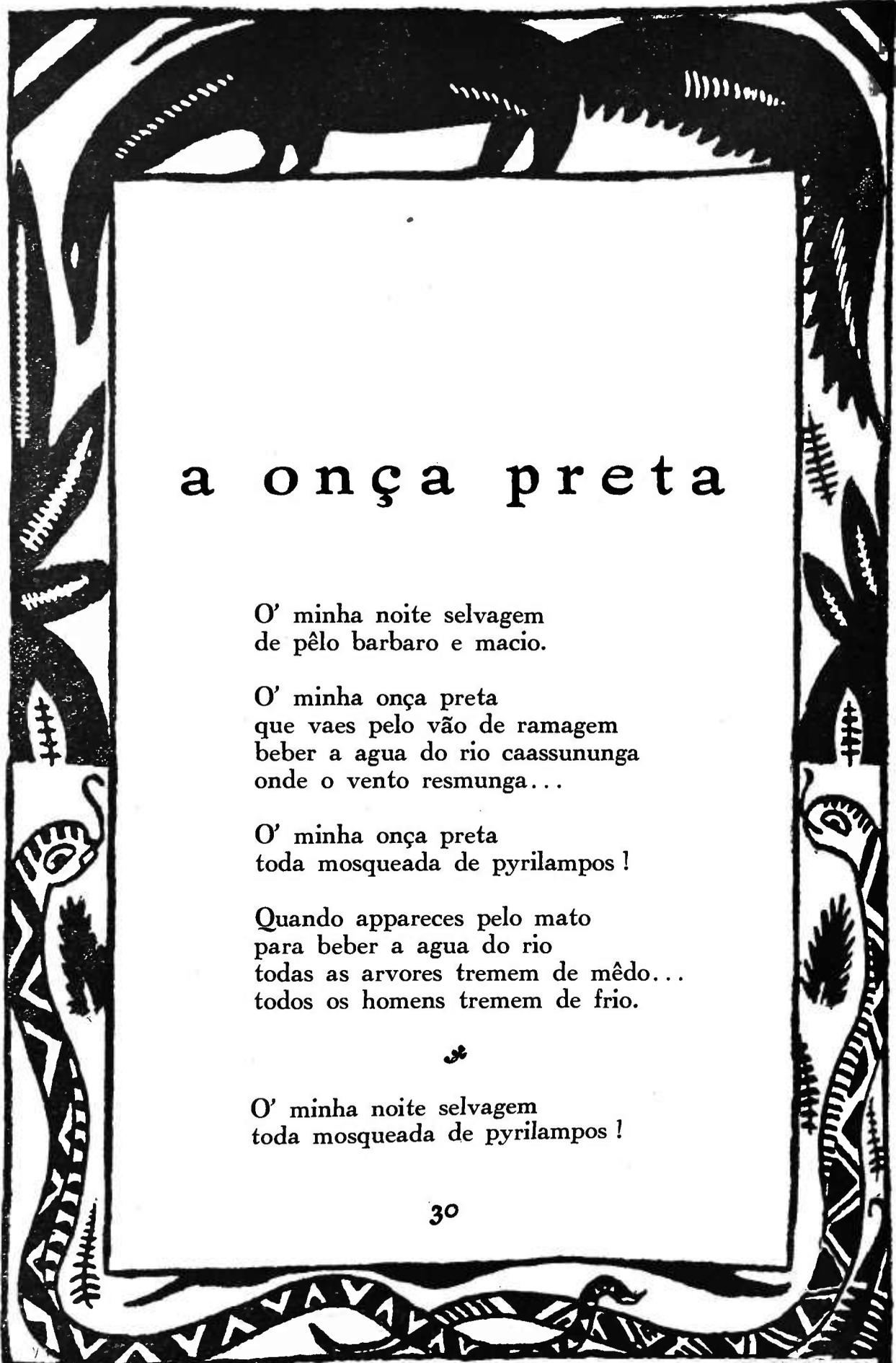
A noite tropeçou na montanha  
e as estrellas saltaram do prato.

### lua cheia n. 3

Agora o Martim Cererê  
soltou a lua por dentro das arvores.  
A lua subiu, e levou um boléo...

Pelo beccos do céu  
as estrellas em bando  
pararacas inquietas  
parecem creanças peraltas  
que vão agarrar o balão...

Piiiiim... pão!



# a onça preta

O' minha noite selvagem  
de pêlo barbaro e macio.

O' minha onça preta  
que vaes pelo vão de ramagem  
beber a agua do rio caassununga  
onde o vento resmunga...

O' minha onça preta  
toda mosqueada de pyrilampos !

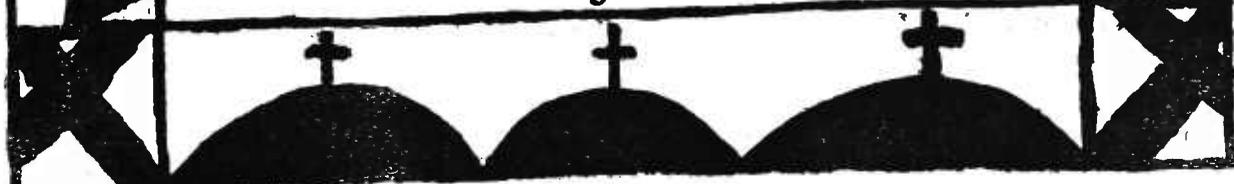
Quando appareces pelo mato  
para beber a agua do rio  
todas as arvores tremem de mêdo...  
todos os homens tremem de frio.

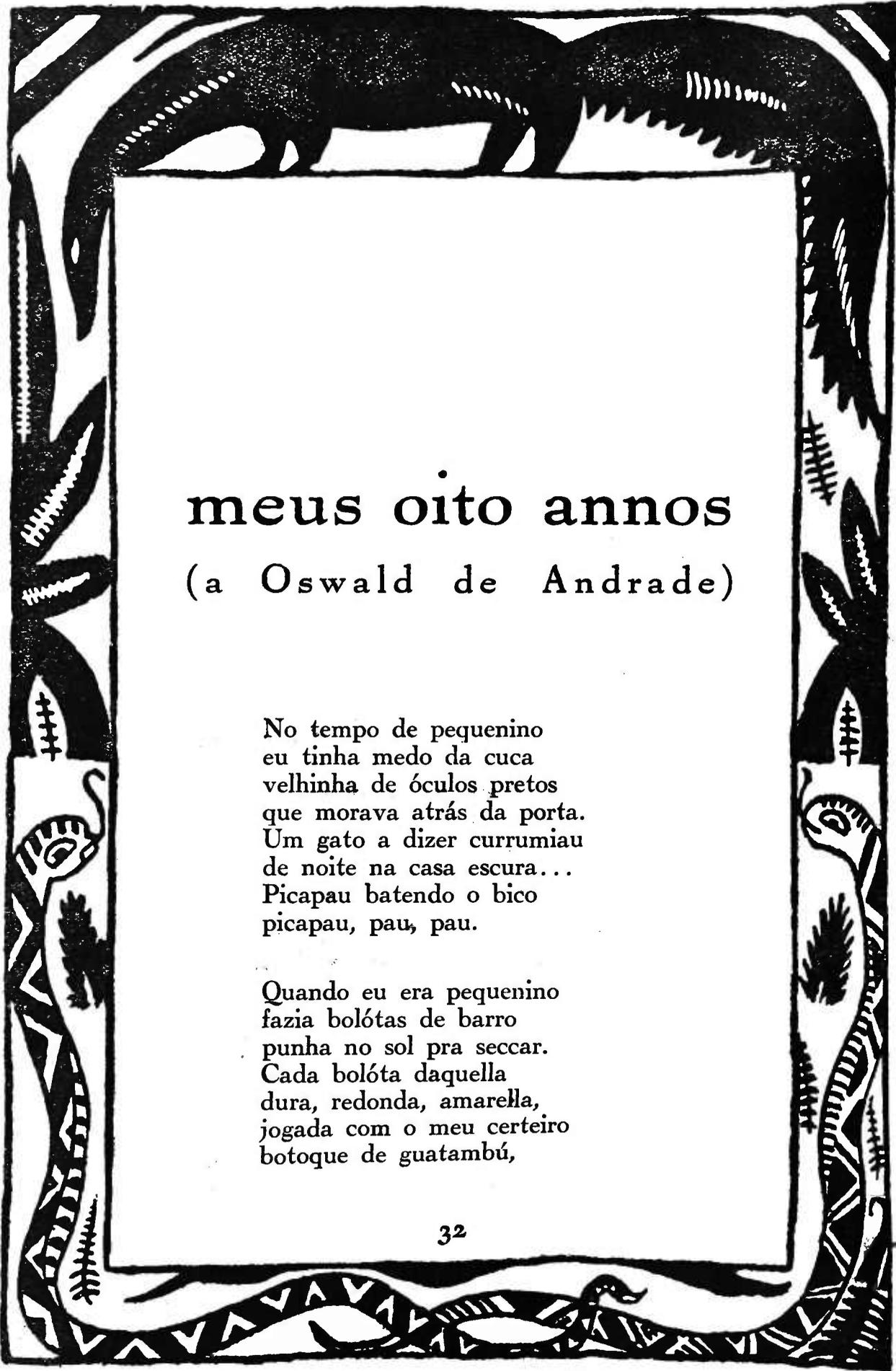


O' minha noite selvagem  
toda mosqueada de pyrilampos !



**a noite veio...  
então nasceram  
os gigantes,  
heróis das  
tres côres.**



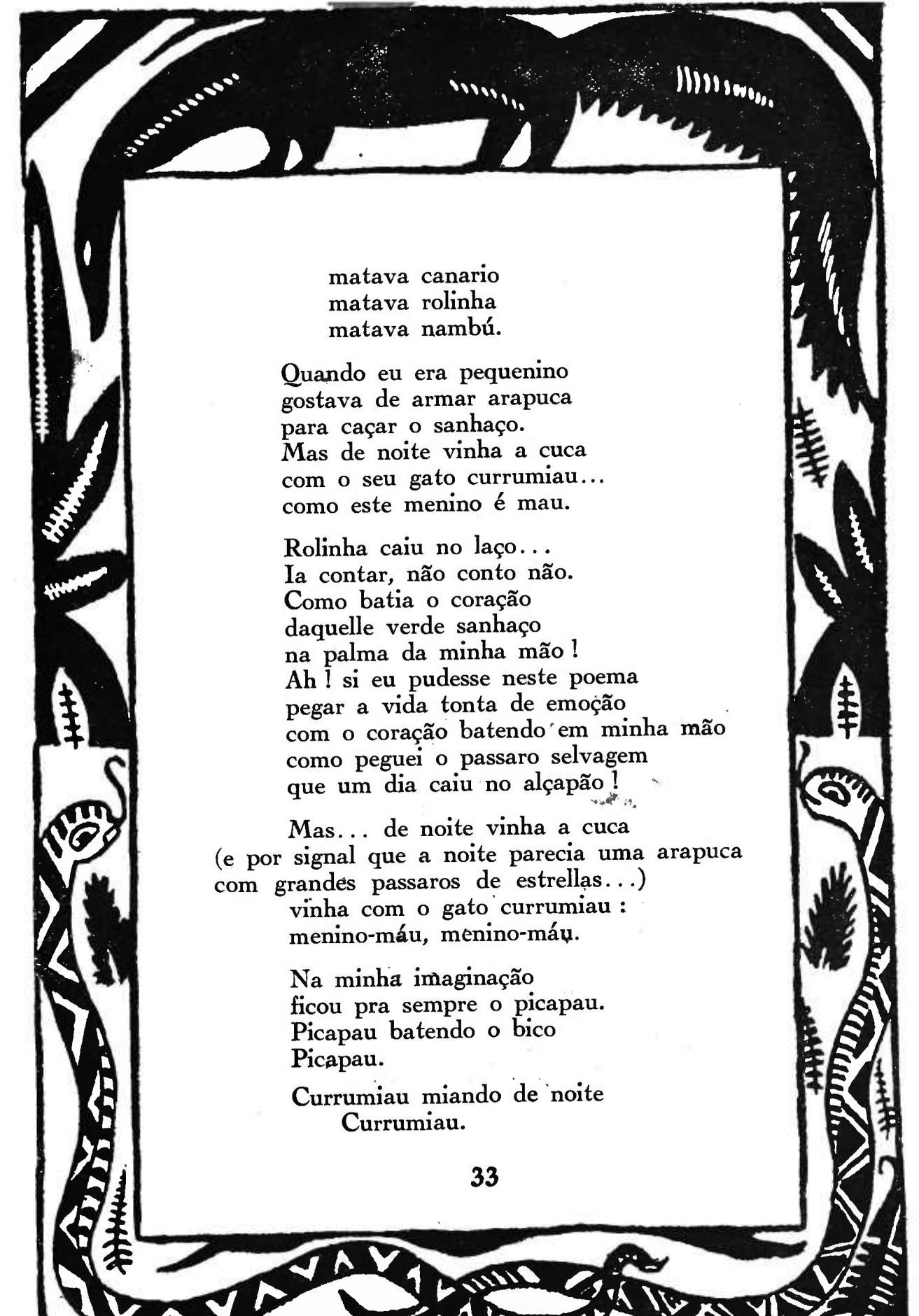


# meus oito annos

(a Oswald de Andrade)

No tempo de pequenino  
eu tinha medo da cuca  
velhinha de óculos pretos  
que morava atrás da porta.  
Um gato a dizer currumiau  
de noite na casa escura...  
Picapau batendo o bico  
picapau, pau, pau.

Quando eu era pequenino  
fazia bolótas de barro  
punha no sol pra seccar.  
Cada bolóta daquella  
dura, redonda, amarella,  
jogada com o meu certoiro  
botoque de guatambú,



matava canario  
matava rolinha  
matava nambú.

Quando eu era pequenino  
gostava de armar arapuca  
para caçar o sanhaço.  
Mas de noite vinha a cuca  
com o seu gato currumiau...  
como este menino é mau.

Rolinha caiu no laço...  
Ia contar, não conto não.  
Como batia o coração  
daquelle verde sanhaço  
na palma da minha mão!  
Ah! si eu pudesse neste poema  
pegar a vida tonta de emoção  
com o coração batendo em minha mão  
como peguei o passaro selvagem  
que um dia caiu no alçapão!

Mas... de noite vinha a cuca  
(e por signal que a noite parecia uma arapuca  
com grandes passaros de estrellas...)  
vinha com o gato currumiau:  
menino-máu, menino-máu.

Na minha imaginação  
ficou pra sempre o picapau.  
Picapau batendo o bico  
Picapau.

Currumiau miando de noite  
Currumiau.



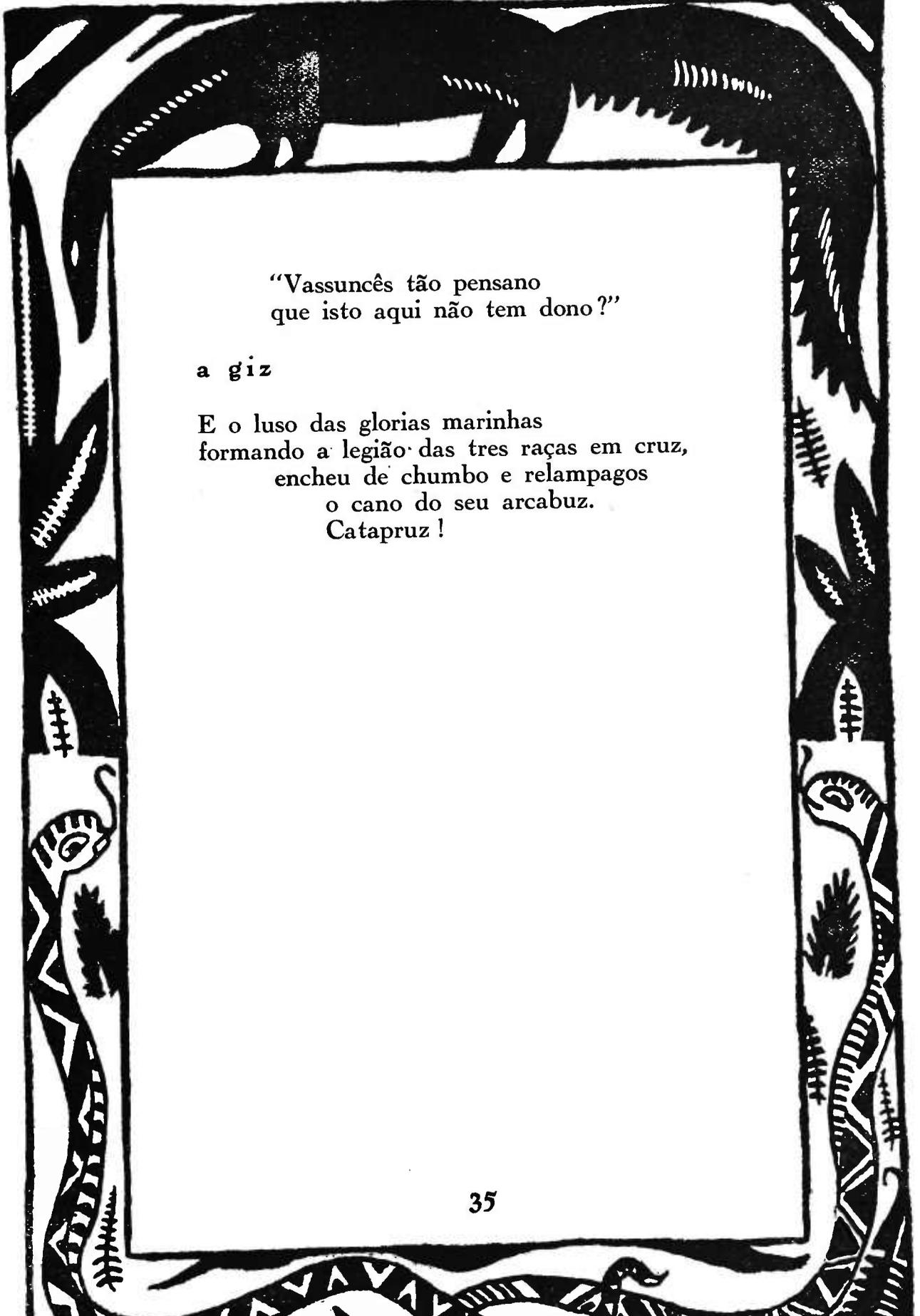
# retratos dos meus heróes

## a lapis vermelho

Então o indio, caçador de gaviões de pennacho,  
pulou no reboiço da manhã : espére um pouco  
que eu já vou conversar com você ; yára rama  
recê !

## a carvão

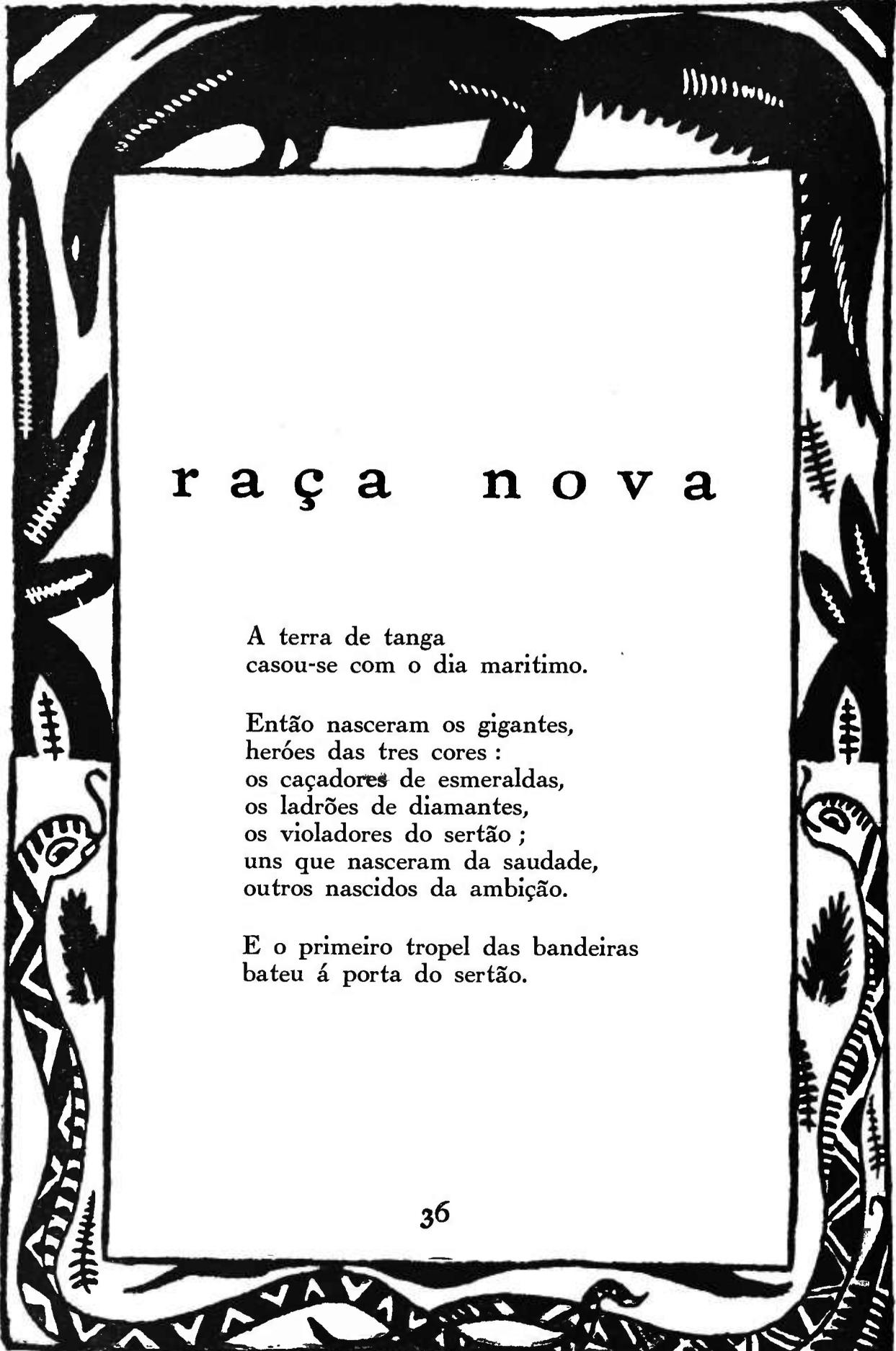
Então o heróe negro saiu da senzala  
e indagou com candonga na fala,  
que aves de arribação eram aquellas  
que entravam pela porta aberta das bahias  
como quem entra num salão em abandono.



“Vassuncês tão pensano  
que isto aqui não tem dono?”

a giz

E o luso das glorias marinhas  
formando a legião das tres raças em cruz,  
encheu de chumbo e relampagos  
o cano do seu arcabuz.  
Catapruz!

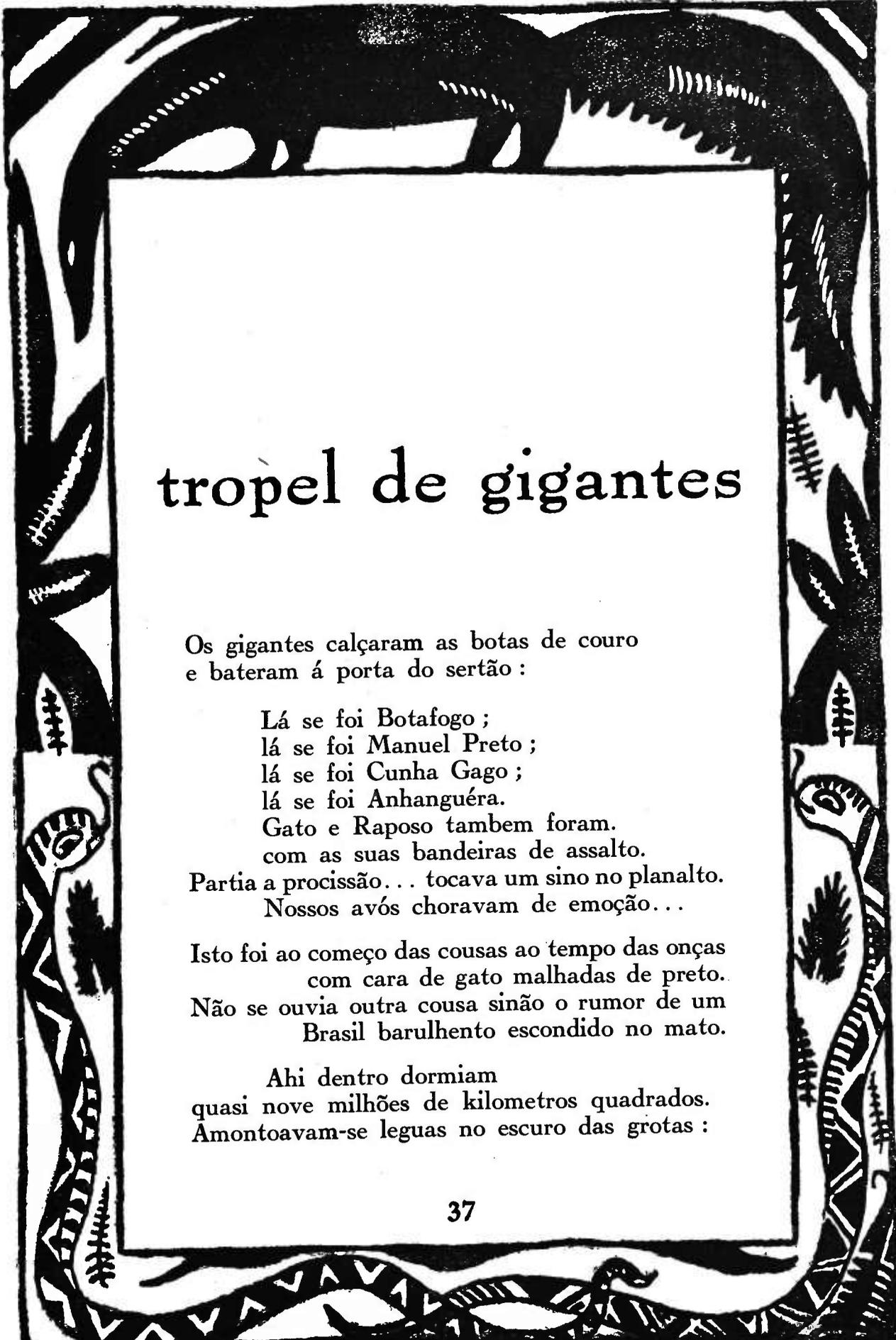


# r a ç a   n o v a

A terra de tanga  
casou-se com o dia marítimo.

Então nasceram os gigantes,  
heróis das tres cores :  
os caçadores de esmeraldas,  
os ladrões de diamantes,  
os violadores do sertão ;  
uns que nasceram da saudade,  
outros nascidos da ambição.

E o primeiro tropel das bandeiras  
bateu á porta do sertão.



# tropel de gigantes

Os gigantes calçaram as botas de couro  
e bateram á porta do sertão :

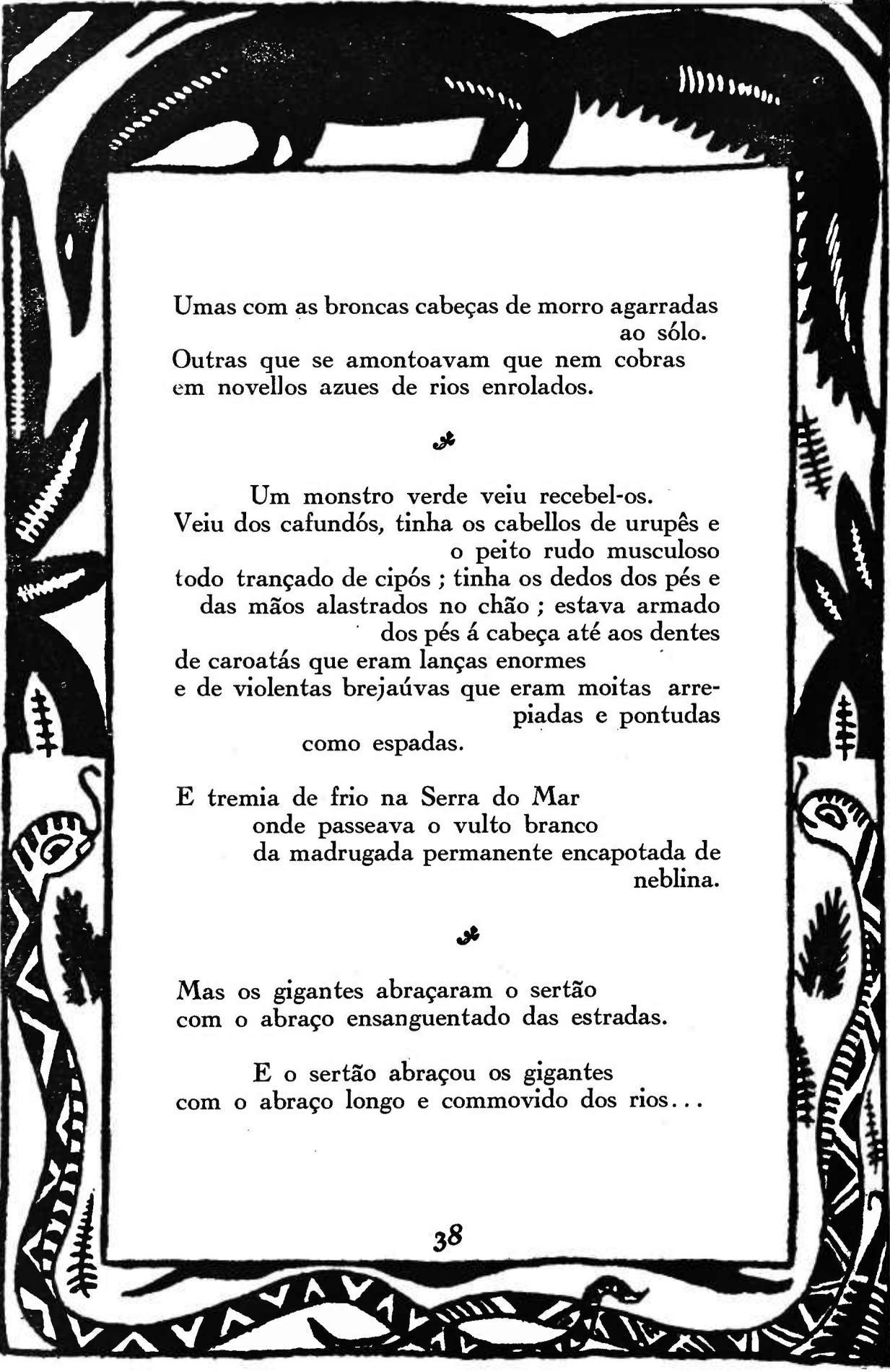
Lá se foi Botafogo ;  
lá se foi Manuel Preto ;  
lá se foi Cunha Gago ;  
lá se foi Anhanguéra.

Gato e Raposo também foram.  
com as suas bandeiras de assalto.

Partia a procissão... tocava um sino no planalto.  
Nossos avós choravam de emoção...

Isto foi ao começo das cousas ao tempo das onças  
com cara de gato malhadas de preto.  
Não se ouvia outra cousa sinão o rumor de um  
Brasil barulhento escondido no mato.

Ahi dentro dormiam  
quasi nove milhões de kilometros quadrados.  
Amontoavam-se leguas no escuro das grotas :



Umas com as broncas cabeças de morro agarradas  
ao sólo.  
Outras que se amontoavam que nem cobras  
em novellos azues de rios enrolados.



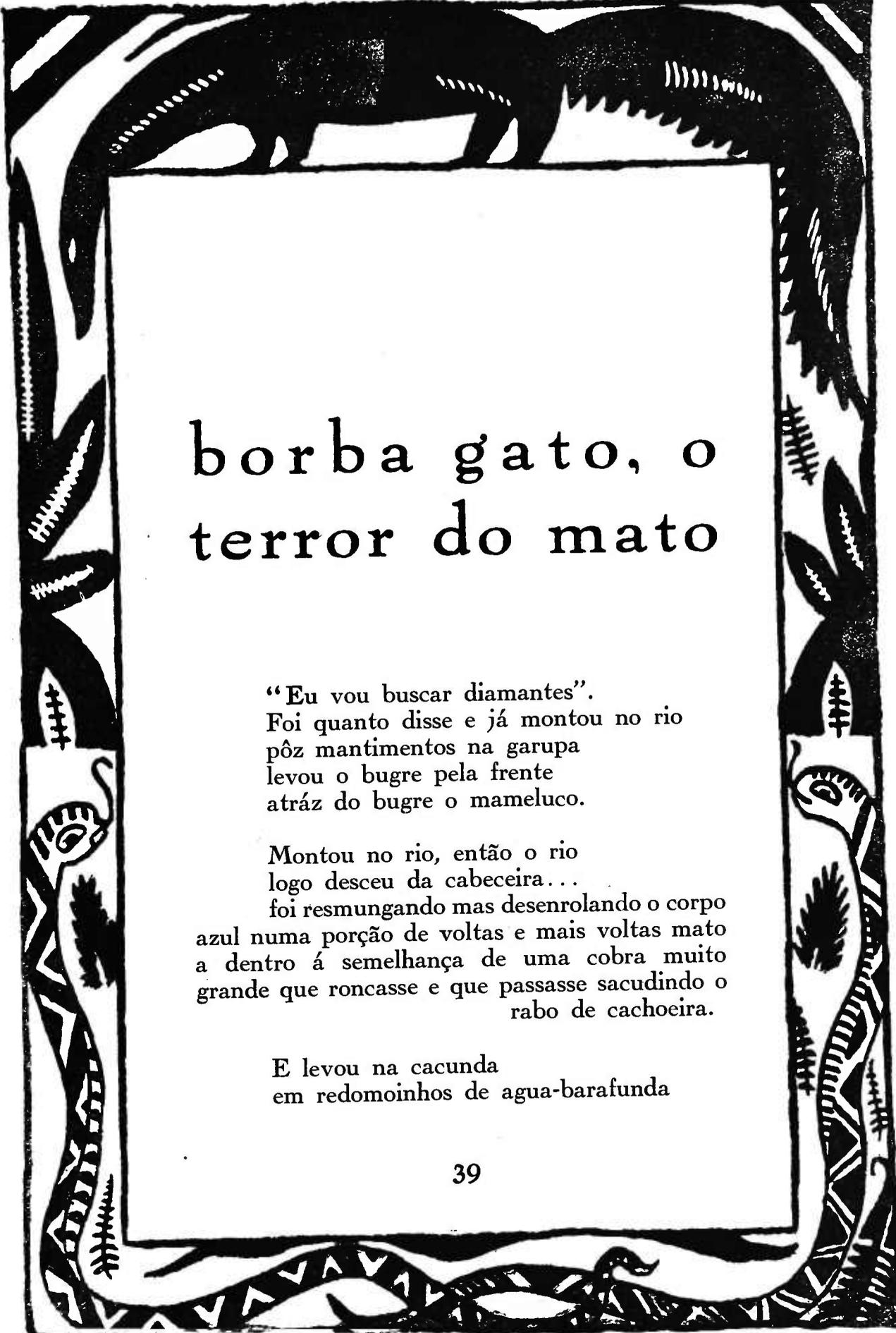
Um monstro verde veiu recebel-os.  
Veiu dos cafundós, tinha os cabellos de urupês e  
o peito rudo musculoso  
todo trançado de cipós ; tinha os dedos dos pés e  
das mãos alastrados no chão ; estava armado  
dos pés á cabeça até aos dentes  
de carcoatás que eram lanças enormes  
e de violentas brejaúvas que eram moitas arre-  
piadas e pontudas  
como espadas.

E tremia de frio na Serra do Mar  
onde passeava o vulto branco  
da madrugada permanente encapotada de  
neblina.



Mas os gigantes abraçaram o sertão  
com o abraço ensanguentado das estradas.

E o sertão abraçou os gigantes  
com o abraço longo e commovido dos rios...

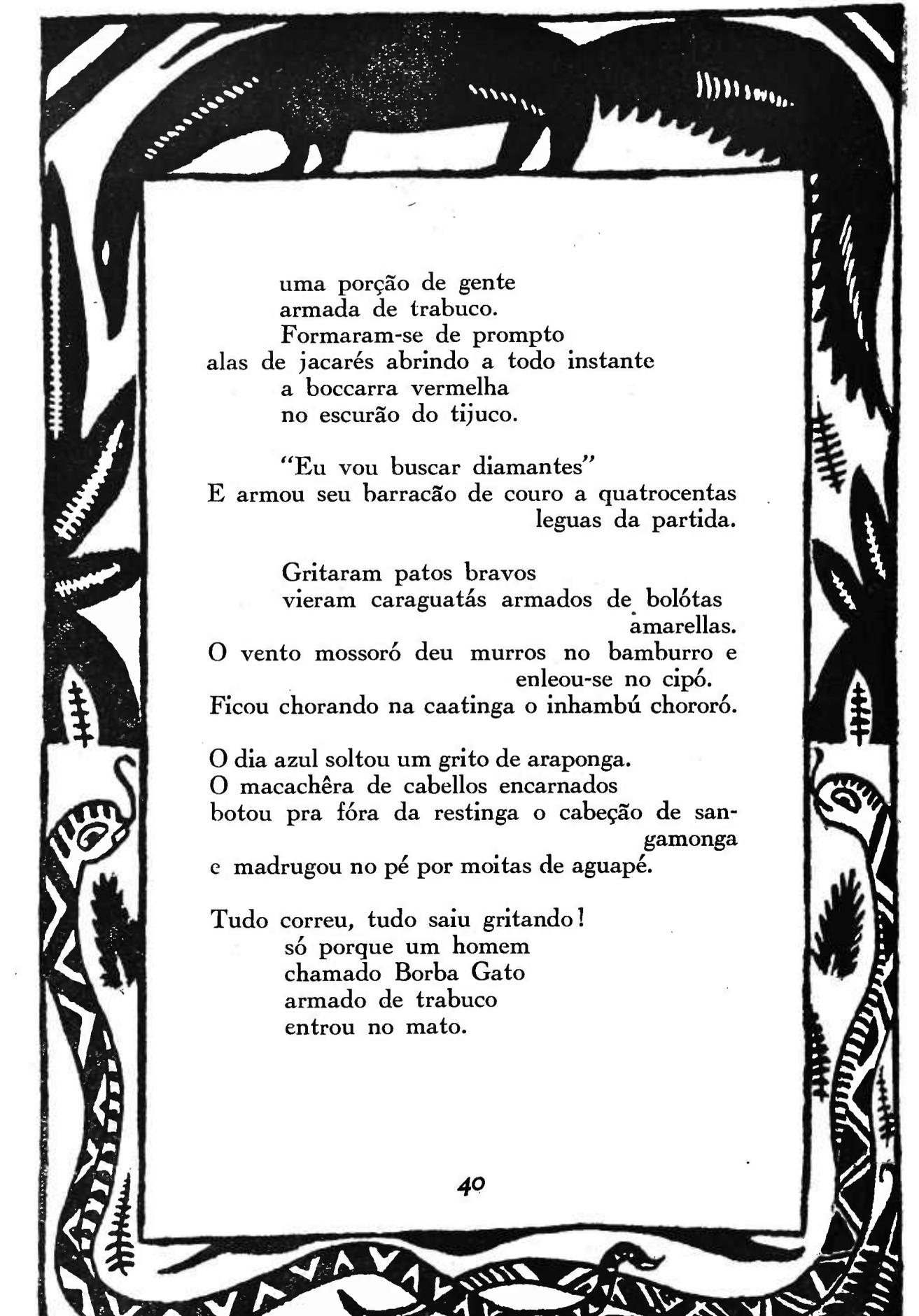


# borba gato, o terror do mato

“Eu vou buscar diamantes”.  
Foi quanto disse e já montou no rio  
pôz mantimentos na garupa  
levou o bugre pela frente  
atrás do bugre o mameluco.

Montou no rio, então o rio  
logo desceu da cabeceira...  
foi resmungando mas desenrolando o corpo  
azul numa porção de voltas e mais voltas mato  
a dentro á semelhança de uma cobra muito  
grande que roncasse e que passasse sacudindo o  
rabo de cachoeira.

E levou na cacunda  
em redomoinhos de agua-barafunda



uma porção de gente  
armada de trabuco.  
Formaram-se de prompto  
alas de jacarés abrindo a todo instante  
a bocarra vermelha  
no escurão do tijuco.

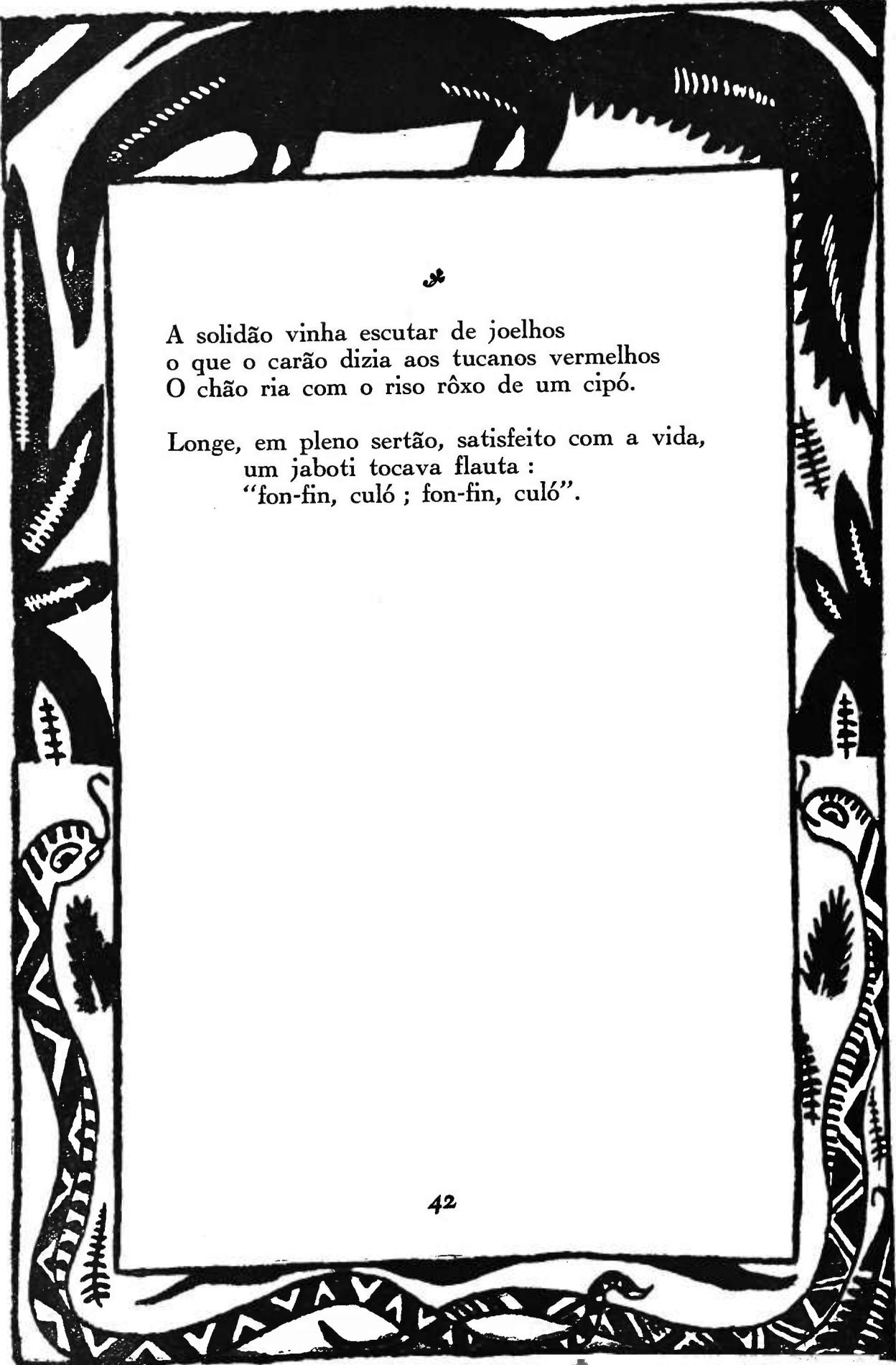
“Eu vou buscar diamantes”  
E armou seu barracão de couro a quatrocentas  
leguas da partida.

Gritaram patos bravos  
vieram caragatás armados de bolótas  
amarellas.  
O vento mossoró deu murros no bamburro e  
enleou-se no cipó.  
Ficou chorando na caatinga o inhambú chororó.

O dia azul soltou um grito de araponga.  
O macachêra de cabellos encarnados  
botou pra fóra da restinga o cabeção de san-  
gamonga  
e madrugou no pé por moitas de aguapé.

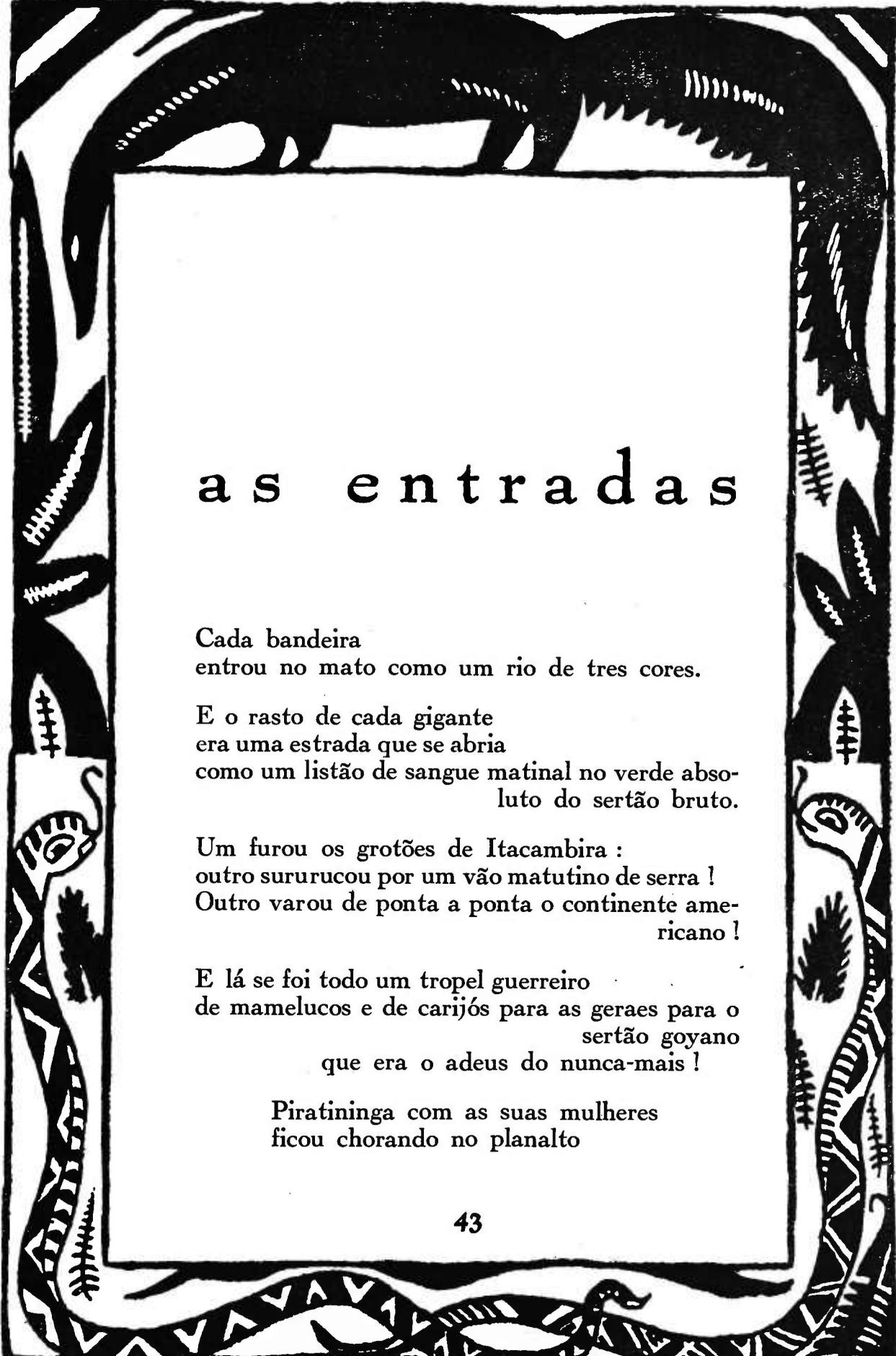
Tudo correu, tudo saiu gritando!  
só porque um homem  
chamado Borba Gato  
armado de trabuco  
entrou no mato.





A solidão vinha escutar de joelhos  
o que o carão dizia aos tucanos vermelhos  
O chão ria com o riso rôxo de um cipó.

Longe, em pleno sertão, satisfeito com a vida,  
um jaboti tocava flauta :  
“fon-fin, culó ; fon-fin, culó”.



# a s e n t r a d a s

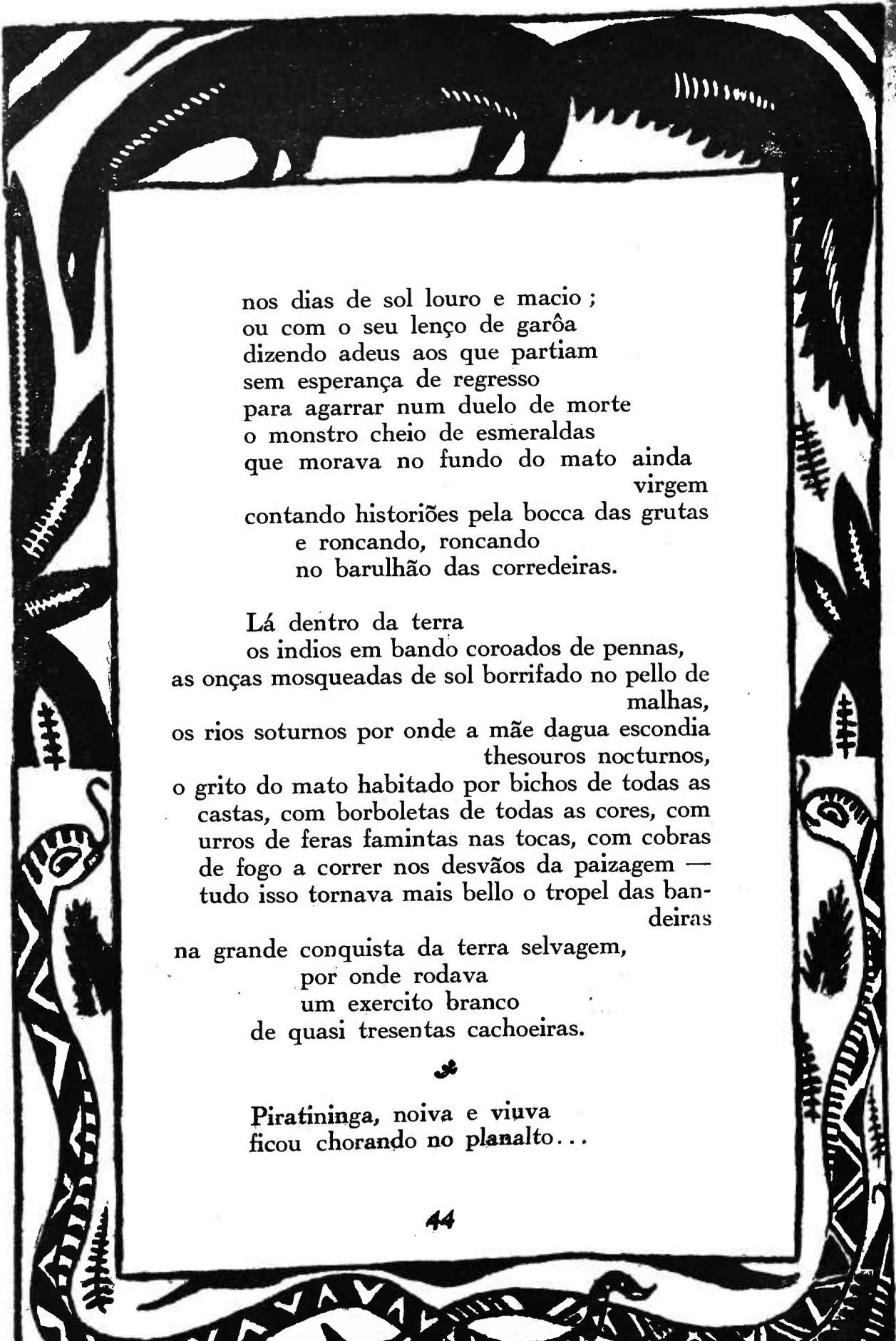
Cada bandeira  
entrou no mato como um rio de tres cores.

E o rasto de cada gigante  
era uma estrada que se abria  
como um listão de sangue matinal no verde abso-  
luto do sertão bruto.

Um furou os grotões de Itacambira :  
outro sururucou por um vão matutino de serra !  
Outro varou de ponta a ponta o continente ame-  
ricano !

E lá se foi todo um tropel guerreiro  
de mamelucos e de carijós para as geraes para o  
sertão goyano  
que era o adeus do nunca-mais !

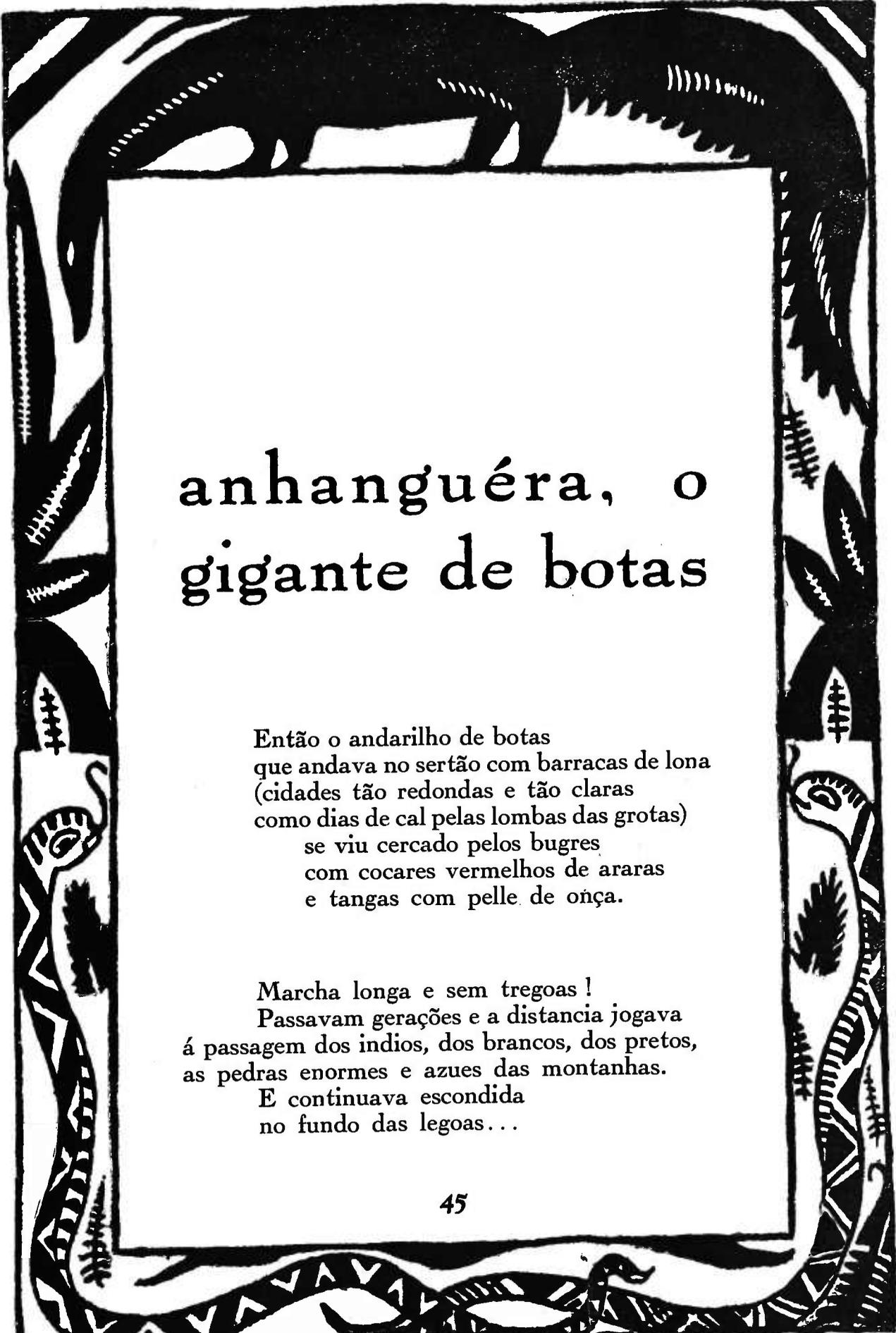
Piratininga com as suas mulheres  
ficou chorando no planalto



nos dias de sol louro e macio ;  
ou com o seu lenço de garôa  
dizendo adeus aos que partiam  
sem esperança de regresso  
para agarrar num duelo de morte  
o monstro cheio de esmeraldas  
que morava no fundo do mato ainda  
virgem  
contando historiões pela bocca das grutas  
e roncando, roncando  
no barulhão das corredeiras.

Lá dentro da terra  
os indios em bando coroados de pennas,  
as onças mosqueadas de sol borrifado no pello de  
malhas,  
os rios soturnos por onde a mãe dagua escondia  
thesouros nocturnos,  
o grito do mato habitado por bichos de todas as  
castas, com borboletas de todas as cores, com  
urros de feras famintas nas tocas, com cobras  
de fogo a correr nos desvãos da paizagem —  
tudo isso tornava mais bello o tropel das ban-  
deiras  
na grande conquista da terra selvagem,  
por onde rodava  
um exercito branco  
de quasi tresentas cachoeiras.

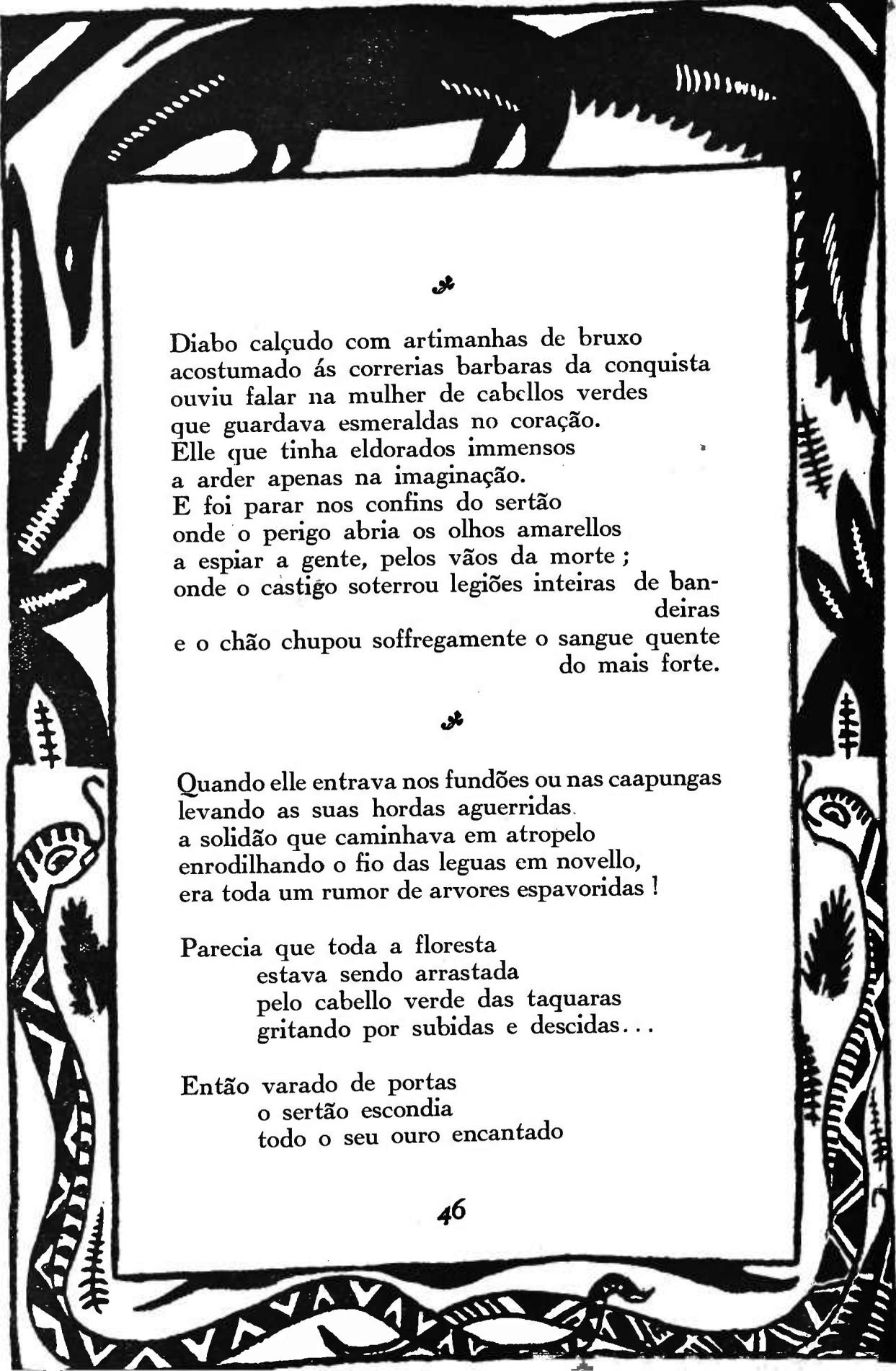
Piratininga, noiva e viuva  
ficou chorando no planalto...



# anhanguéra, o gigante de botas

Então o andarilho de botas  
que andava no sertão com barracas de lona  
(cidades tão redondas e tão claras  
como dias de cal pelas lombas das grotas)  
se viu cercado pelos bugres  
com cocares vermelhos de araras  
e tangas com pelle de onça.

Marcha longa e sem tregos !  
Passavam gerações e a distancia jogava  
á passagem dos indios, dos brancos, dos pretos,  
as pedras enormes e azues das montanhas.  
E continuava escondida  
no fundo das legoas...

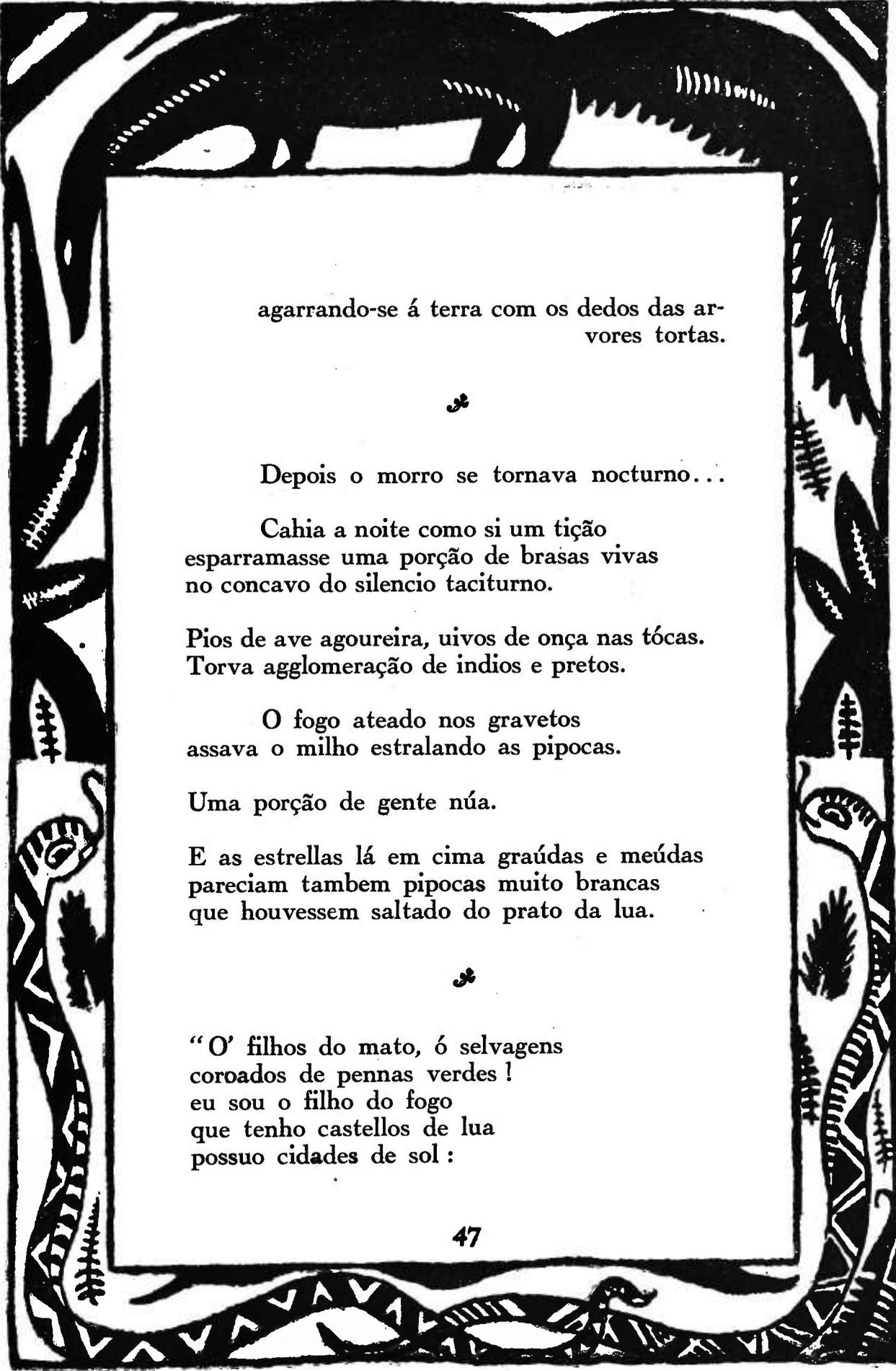


Diabo calçudo com artimanhas de bruxo  
acostumado ás correrias barbaras da conquista  
ouviu falar na mulher de cabellos verdes  
que guardava esmeraldas no coração.  
Elle que tinha eldorados immensos  
a arder apenas na imaginação.  
E foi parar nos confins do sertão  
onde o perigo abria os olhos amarellos  
a espiar a gente, pelos vãos da morte ;  
onde o castigo soterrou legiões inteiras de ban-  
deiras  
e o chão chupou soffregamente o sangue quente  
do mais forte.

Quando elle entrava nos fundões ou nas caapungas  
levando as suas hordas aguerridas.  
a solidão que caminhava em atropelo  
enrodilhando o fio das leguas em novello,  
era toda um rumor de arvores espavoridas !

Parecia que toda a floresta  
estava sendo arrastada  
pelo cabelo verde das taquaras  
gritando por subidas e descidas...

Então varado de portas  
o sertão escondia  
todo o seu ouro encantado



agarrando-se á terra com os dedos das ar-  
vores tortas.



Depois o morro se tornava nocturno...

Cahia a noite como si um tição  
esparramasse uma porção de brasas vivas  
no concavo do silencio taciturno.

Pios de ave agoureira, uivos de onça nas tócas.  
Torva aglomeração de indios e pretos.

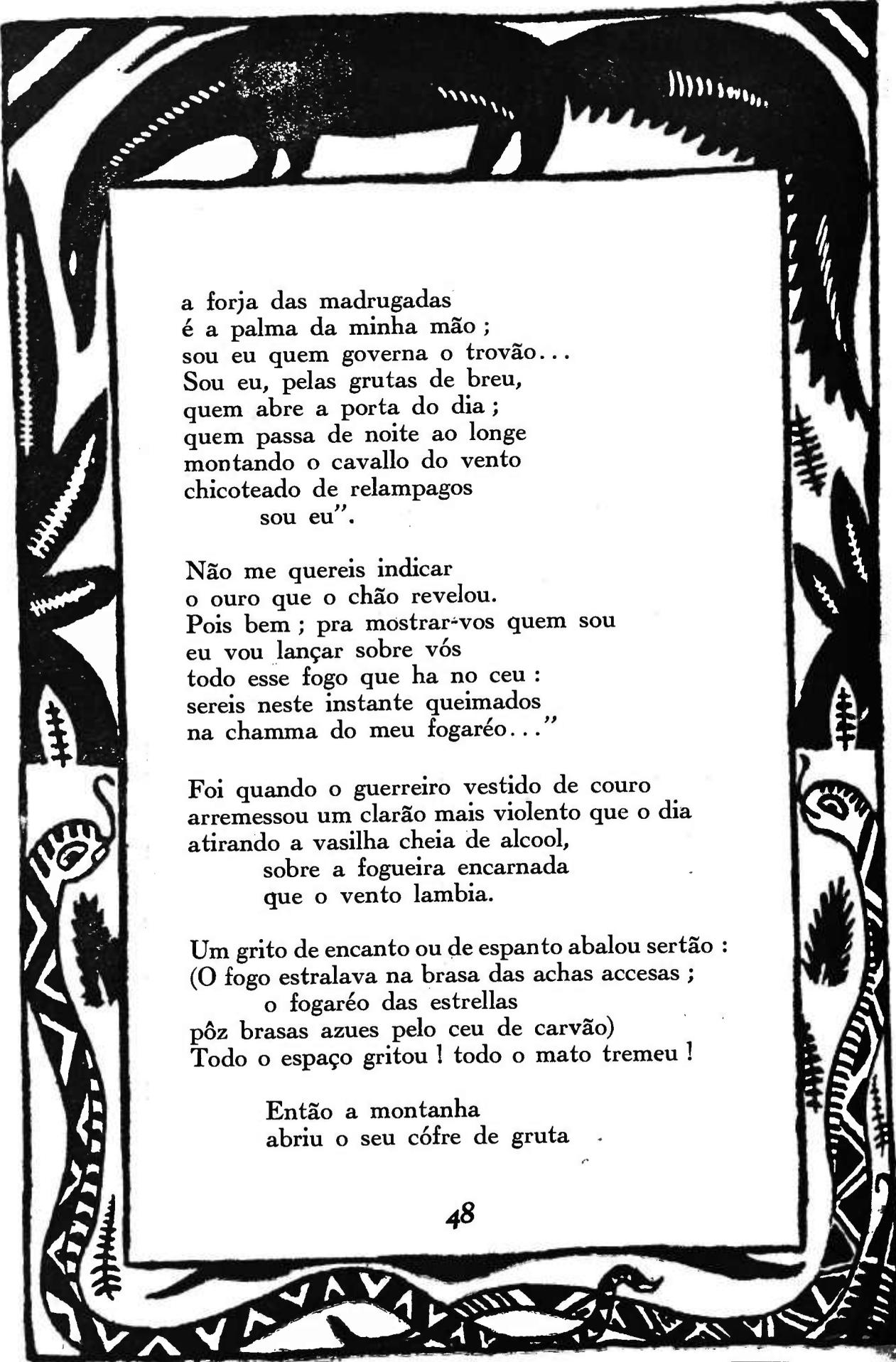
O fogo atado nos gravetos  
assava o milho estralando as pipocas.

Uma porção de gente núa.

E as estrellas lá em cima graúdas e meúdas  
pareciam tambem pipocas muito brancas  
que houvessem saltado do prato da lua.



“O’ filhos do mato, ó selvagens  
coroados de pennas verdes !  
eu sou o filho do fogo  
que tenho castellos de lua  
posso cidades de sol :



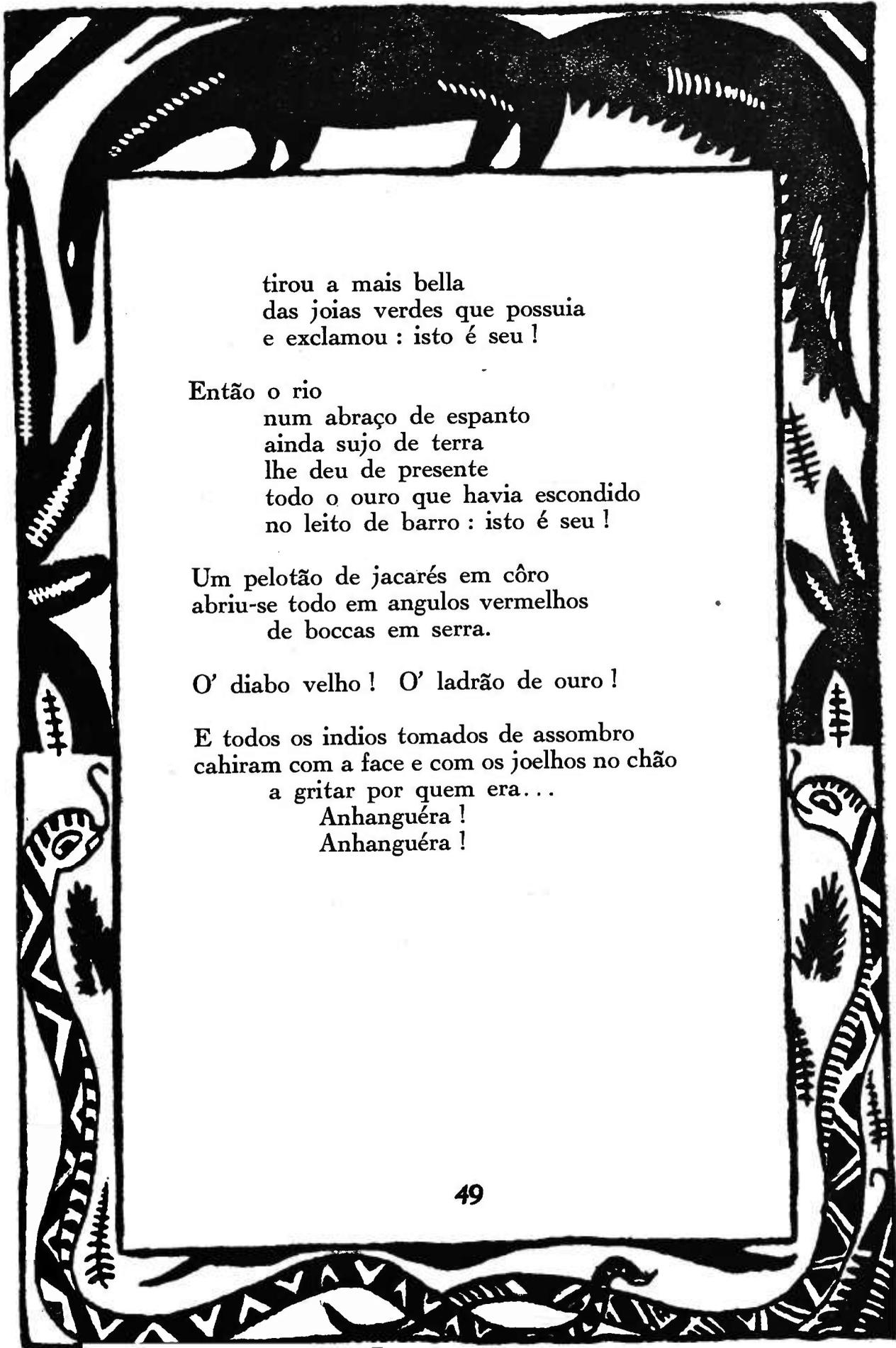
a forja das madrugadas  
é a palma da minha mão ;  
sou eu quem governa o trovão...  
Sou eu, pelas grutas de breu,  
quem abre a porta do dia ;  
quem passa de noite ao longe  
montando o cavallo do vento  
chicoteado de relampagos  
sou eu”.

Não me quereis indicar  
o ouro que o chão revelou.  
Pois bem ; pra mostrar-vos quem sou  
eu vou lançar sobre vós  
todo esse fogo que ha no ceu :  
sereis neste instante queimados  
na chamma do meu fogaréo...”

Foi quando o guerreiro vestido de couro  
arremessou um clarão mais violento que o dia  
atirando a vasilha cheia de alcool,  
sobre a fogueira encarnada  
que o vento lambia.

Um grito de encanto ou de espanto abalou sertão :  
(O fogo estralava na brasa das achas accesas ;  
o fogaréo das estrellas  
pôz brasas azues pelo ceu de carvão)  
Todo o espaço gritou ! todo o mato tremeu !

Então a montanha  
abriu o seu cófre de gruta



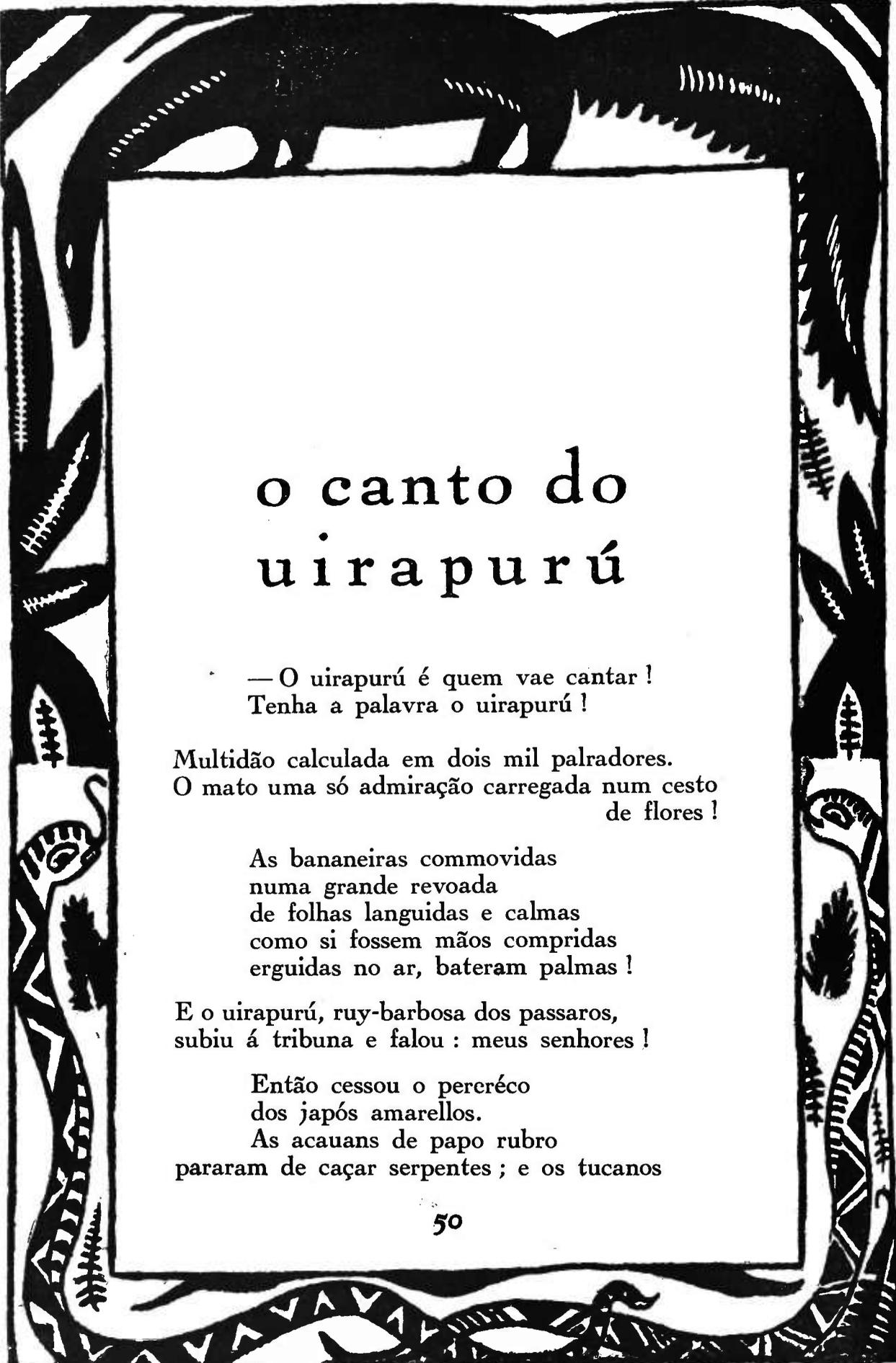
tirou a mais bella  
das joias verdes que possuia  
e exclamou : isto é seu !

Então o rio  
num abraço de espanto  
ainda sujo de terra  
lhe deu de presente  
todo o ouro que havia escondido  
no leito de barro : isto é seu !

Um pelotão de jacarés em côro  
abriu-se todo em angulos vermelhos  
de boccas em serra.

O' diabo velho ! O' ladrão de ouro !

E todos os indios tomados de assombro  
cahiram com a face e com os joelhos no chão  
a gritar por quem era...  
Anhanguéra !  
Anhanguéra !



# o canto do uirapurú

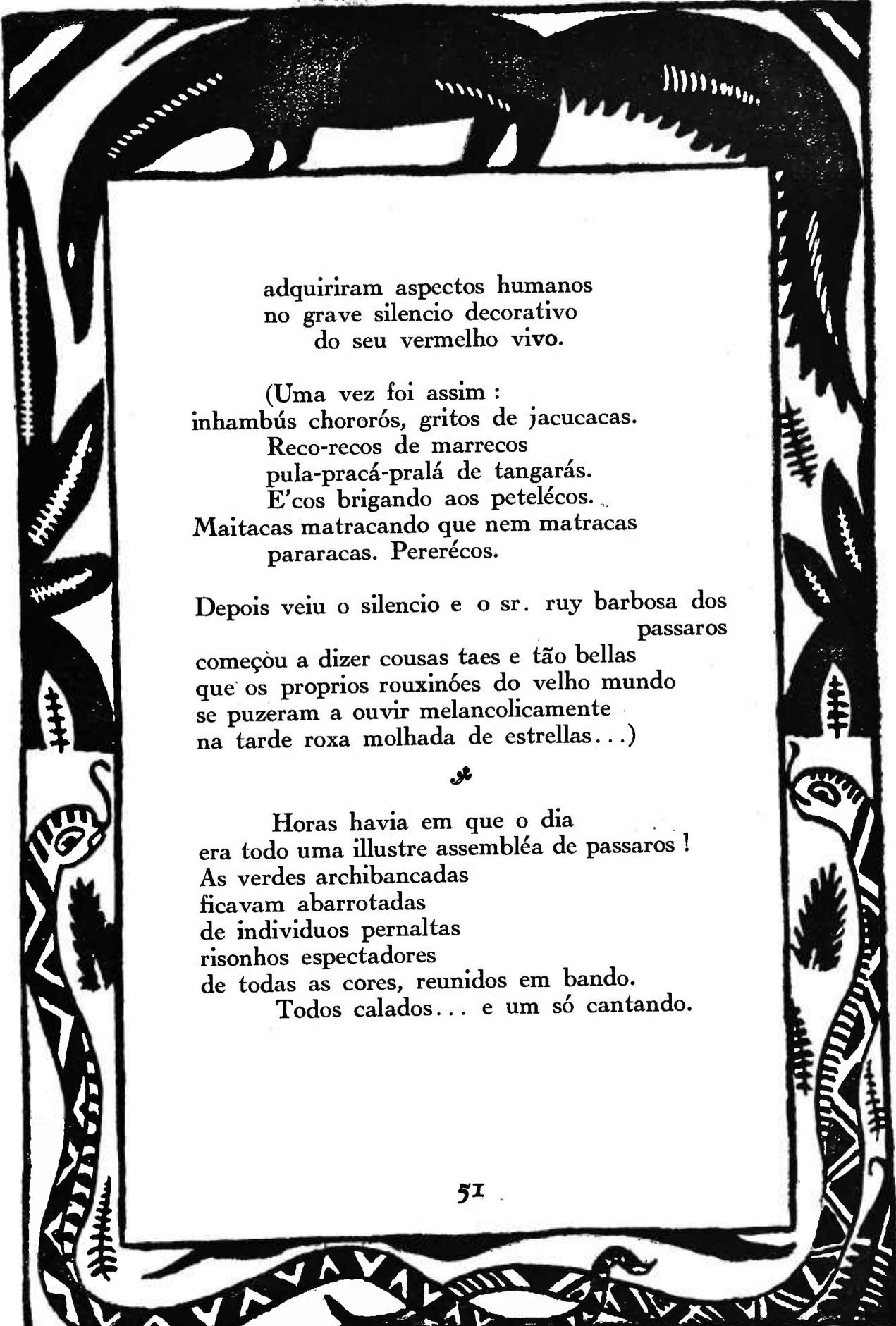
— O uirapurú é quem vae cantar !  
Tenha a palavra o uirapurú !

Multidão calculada em dois mil palradores.  
O mato uma só admiração carregada num cesto  
de flores !

As bananeiras commovidas  
numa grande revoada  
de folhas languidas e calmas  
como si fossem mãos compridas  
erguidas no ar, bateram palmas !

E o uirapurú, ruy-barbosa dos passaros,  
subiu á tribuna e falou : meus senhores !

Então cessou o pereréco  
dos japós amarellos.  
As acauans de papo rubro  
pararam de caçar serpentes ; e os tucanos



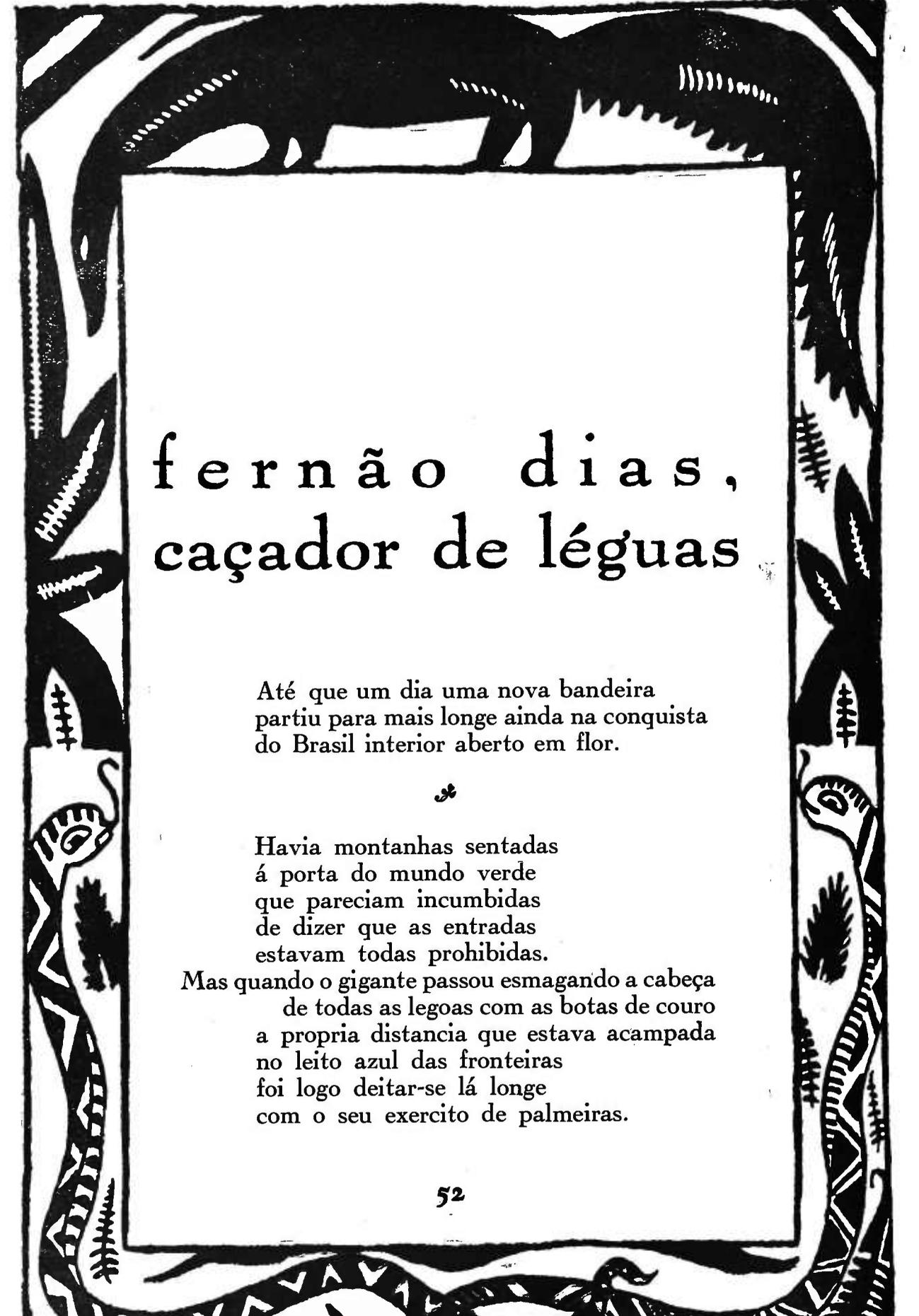
adquiriram aspectos humanos  
no grave silencio decorativo  
do seu vermelho vivo.

(Uma vez foi assim :  
inhambús chororós, gritos de jacucacas.  
Reco-recos de marrecos  
pula-pracá-pralá de tangarás.  
E'cos brigando aos petelécos.  
Maitacas matracando que nem matracas  
pararacas. Pererécos.

Depois veio o silencio e o sr. ruy barbosa dos  
passaros  
começou a dizer cousas taes e tão bellas  
que os proprios rouxinóes do velho mundo  
se puzeram a ouvir melancolicamente  
na tarde roxa molhada de estrellas...)



Horas havia em que o dia  
era todo uma illustre assembléa de passaros !  
As verdes archibancadas  
ficavam abarrotadas  
de individuos pernaltas  
risonhos espectadores  
de todas as cores, reunidos em bando.  
Todos calados... e um só cantando.



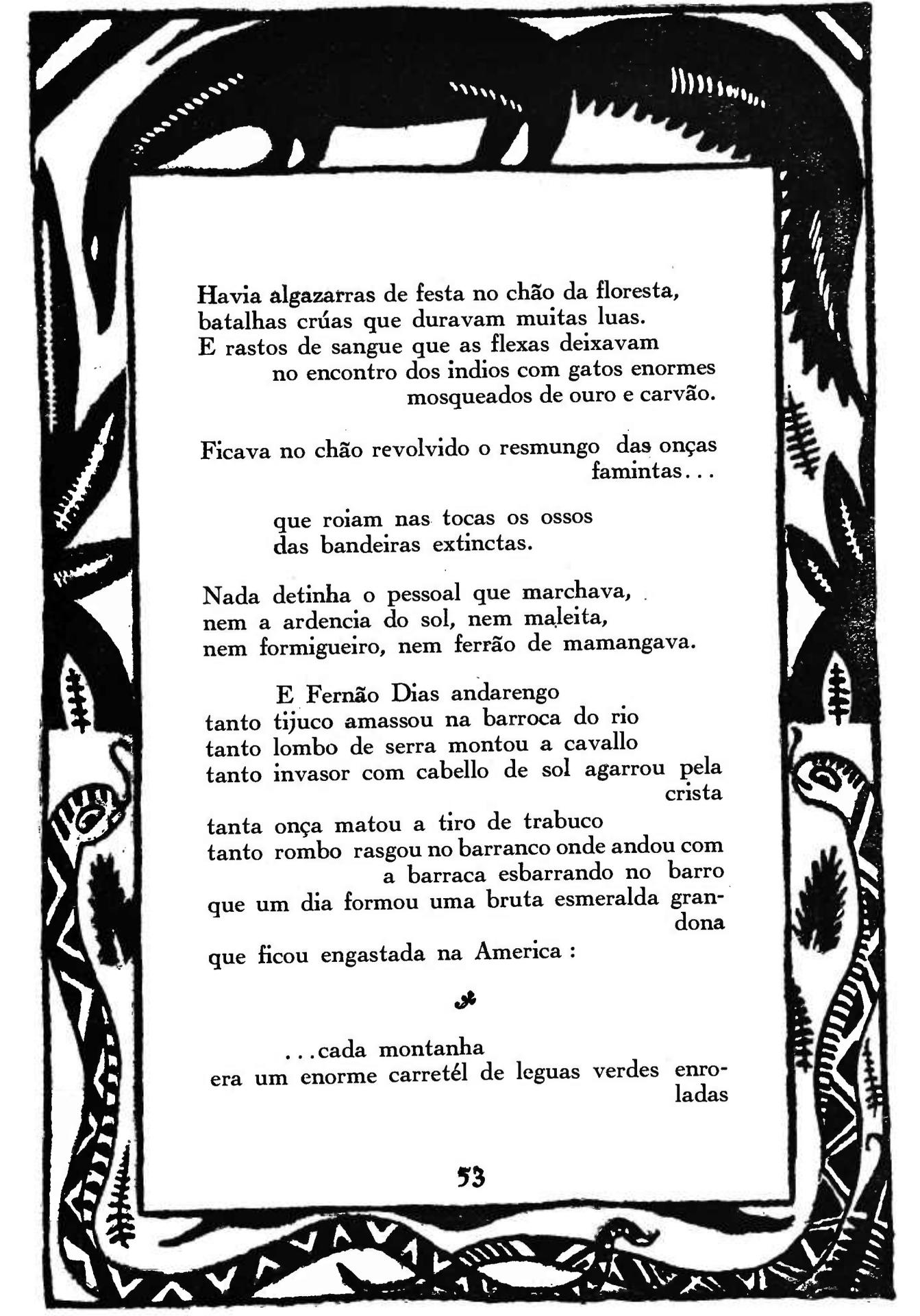
# fernão dias, caçador de léguas

Até que um dia uma nova bandeira  
partiu para mais longe ainda na conquista  
do Brasil interior aberto em flor.



Havia montanhas sentadas  
á porta do mundo verde  
que pareciam incumbidas  
de dizer que as entradas  
estavam todas proibidas.

Mas quando o gigante passou esmagando a cabeça  
de todas as legoas com as botas de couro  
a propria distancia que estava acampada  
no leito azul das fronteiras  
foi logo deitar-se lá longe  
com o seu exercito de palmeiras.



Havia algazarras de festa no chão da floresta,  
batalhas crúas que duravam muitas luas.  
E rastos de sangue que as flexas deixavam  
no encontro dos índios com gatos enormes  
mosqueados de ouro e carvão.

Ficava no chão revolvido o resmungo das onças  
famintas...

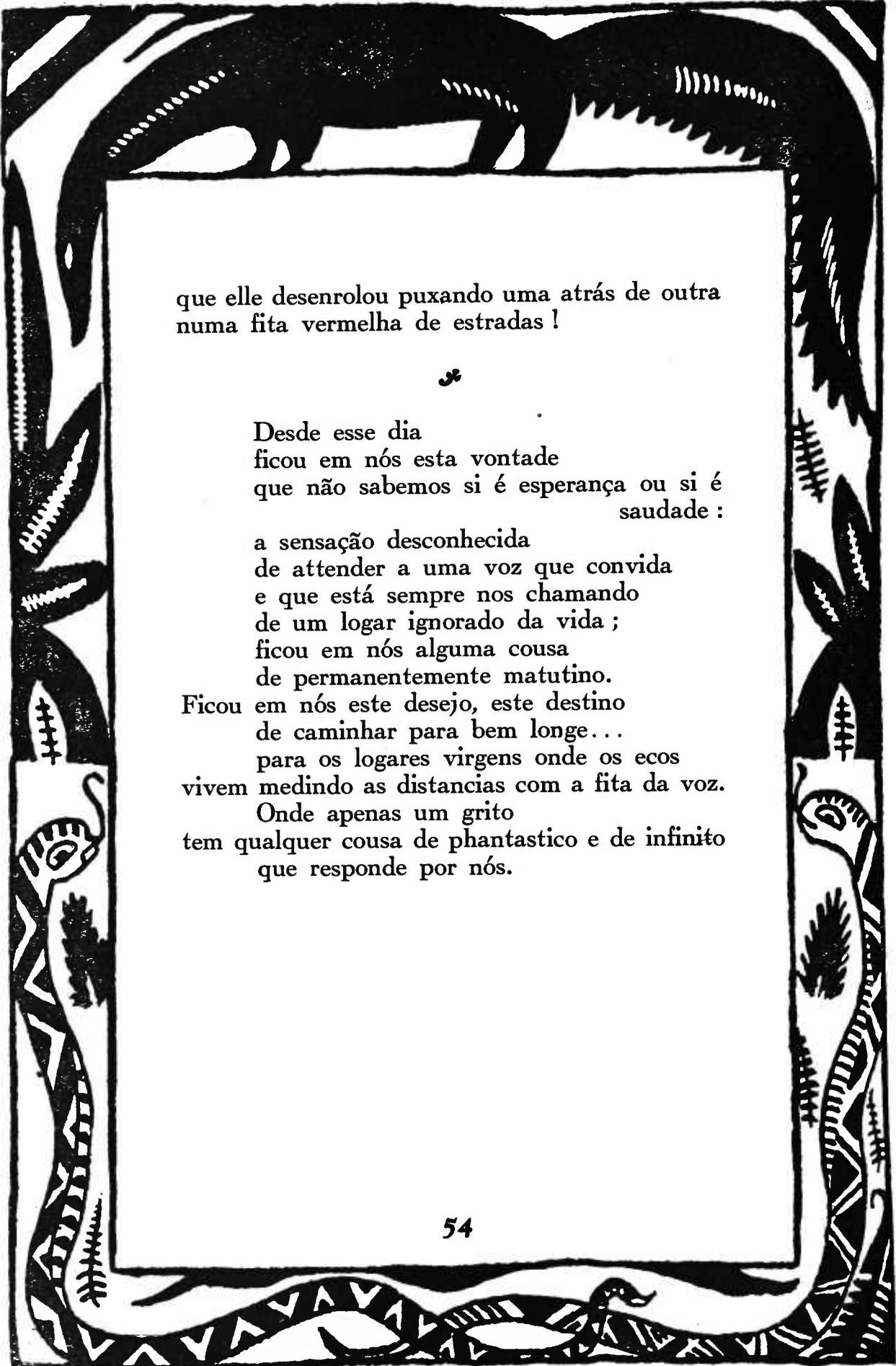
que roíam nas tocas os ossos  
das bandeiras extinctas.

Nada detinha o pessoal que marchava,  
nem a ardência do sol, nem maleita,  
nem formigueiro, nem ferrão de mamangava.

E Fernão Dias andarengo  
tanto tijuco amassou na barroca do rio  
tanto lombo de serra montou a cavallo  
tanto invasor com cabelo de sol agarrou pela  
crista  
tanta onça matou a tiro de trabuco  
tanto rombo rasgou no barranco onde andou com  
a barraca esbarrando no barro  
que um dia formou uma bruta esmeralda grandona  
que ficou engastada na America :



...cada montanha  
era um enorme carretél de leguas verdes enro-  
ladas

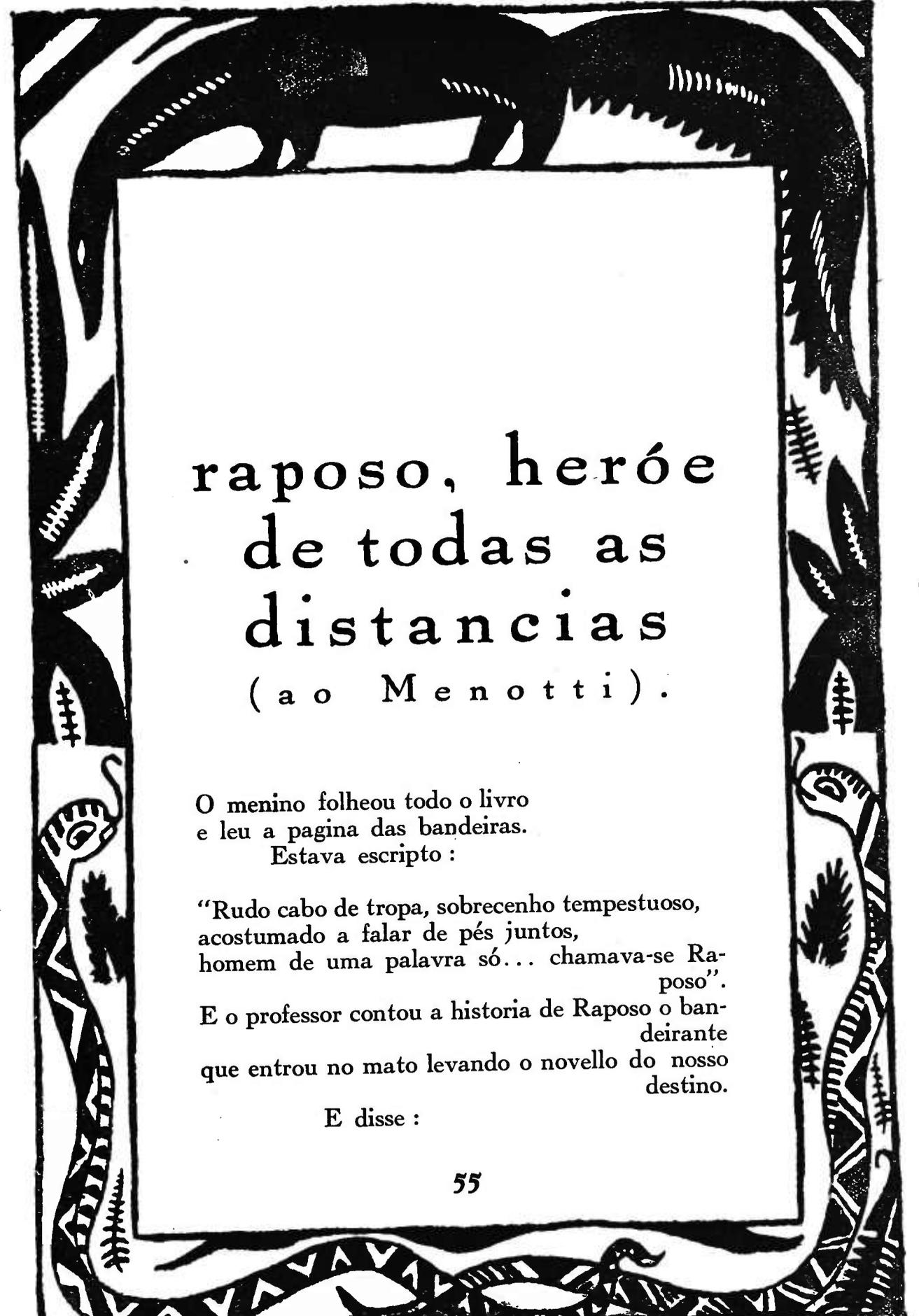


que elle desenrolou puxando uma atrás de outra  
numa fita vermelha de estradas !



Desde esse dia  
ficou em nós esta vontade  
que não sabemos si é esperança ou si é  
saudade :

a sensação desconhecida  
de attender a uma voz que convida  
e que está sempre nos chamando  
de um logar ignorado da vida ;  
ficou em nós alguma cousa  
de permanentemente matutino.  
Ficou em nós este desejo, este destino  
de caminhar para bem longe...  
para os logares virgens onde os ecos  
vivem medindo as distancias com a fita da voz.  
Onde apenas um grito  
tem qualquer cousa de phantastico e de infinito  
que responde por nós.

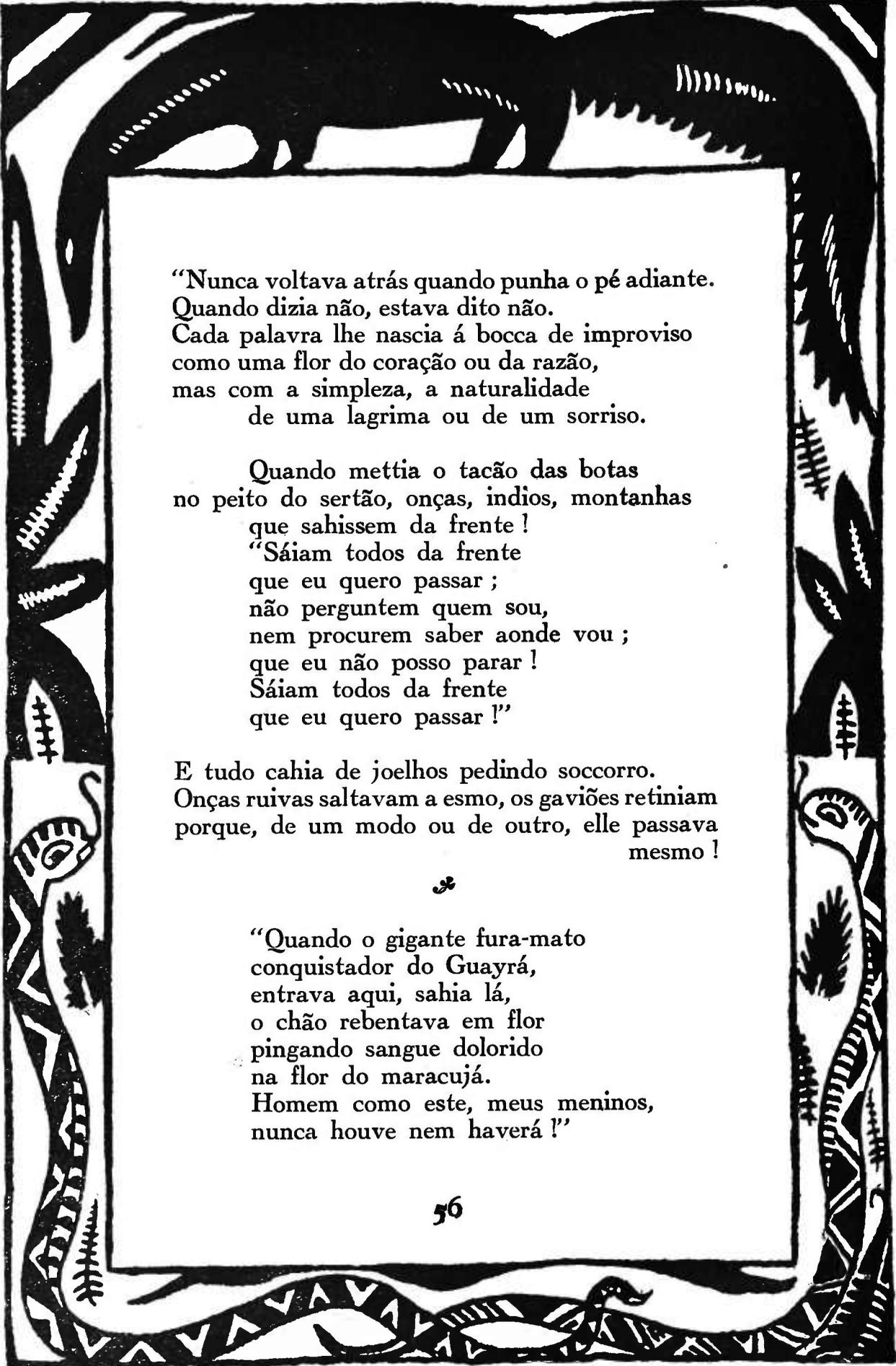


raposo, heróe  
de todas as  
distancias  
( a o M e n o t t i ).

O menino folheou todo o livro  
e leu a pagina das bandeiras.  
Estava escripto :

“Rudo cabo de tropa, sobrecenho tempestuoso,  
acostumado a falar de pés juntos,  
homem de uma palavra só... chamava-se Ra-  
poso”.  
E o professor contou a historia de Raposo o ban-  
deirante  
que entrou no mato levando o novello do nosso  
destino.

E disse :



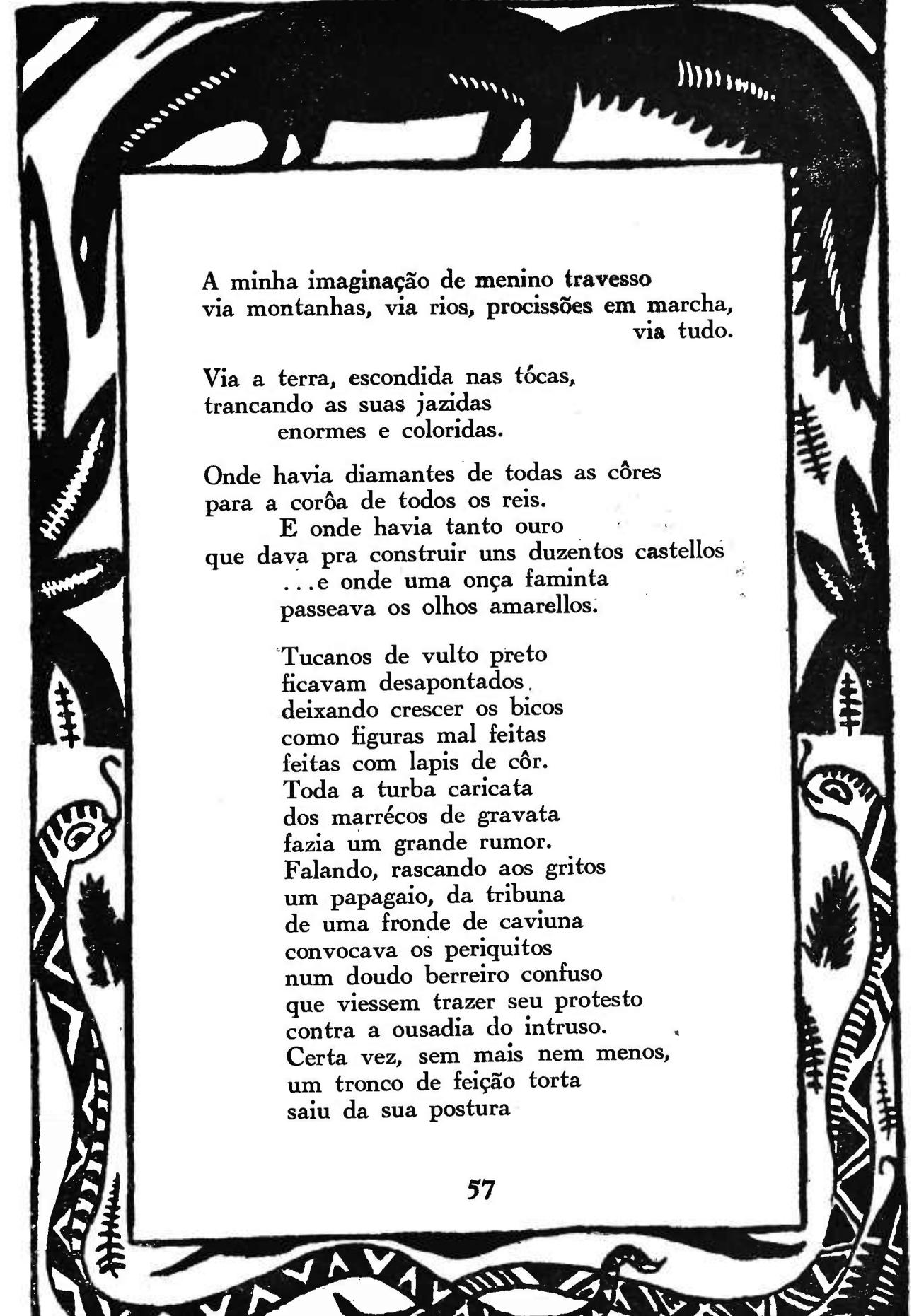
“Nunca voltava atrás quando punha o pé adiante.  
Quando dizia não, estava dito não.  
Cada palavra lhe nascia á bocca de improviso  
como uma flor do coração ou da razão,  
mas com a simpleza, a naturalidade  
de uma lagrima ou de um sorriso.

Quando mettia o tacão das botas  
no peito do sertão, onças, indios, montanhas  
que sahissem da frente !  
“Sáiam todos da frente  
que eu quero passar ;  
não perguntem quem sou,  
nem procurem saber aonde vou ;  
que eu não posso parar !  
Sáiam todos da frente  
que eu quero passar !”

E tudo cahia de joelhos pedindo soccorro.  
Onças ruivas saltavam a esmo, os gaviões retiniam  
porque, de um modo ou de outro, elle passava  
mesmo !



“Quando o gigante fura-mato  
conquistador do Guayrá,  
entrava aqui, sahia lá,  
o chão rebentava em flor  
pingando sangue dolorido  
na flor do maracujá.  
Homem como este, meus meninos,  
nunca houve nem haverá !”



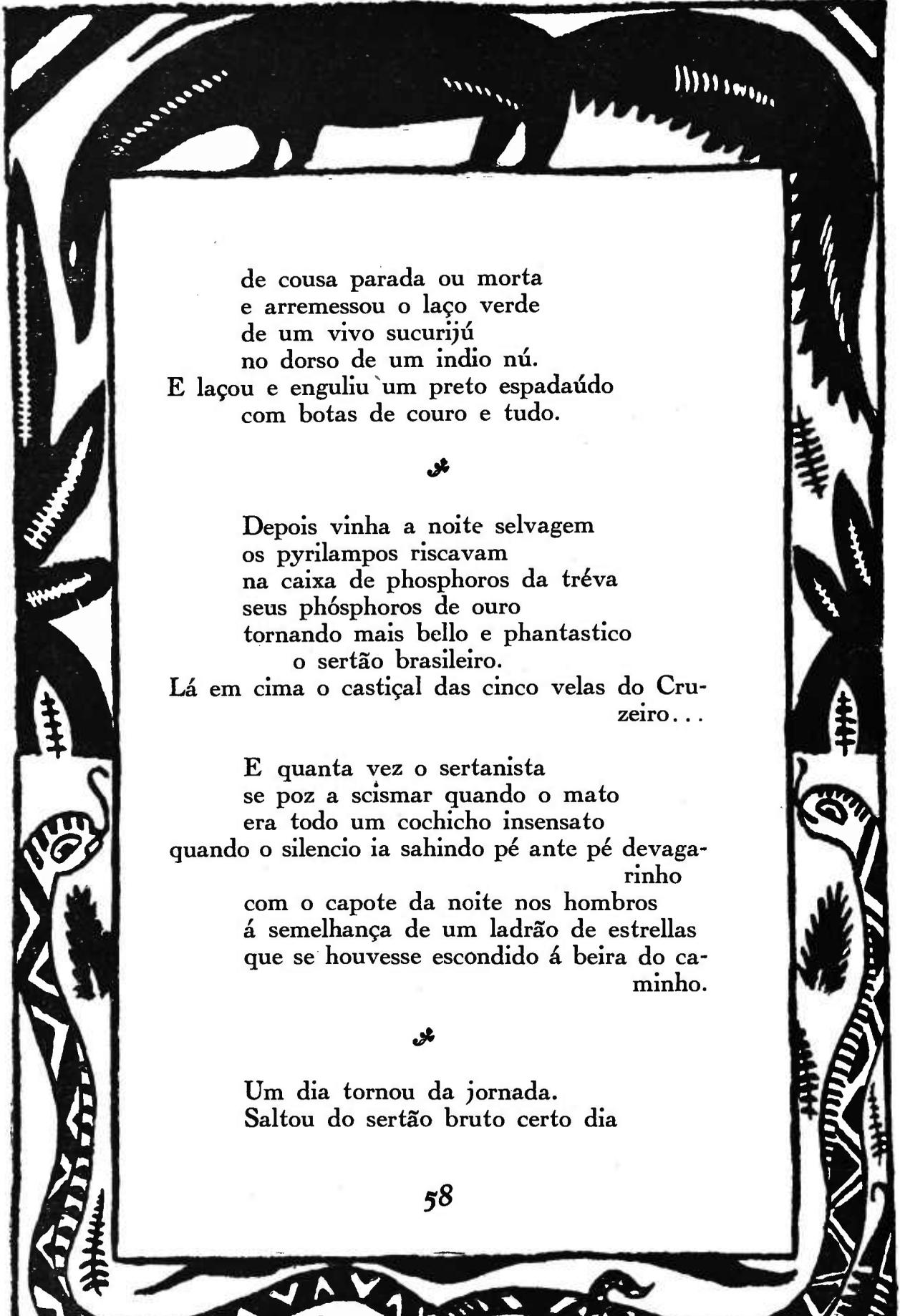
A minha imaginação de menino travesso  
via montanhas, via rios, procissões em marcha,  
via tudo.

Via a terra, escondida nas tócas,  
trancando as suas jazidas  
enormes e coloridas.

Onde havia diamantes de todas as côres  
para a corôa de todos os reis.

E onde havia tanto ouro  
que dava pra construir uns duzentos castellos  
...e onde uma onça faminta  
passeava os olhos amarellos.

Tucanos de vulto preto  
ficavam desapontados,  
deixando crescer os bicos  
como figuras mal feitas  
feitas com lapis de côr.  
Toda a turba caricata  
dos marrécos de gravata  
fazia um grande rumor.  
Falando, rascando aos gritos  
um papagaio, da tribuna  
de uma fronde de caviuna  
convocava os periquitos  
num doudo berreiro confuso  
que viessem trazer seu protesto  
contra a ousadia do intruso.  
Certa vez, sem mais nem menos,  
um tronco de feição torta  
saiu da sua postura



de cousa parada ou morta  
e arremessou o laço verde  
de um vivo sucurijú  
no dorso de um índio nú.  
E laçou e enguliu um preto espadaúdo  
com botas de couro e tudo.

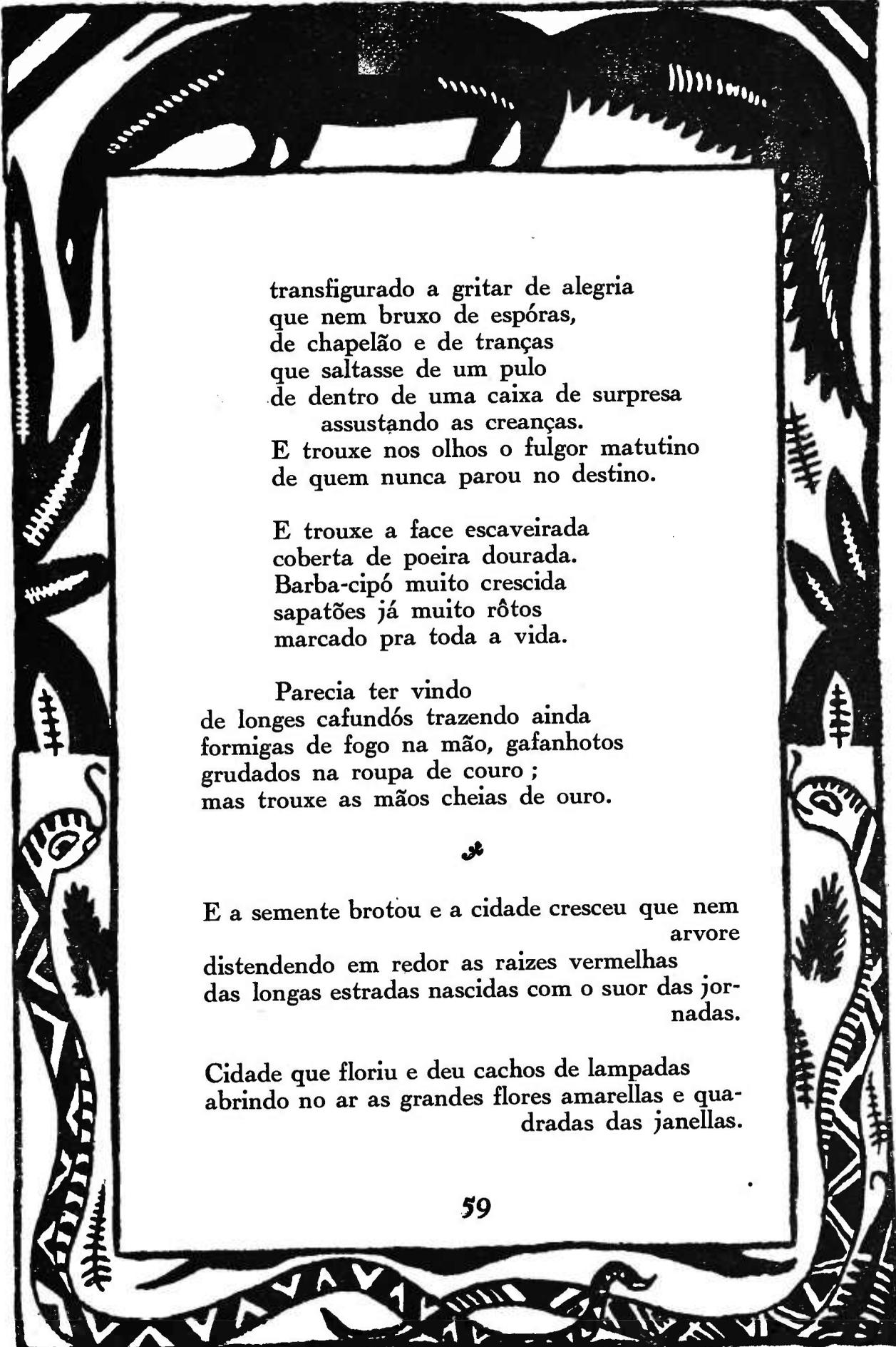


Depois vinha a noite selvagem  
os pyrilampos riscavam  
na caixa de phosphoros da tréva  
seus phósphoros de ouro  
tornando mais bello e phantastico  
o sertão brasileiro.  
Lá em cima o castiçal das cinco velas do Cru-  
zeiro...

E quanta vez o sertanista  
se poz a scismar quando o mato  
era todo um cochicho insensato  
quando o silencio ia sahindo pé ante pé devaga-  
rinho  
com o capote da noite nos hombros  
á semelhança de um ladrão de estrellas  
que se houvesse escondido á beira do ca-  
minho.



Um dia tornou da jornada.  
Saltou do sertão bruto certo dia



transfigurado a gritar de alegria  
que nem bruxo de espóras,  
de chapelão e de tranças  
que saltasse de um pulo  
de dentro de uma caixa de surpresa  
assustando as creanças.  
E trouxe nos olhos o fulgor matutino  
de quem nunca parou no destino.

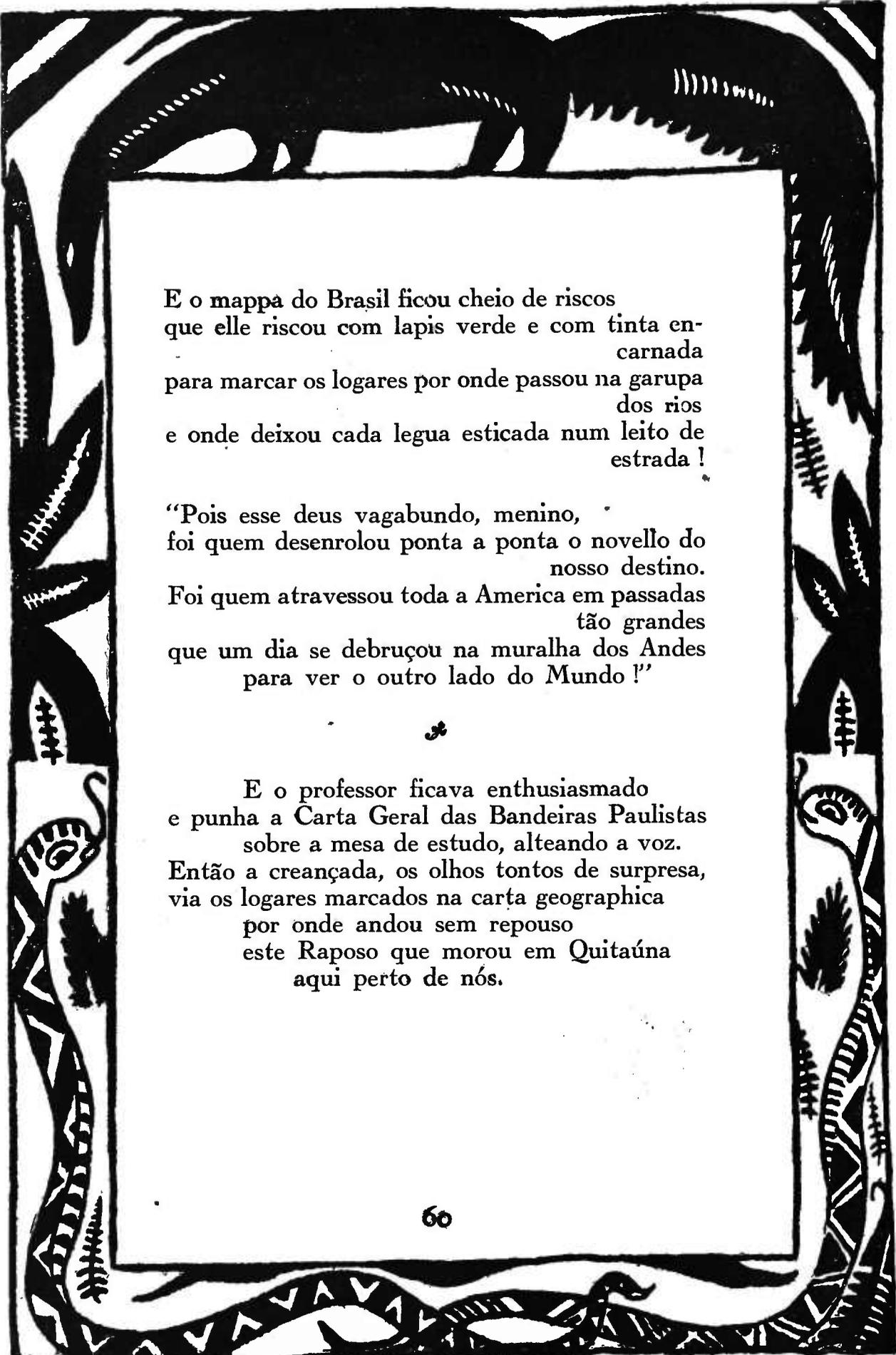
E trouxe a face escaveirada  
coberta de poeira dourada.  
Barba-cipó muito crescida  
sapatões já muito rôtos  
marcado pra toda a vida.

Parecia ter vindo  
de longes cafundós trazendo ainda  
formigas de fogo na mão, gafanhotos  
grudados na roupa de couro ;  
mas trouxe as mãos cheias de ouro.



E a semente brotou e a cidade cresceu que nem  
arvore  
distendendo em redor as raizes vermelhas  
das longas estradas nascidas com o suor das jor-  
nadas.

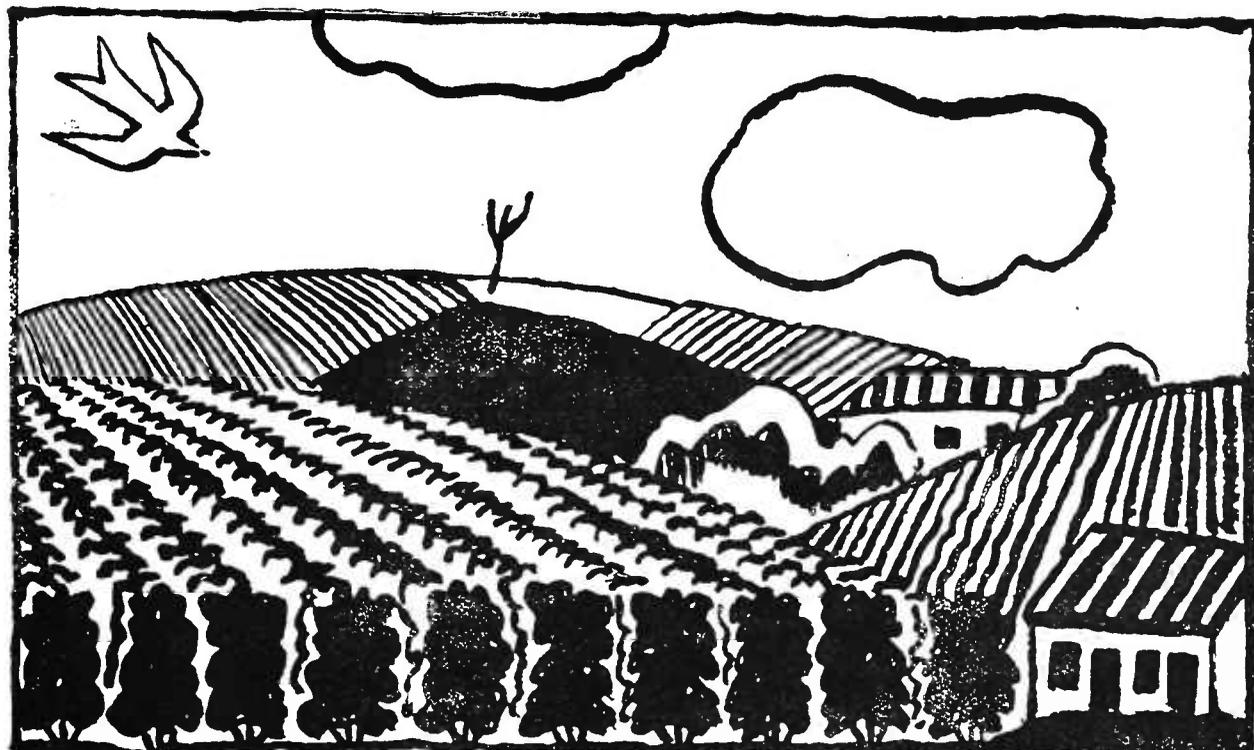
Cidade que floriu e deu cachos de lampadas  
abrindo no ar as grandes flores amarellas e qua-  
dradas das janellas.



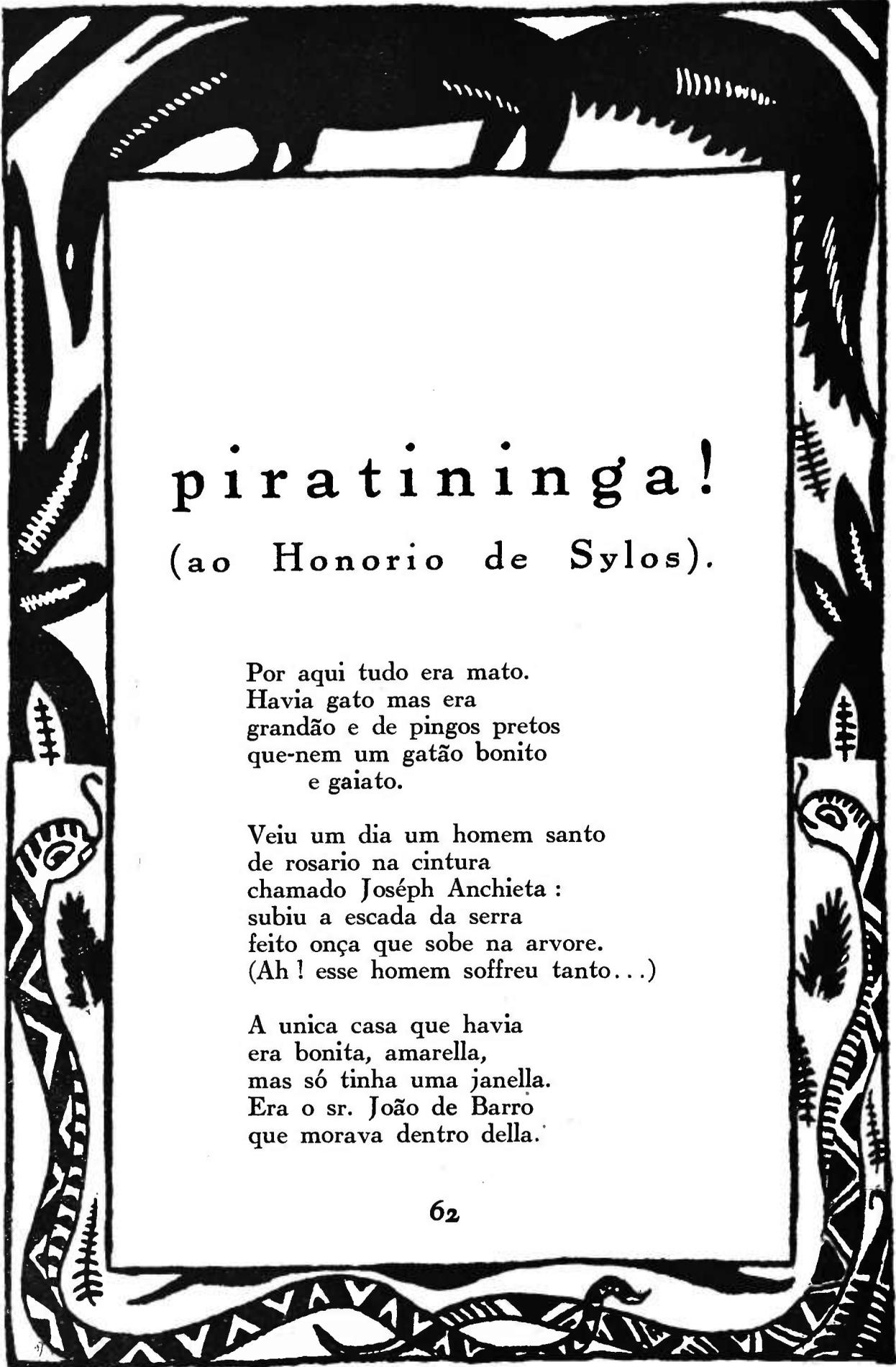
E o mappa do Brasil ficou cheio de riscos  
que elle riscou com lapis verde e com tinta en-  
carnada  
para marcar os logares por onde passou na garupa  
dos rios  
e onde deixou cada legua esticada num leito de  
estrada !

“Pois esse deus vagabundo, menino,  
foi quem desenrolou ponta a ponta o novello do  
nosso destino.  
Foi quem atravessou toda a America em passadas  
tão grandes  
que um dia se debruçou na muralha dos Andes  
para ver o outro lado do Mundo !”

E o professor ficava entusiasmado  
e punha a Carta Geral das Bandeiras Paulistas  
sobre a mesa de estudo, alteando a voz.  
Então a creançada, os olhos tontos de surpresa,  
via os logares marcados na carta geographica  
por onde andou sem repouso  
este Raposo que morou em Quitauína  
aqui perto de nós.



**a marcha dos  
soldados verdes.**



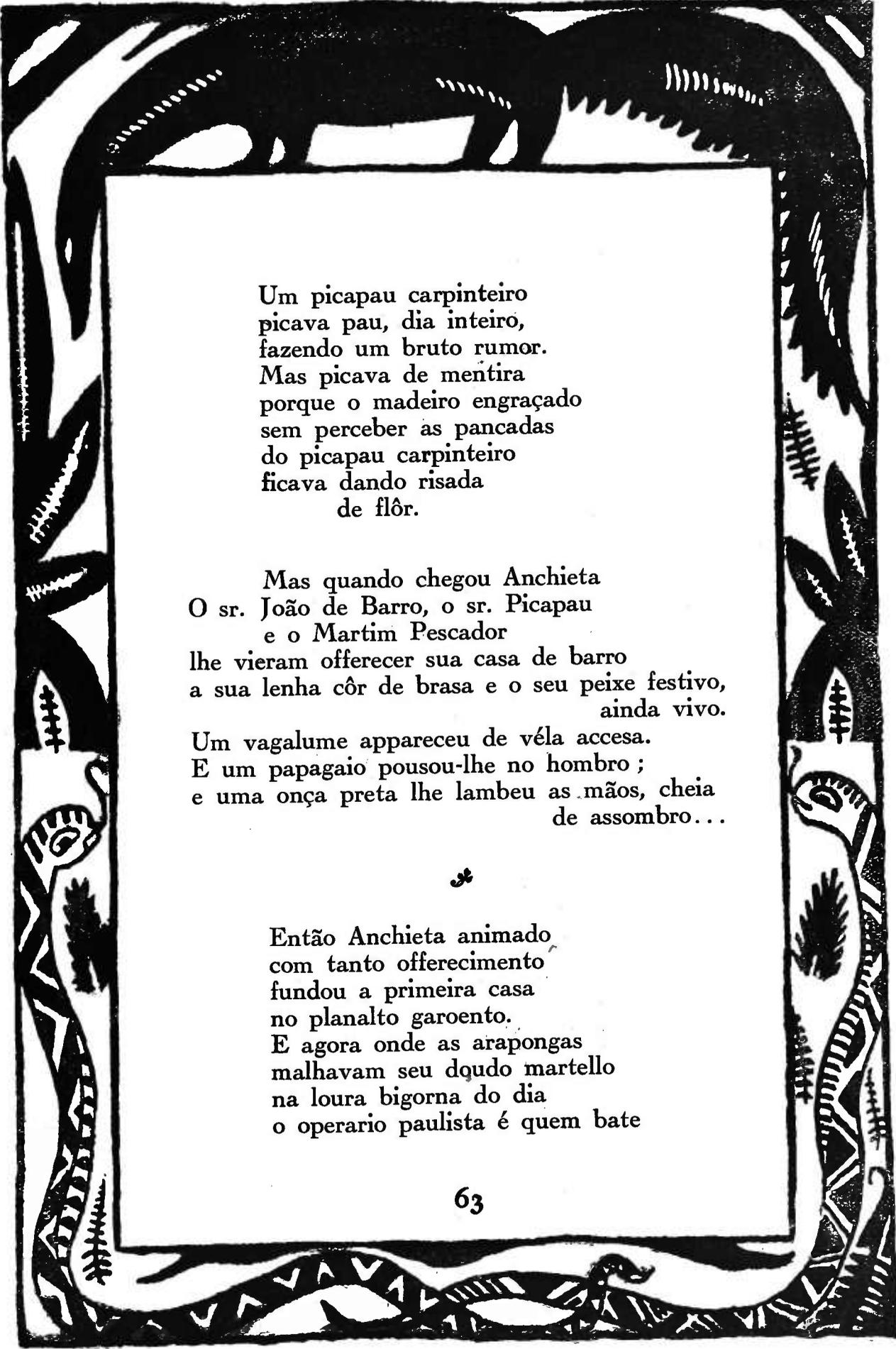
# piratininga!

(ao Honorio de Sylos).

Por aqui tudo era mato.  
Havia gato mas era  
grandão e de pingos pretos  
que-nem um gatão bonito  
e gaiato.

Veiu um dia um homem santo  
de rosario na cintura  
chamado Joséph Anchieta :  
subiu a escada da serra  
feito onça que sobe na arvore.  
(Ah ! esse homem soffreu tanto...)

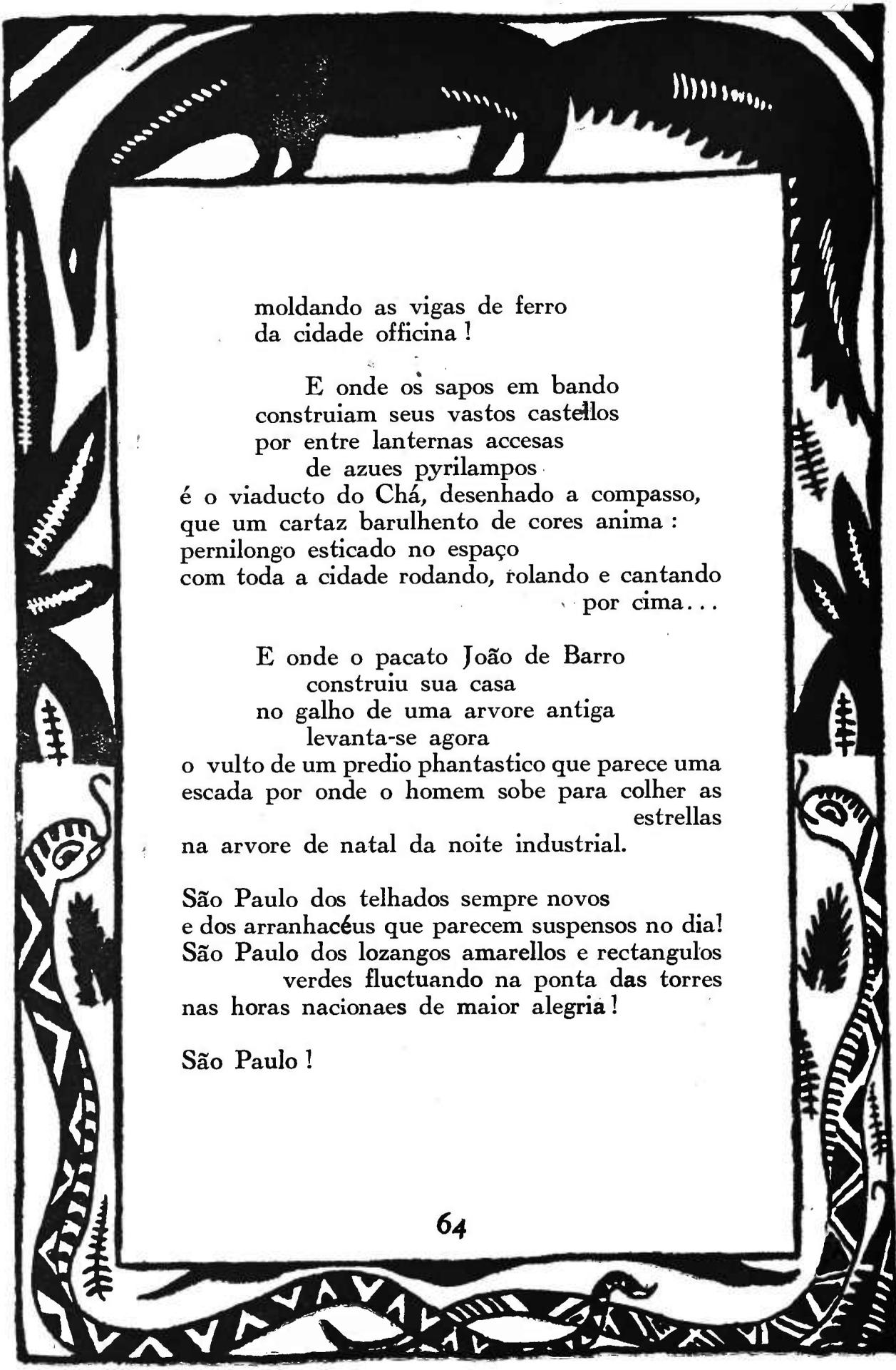
A unica casa que havia  
era bonita, amarella,  
mas só tinha uma janella.  
Era o sr. João de Barro  
que morava dentro della.



Um picapau carpinteiro  
picava pau, dia inteiro,  
fazendo um bruto rumor.  
Mas picava de mentira  
porque o madeiro engraçado  
sem perceber as pancadas  
do picapau carpinteiro  
ficava dando risada  
de flôr.

Mas quando chegou Anchieta  
O sr. João de Barro, o sr. Picapau  
e o Martim Pescador  
lhe vieram offerecer sua casa de barro  
a sua lenha côr de brasa e o seu peixe festivo,  
ainda vivo.  
Um vagalume appareceu de véla acesa.  
E um papagaio pousou-lhe no hombro ;  
e uma onça preta lhe lambeu as mãos, cheia  
de assombro...

Então Anchieta animado  
com tanto offercimento  
fundou a primeira casa  
no planalto garoento.  
E agora onde as arapongas  
malhavam seu doudo martello  
na loura bigorna do dia  
o operario paulista é quem bate



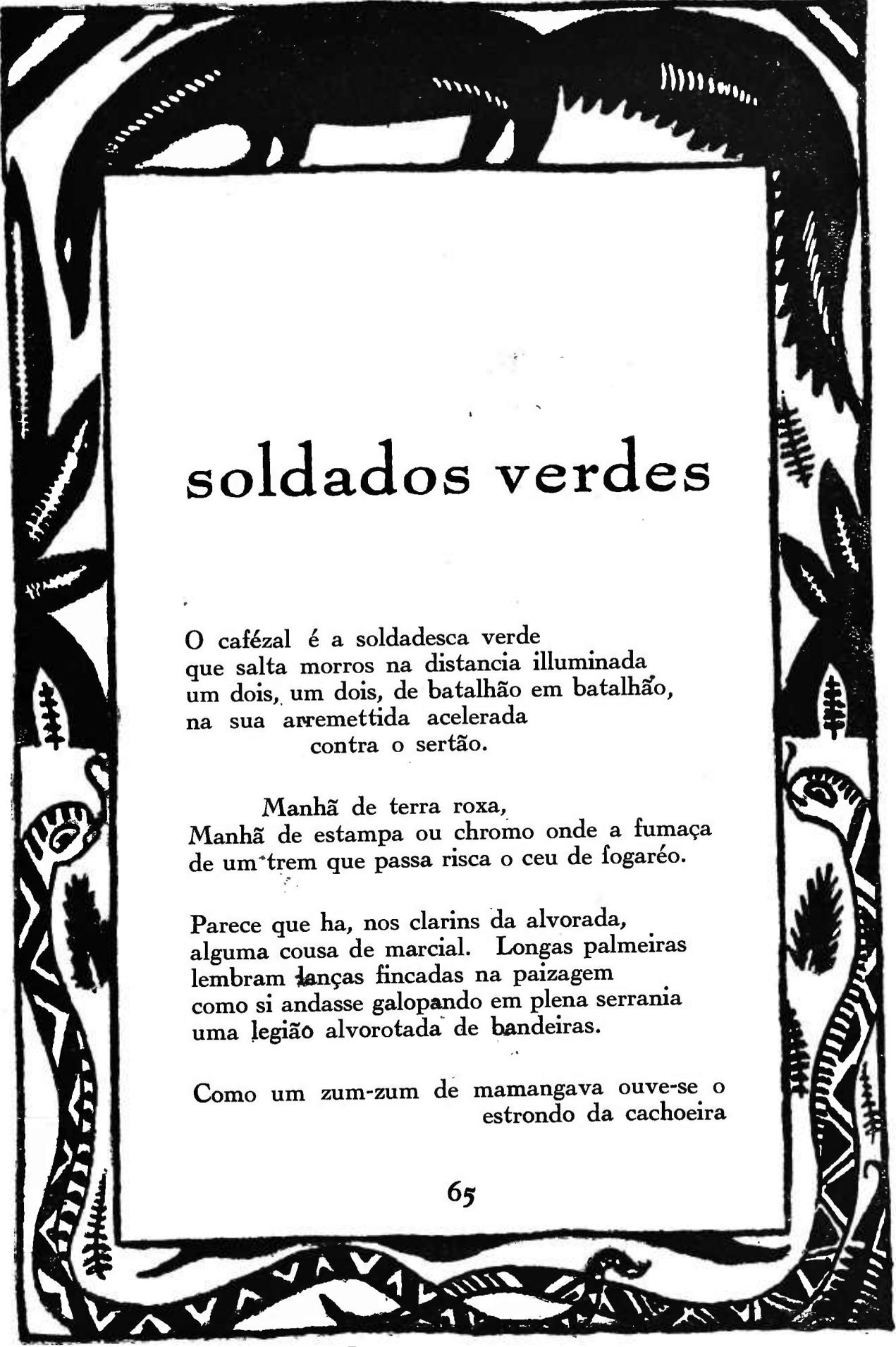
moldando as vigas de ferro  
da cidade officina !

E onde os sapos em bando  
construam seus vastos castellos  
por entre lanternas accesas  
de azues pyrilampos  
é o viaducto do Chá, desenhado a compasso,  
que um cartaz barulhento de cores anima :  
pernilongo esticado no espaço  
com toda a cidade rodando, rolando e cantando  
por cima...

E onde o pacato João de Barro  
construiu sua casa  
no galho de uma arvore antiga  
levanta-se agora  
o vulto de um predio phantastico que parece uma  
escada por onde o homem sobe para colher as  
estrellas  
na arvore de natal da noite industrial.

São Paulo dos telhados sempre novos  
e dos arranhacéus que parecem suspensos no dia!  
São Paulo dos lozangos amarells e rectangulos  
verdes fluctuando na ponta das torres  
nas horas nacionaes de maior alegria !

São Paulo !



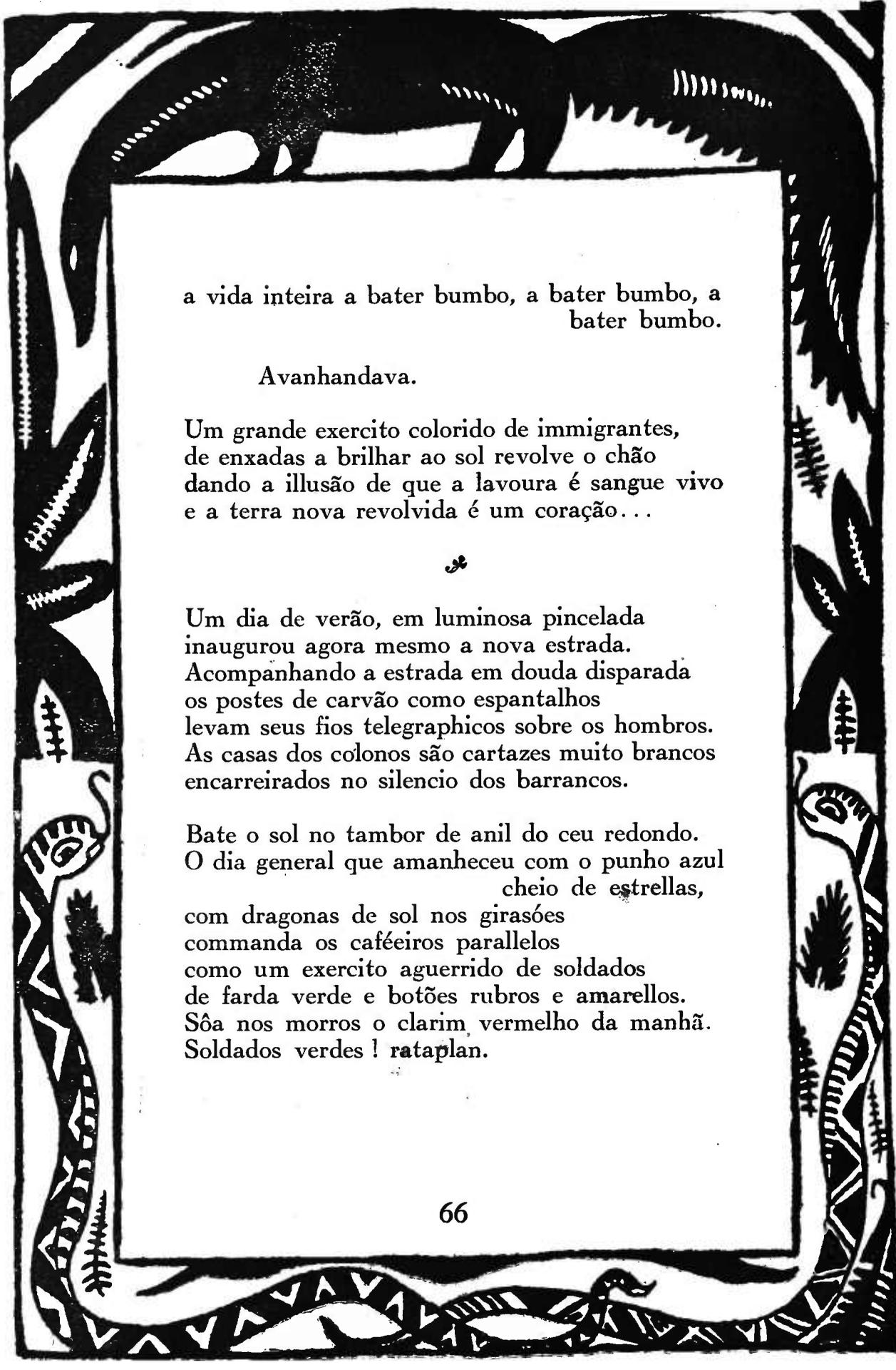
# soldados verdes

O cafézal é a soldadesca verde  
que salta morros na distancia illuminada  
um dois, um dois, de batalhão em batalhão,  
na sua arremettida acelerada  
contra o sertão.

Manhã de terra roxa,  
Manhã de estampa ou chromo onde a fumaça  
de um trem que passa risca o ceu de fogaréo.

Parece que ha, nos clarins da alvorada,  
alguma cousa de marcial. Longas palmeiras  
lembram lanças fincadas na paizagem  
como si andasse galopando em plena serrania  
uma legião alvorotada de bandeiras.

Como um zum-zum de mamangava ouve-se o  
estrondo da cachoeira



a vida inteira a bater bumbo, a bater bumbo, a  
bater bumbo.

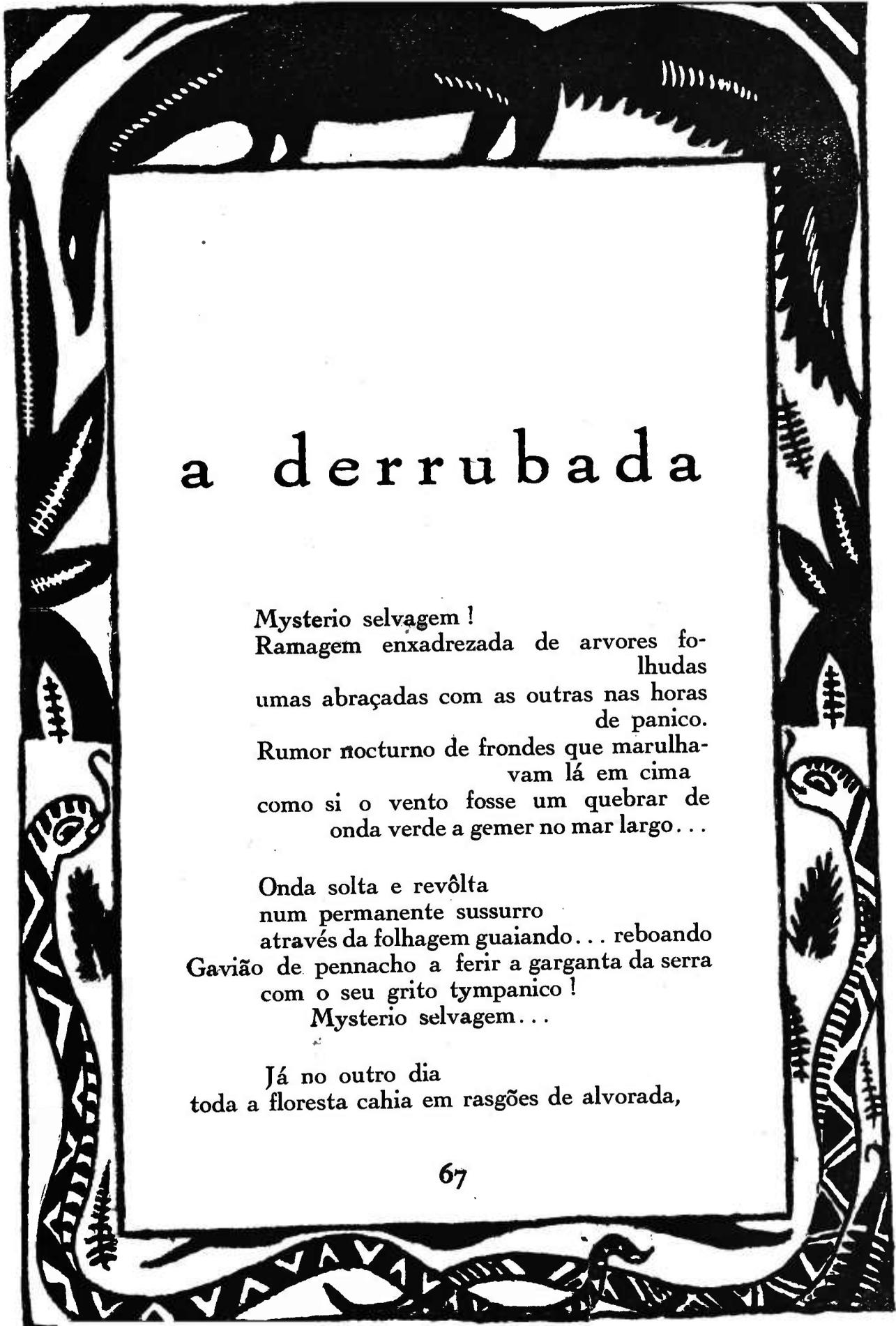
Avanhandava.

Um grande exercito colorido de immigrantes,  
de enxadas a brilhar ao sol revolve o chão  
dando a illusão de que a lavoura é sangue vivo  
e a terra nova revolvida é um coração...



Um dia de verão, em luminosa pincelada  
inaugurou agora mesmo a nova estrada.  
Acompanhando a estrada em douda disparada  
os postes de carvão como espantalhos  
levam seus fios telegraphicos sobre os hombros.  
As casas dos colonos são cartazes muito brancos  
encarreirados no silencio dos barrancos.

Bate o sol no tambor de anil do ceu redondo.  
O dia general que amanheceu com o punho azul  
cheio de estrellas,  
com dragonas de sol nos girasóes  
commanda os caféiros parallellos  
como um exercito aguerrido de soldados  
de farda verde e botões rubros e amarelllos.  
Sôa nos morros o clarim vermelho da manhã.  
Soldados verdes ! rataplan.

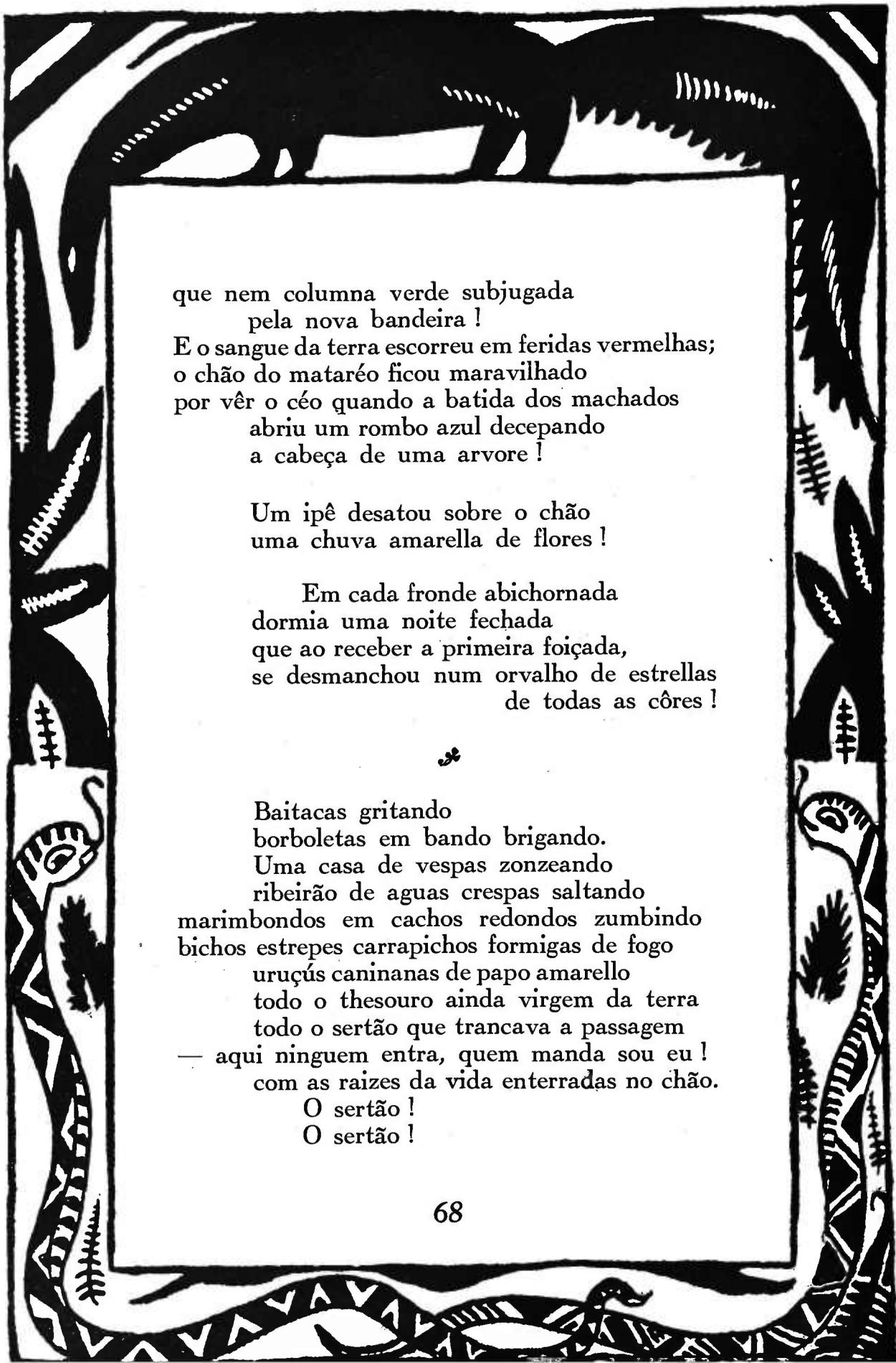


# a derrubada

Mysterio selvagem!  
Ramagem enxadrezada de arvores fo-  
lhudas  
umas abraçadas com as outras nas horas  
de panico.  
Rumor nocturno de frondes que marulha-  
vam lá em cima  
como si o vento fosse um quebrar de  
onda verde a gemer no mar largo...

Onda solta e revôlta  
num permanente sussurro  
através da folhagem guaiando... reboando  
Gavião de pennacho a ferir a garganta da serra  
com o seu grito tympanico!  
Mysterio selvagem...

Já no outro dia  
toda a floresta cahia em rasgões de alvorada,



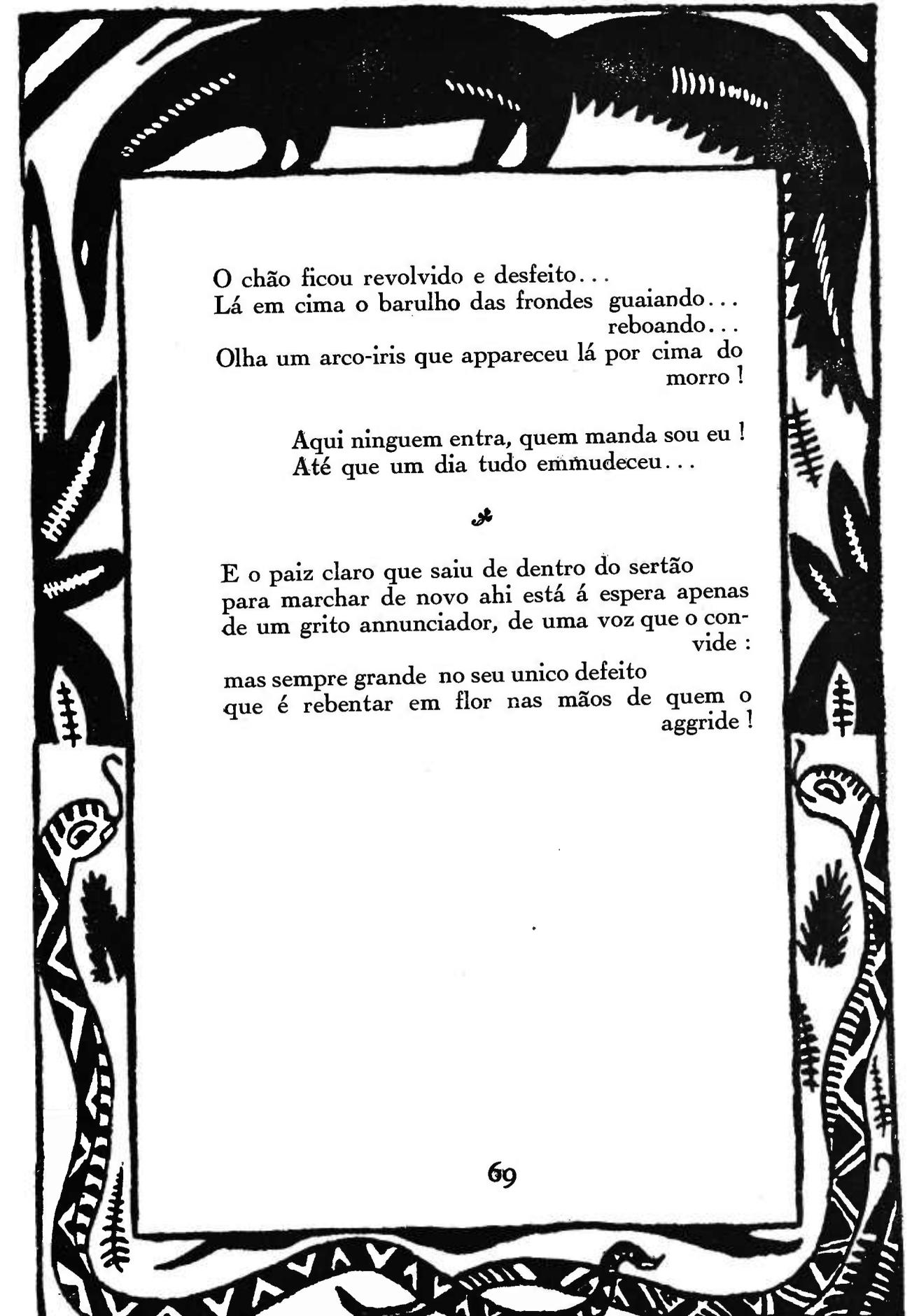
que nem columna verde subjugada  
pela nova bandeira !  
E o sangue da terra escorreu em feridas vermelhas;  
o chão do mataréo ficou maravilhado  
por vêr o céo quando a batida dos machados  
abriu um rombo azul decepando  
a cabeça de uma arvore !

Um ipê desatou sobre o chão  
uma chuva amarella de flores !

Em cada fronde abichornada  
dormia uma noite fechada  
que ao receber a primeira foiçada,  
se desmanchou num orvalho de estrellas  
de todas as côres !



Baitacas gritando  
borboletas em bando brigando.  
Uma casa de vespas zonzendo  
ribeirão de aguas crespas saltando  
marimbondos em cachos redondos zumbindo  
bichos estrepes carrapichos formigas de fogo  
uruçús caninanas de papo amarello  
todo o thesouro ainda virgem da terra  
todo o sertão que trancava a passagem  
— aqui ninguem entra, quem manda sou eu !  
com as raizes da vida enterradas no chão.  
O sertão !  
O sertão !

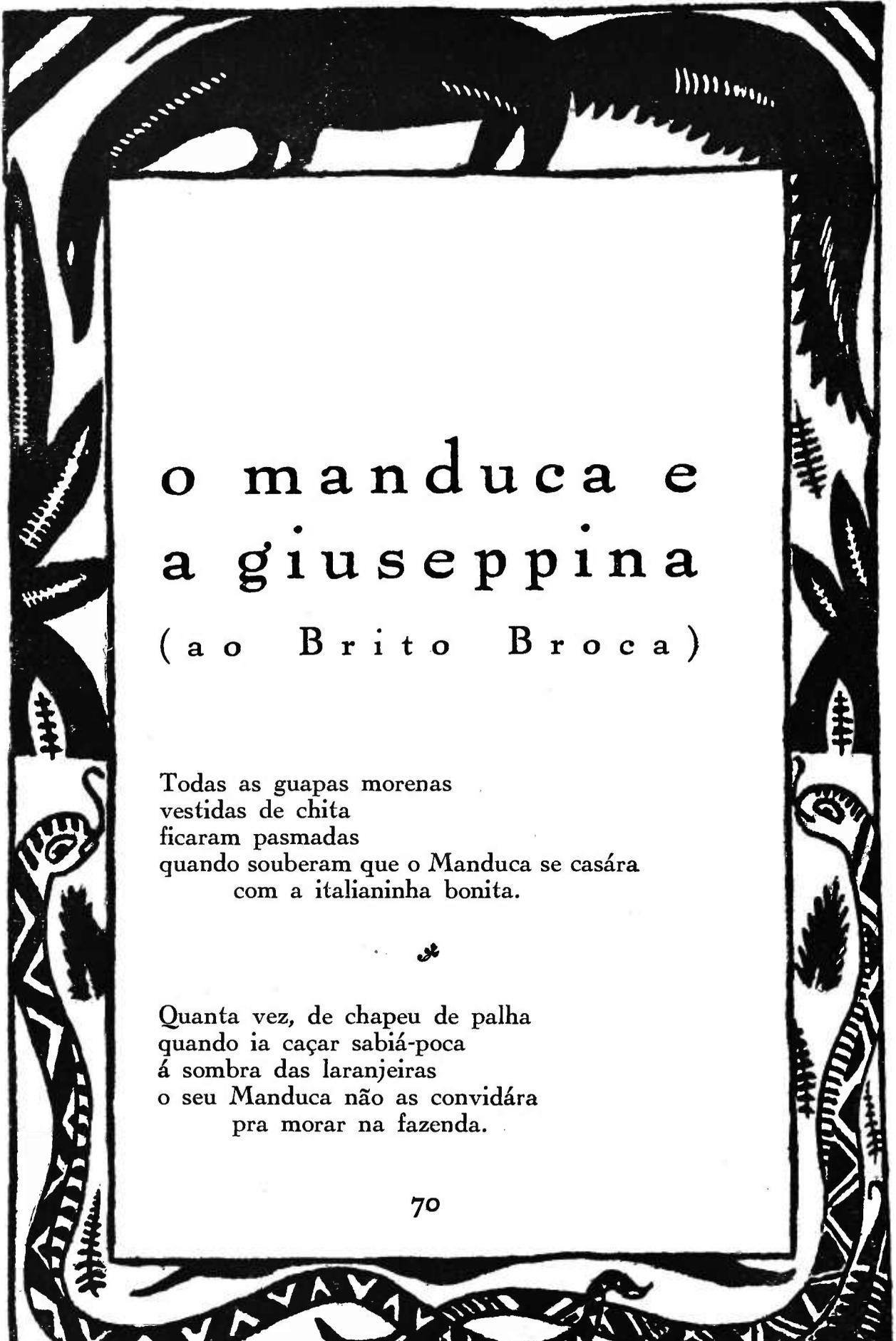


O chão ficou revolvido e desfeito...  
Lá em cima o barulho das frondes guaiando...  
reboando...  
Olha um arco-iris que apareceu lá por cima do  
morro !

Aqui ninguém entra, quem manda sou eu !  
Até que um dia tudo emmudeceu...



E o paiz claro que saiu de dentro do sertão  
para marchar de novo ahi está á espera apenas  
de um grito anunciador, de uma voz que o con-  
vide :  
mas sempre grande no seu unico defeito  
que é rebentar em flor nas mãos de quem o  
aggride !

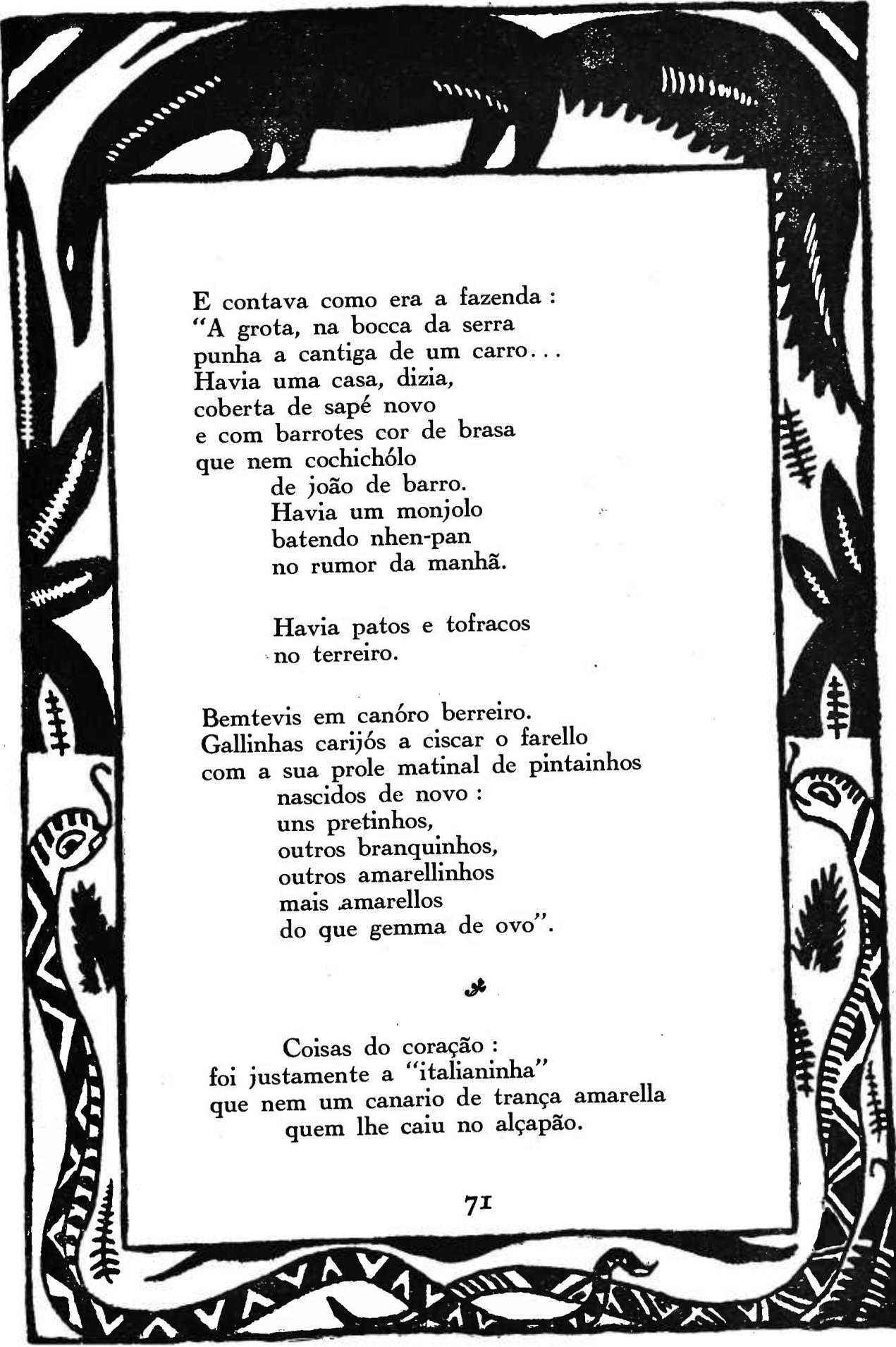


o manduca e  
a giuseppina  
( a o Brito Broca )

Todas as guapas morenas  
vestidas de chita  
ficaram pasmadas  
quando souberam que o Manduca se casára  
com a italianinha bonita.



Quanta vez, de chapéu de palha  
quando ia caçar sabiá-poca  
á sombra das laranjeiras  
o seu Manduca não as convidára  
pra morar na fazenda.

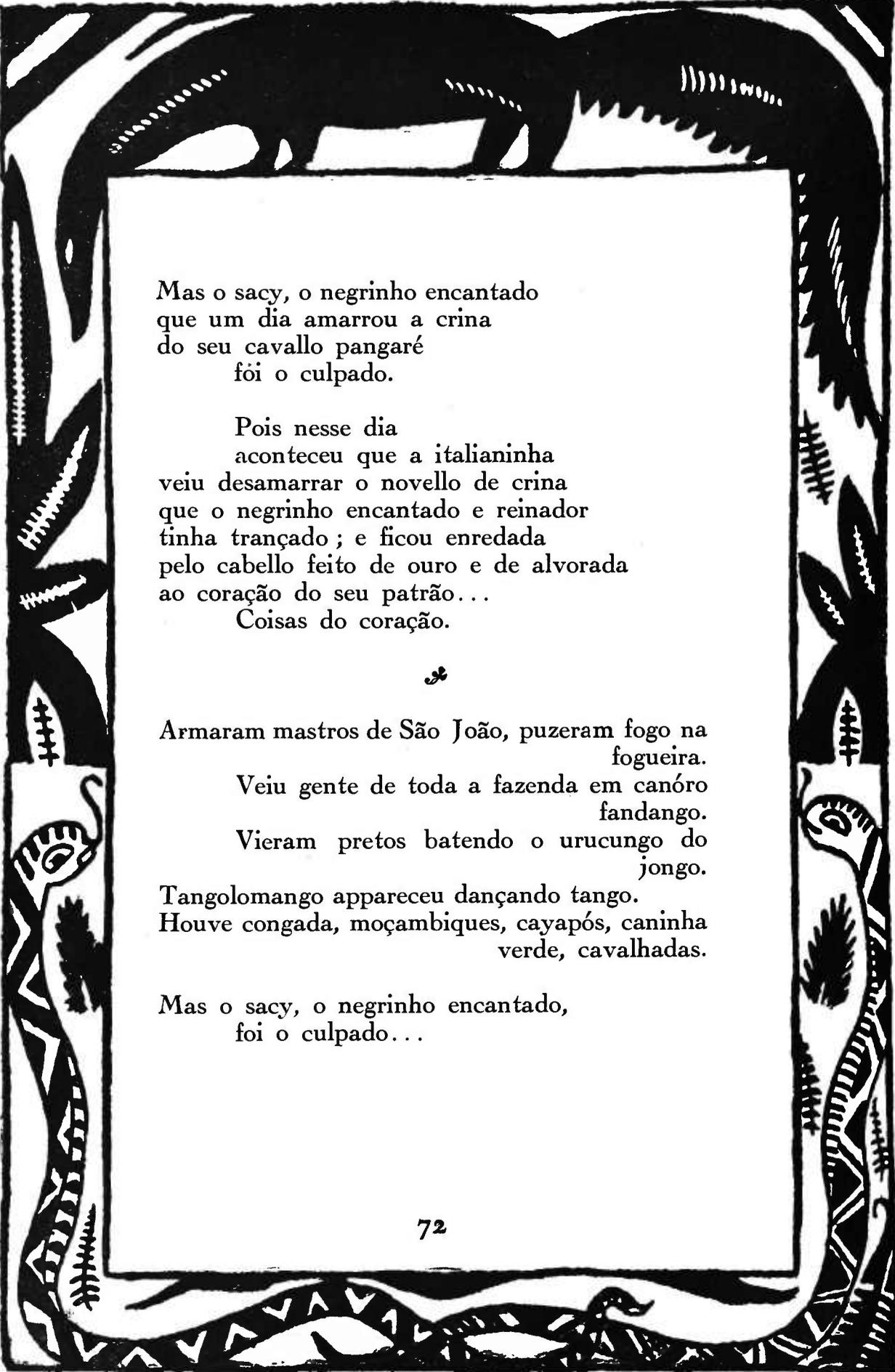


E contava como era a fazenda :  
“A grotta, na bocca da serra  
punha a cantiga de um carro...  
Havia uma casa, dizia,  
coberta de sapé novo  
e com barrotes cor de brasa  
que nem cochichólo  
de João de barro.  
Havia um monjolo  
batendo nhen-pan  
no rumor da manhã.

Havia patos e tofracos  
no terreiro.

Bemtevis em canóro berreiro.  
Gallinhas carijós a ciscar o farello  
com a sua prole matinal de pintainhos  
nascidos de novo :  
uns pretinhos,  
outros branquinhos,  
outros amarellinhos  
mais amarellós  
do que gemma de ovo”.

Coisas do coração :  
foi justamente a “italianinha”  
que nem um canario de trança amarella  
quem lhe caiu no alçapão.



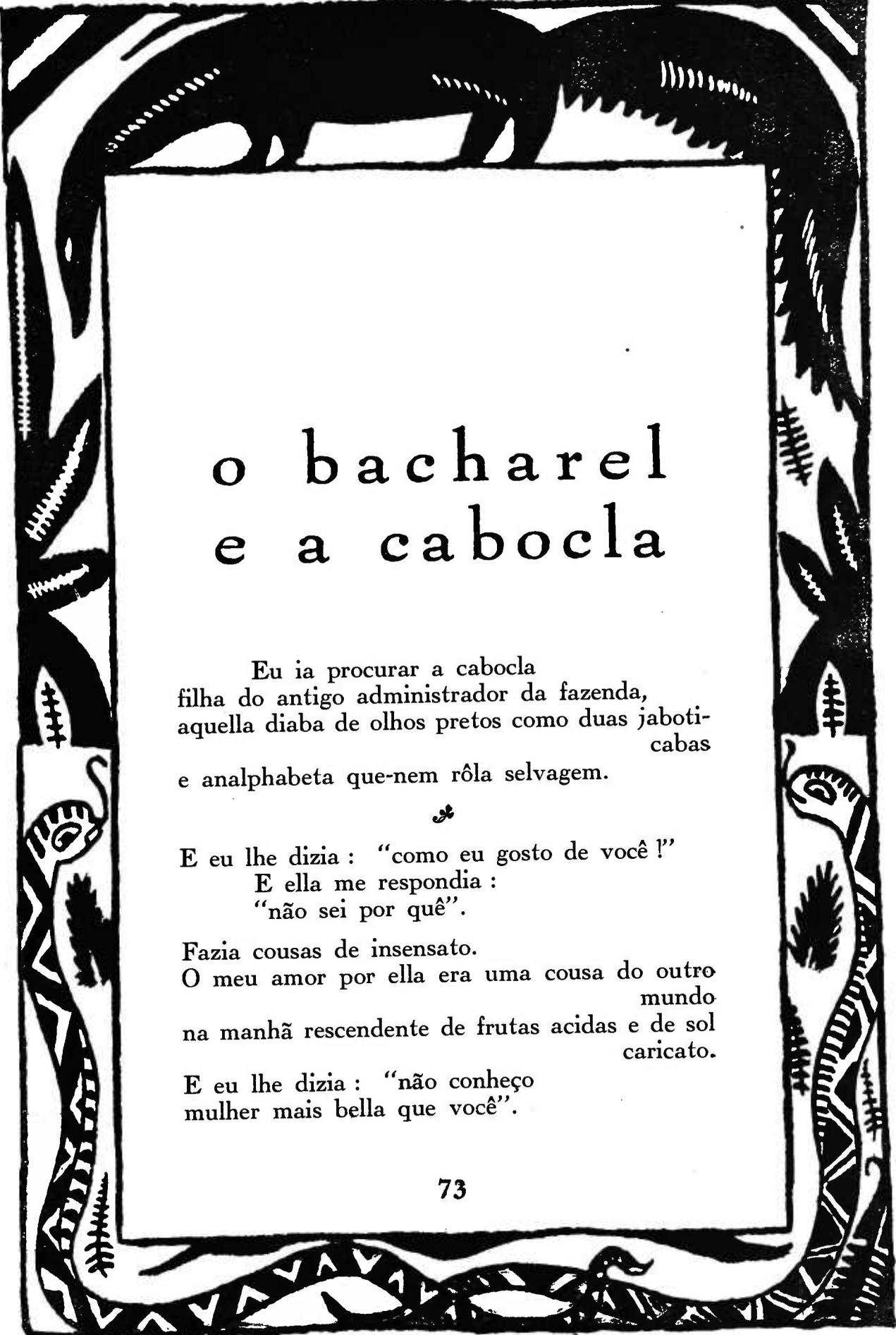
Mas o sacy, o negrinho encantado  
que um dia amarrou a crina  
do seu cavallo pangaré  
foi o culpado.

Pois nesse dia  
aconteceu que a italianinha  
veiu desamarrar o novello de crina  
que o negrinho encantado e reinador  
tinha trançado ; e ficou enredada  
pelo cabelo feito de ouro e de alvorada  
ao coração do seu patrão...  
Coisas do coração.



Armaram mastros de São João, puzeram fogo na  
fogueira.  
Veiu gente de toda a fazenda em canóro  
fandango.  
Vieram pretos batendo o urucungo do  
jongo.  
Tangolomango apareceu dançando tango.  
Houve congada, moçambiques, cayapós, caninha  
verde, cavalhadas.

Mas o sacy, o negrinho encantado,  
foi o culpado...



# o bacharel e a cabocla

Eu ia procurar a cabocla  
filha do antigo administrador da fazenda,  
aquella diaba de olhos pretos como duas jaboti-  
cabas  
e analphabeta que-nem rôla selvagem.



E eu lhe dizia : “como eu gosto de você !”  
E ella me respondia :  
“não sei por quê”.

Fazia cousas de insensato.  
O meu amor por ella era uma cousa do outro  
mundo  
na manhã rescendente de frutas acidas e de sol  
caricato.

E eu lhe dizia : “não conheço  
mulher mais bella que você”.



Ella me respondia :  
“não sei por quê”.

Mas houve um dia  
em que eu (como era lindo aquelle dia ;  
um sol louro e gaiato  
parecia saltar e cantar de alegria)  
me declarei disposto a tudo :  
“sou capaz de morrer por você !”  
Ella me respondeu :  
“não sei por quê”.

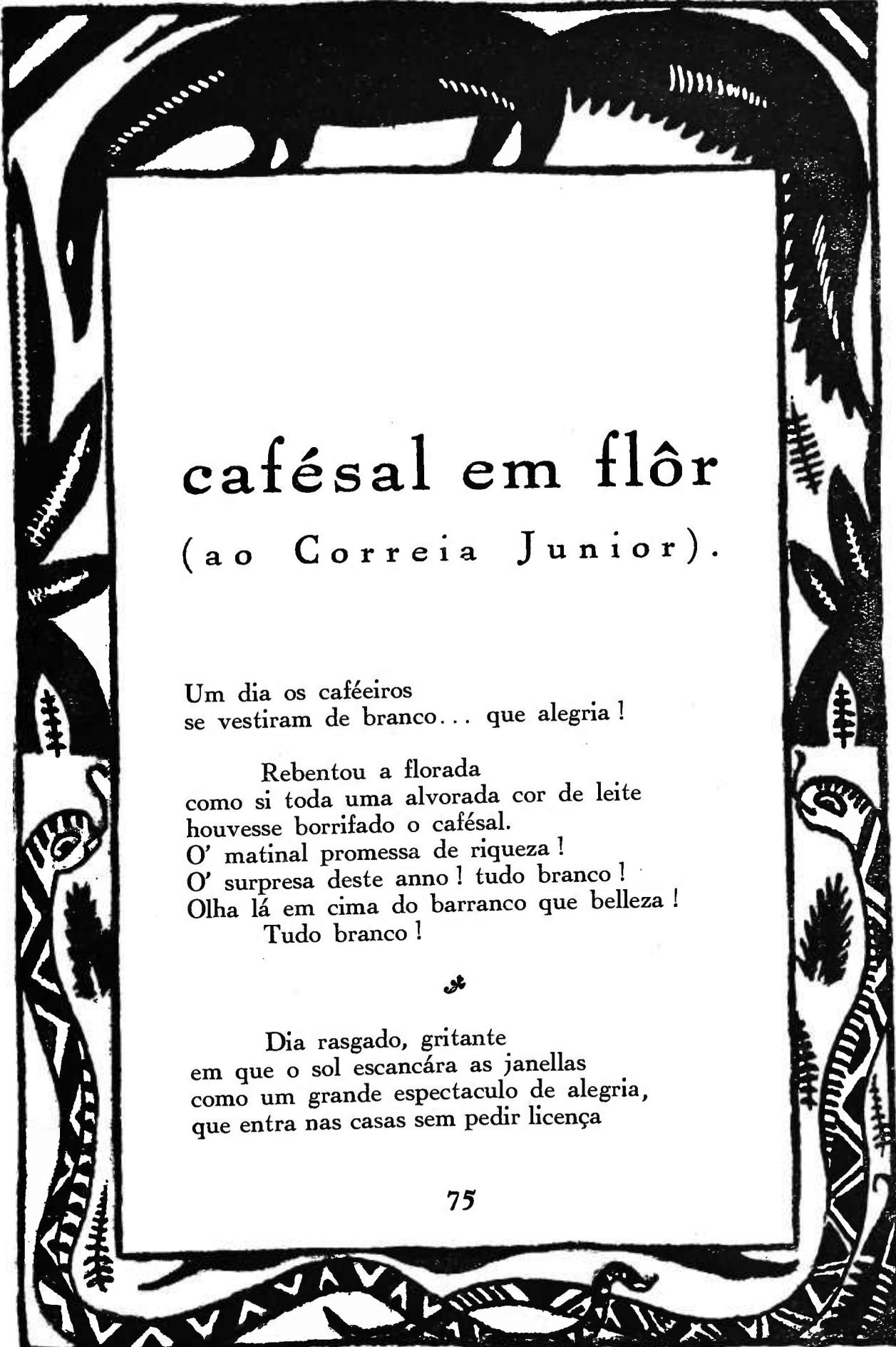


Diante dessa mania  
desse não-sei-porque de todo dia  
resolvi abandonar a fazenda  
com os seus frutos de sol e de mel,  
para ser... bacharel.

E entre outras aventuras  
andei gostando de uma turca  
de sobancelhas tão escuras  
que pareciam riscos de carvão.  
Andei depois quasi perdido  
por uma artista de cinema  
por quem mais tarde o coronel Fidencio  
deu um tiro no ouvido. Sensação.



Mas... ó cabocla de olhos pretos !  
**NÃO SEI POR QUÊ**  
nunca mais me esqueci de você !



# cafésal em flôr

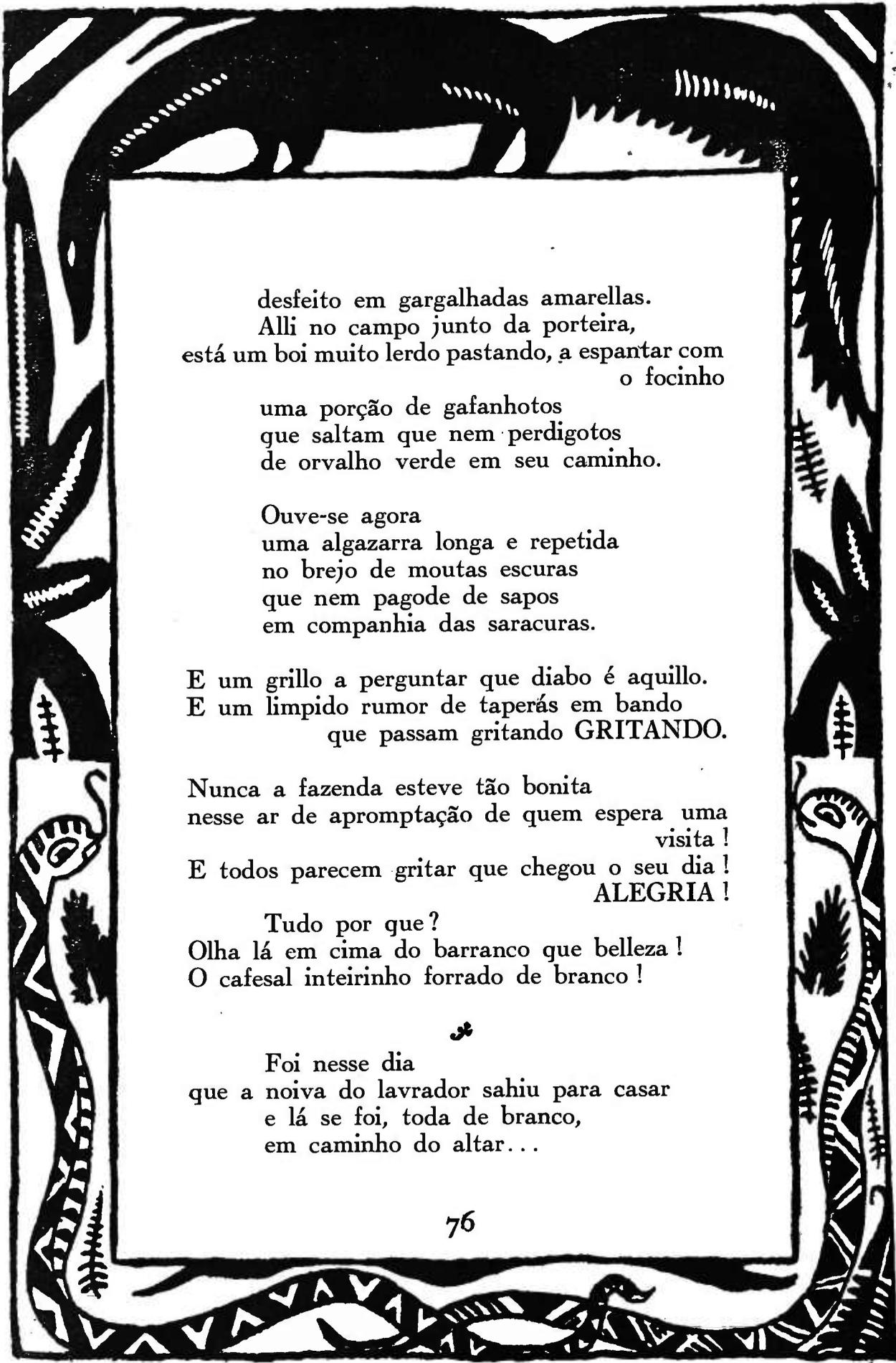
(a o Correia Junior).

Um dia os caféiros  
se vestiram de branco... que alegria!

Rebentou a florada  
como si toda uma alvorada cor de leite  
houvesse borrhado o cafésal.  
O' matinal promessa de riqueza!  
O' surpresa deste anno! tudo branco!  
Olha lá em cima do barranco que belleza!  
Tudo branco!



Dia rasgado, gritante  
em que o sol escancára as janellas  
como um grande espectáculo de alegria,  
que entra nas casas sem pedir licença



desfeito em gargalhadas amarellas.  
Alli no campo junto da porteira,  
está um boi muito lerdo pastando, a espantar com  
o focinho  
uma porção de gafanhotos  
que saltam que nem perdigotos  
de orvalho verde em seu caminho.

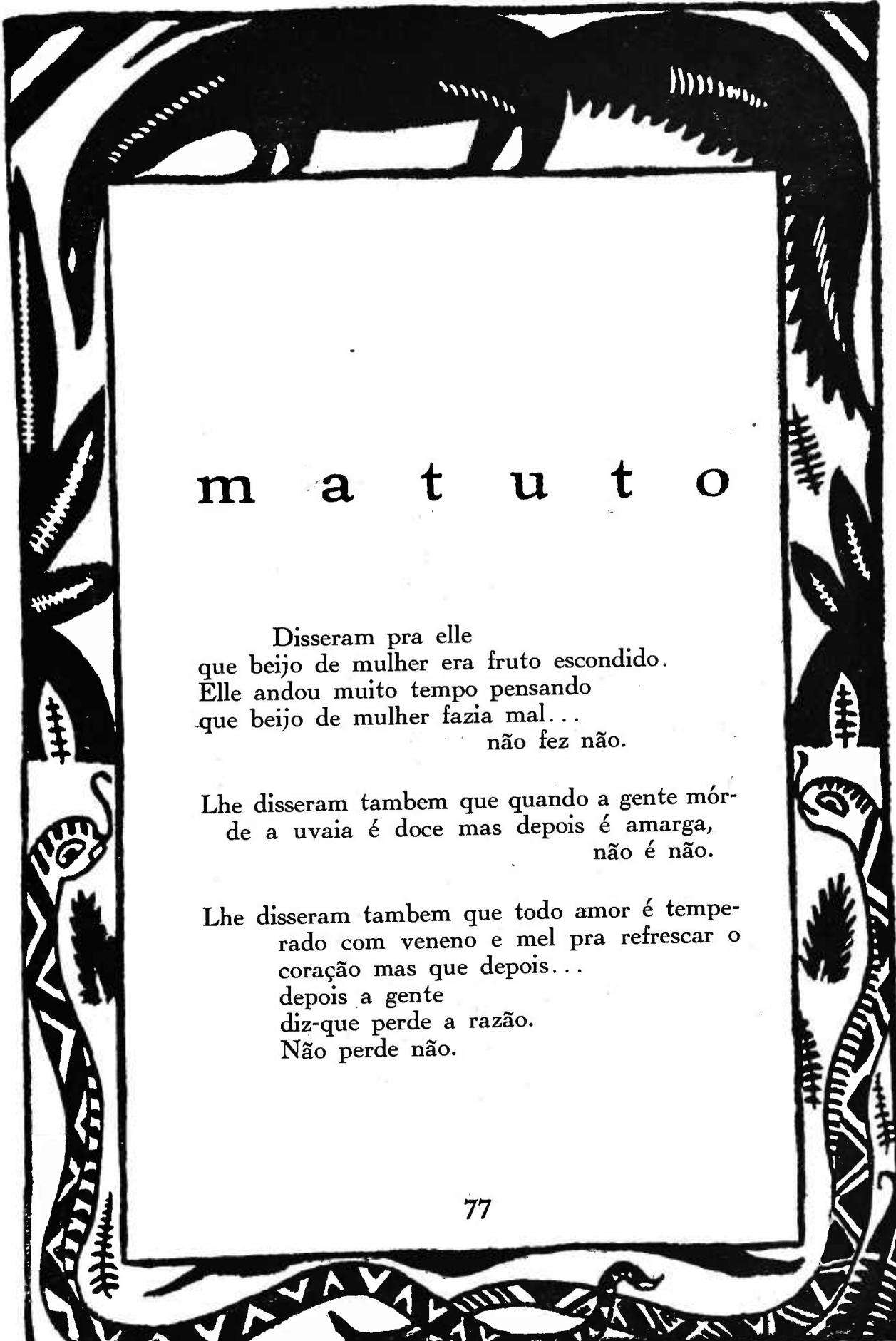
Ouve-se agora  
uma algazarra longa e repetida  
no brejo de moutas escuras  
que nem pagode de sapos  
em companhia das saracuras.

E um grillo a perguntar que diabo é aquillo.  
E um limpido rumor de taperás em bando  
que passam gritando GRITANDO.

Nunca a fazenda esteve tão bonita  
nesse ar de apromptação de quem espera uma  
visita!  
E todos parecem gritar que chegou o seu dia!  
ALEGRIA!

Tudo por que?  
Olha lá em cima do barranco que belleza!  
O cafetal inteirinho forrado de branco!

Foi nesse dia  
que a noiva do lavrador sahiu para casar  
e lá se foi, toda de branco,  
em caminho do altar...

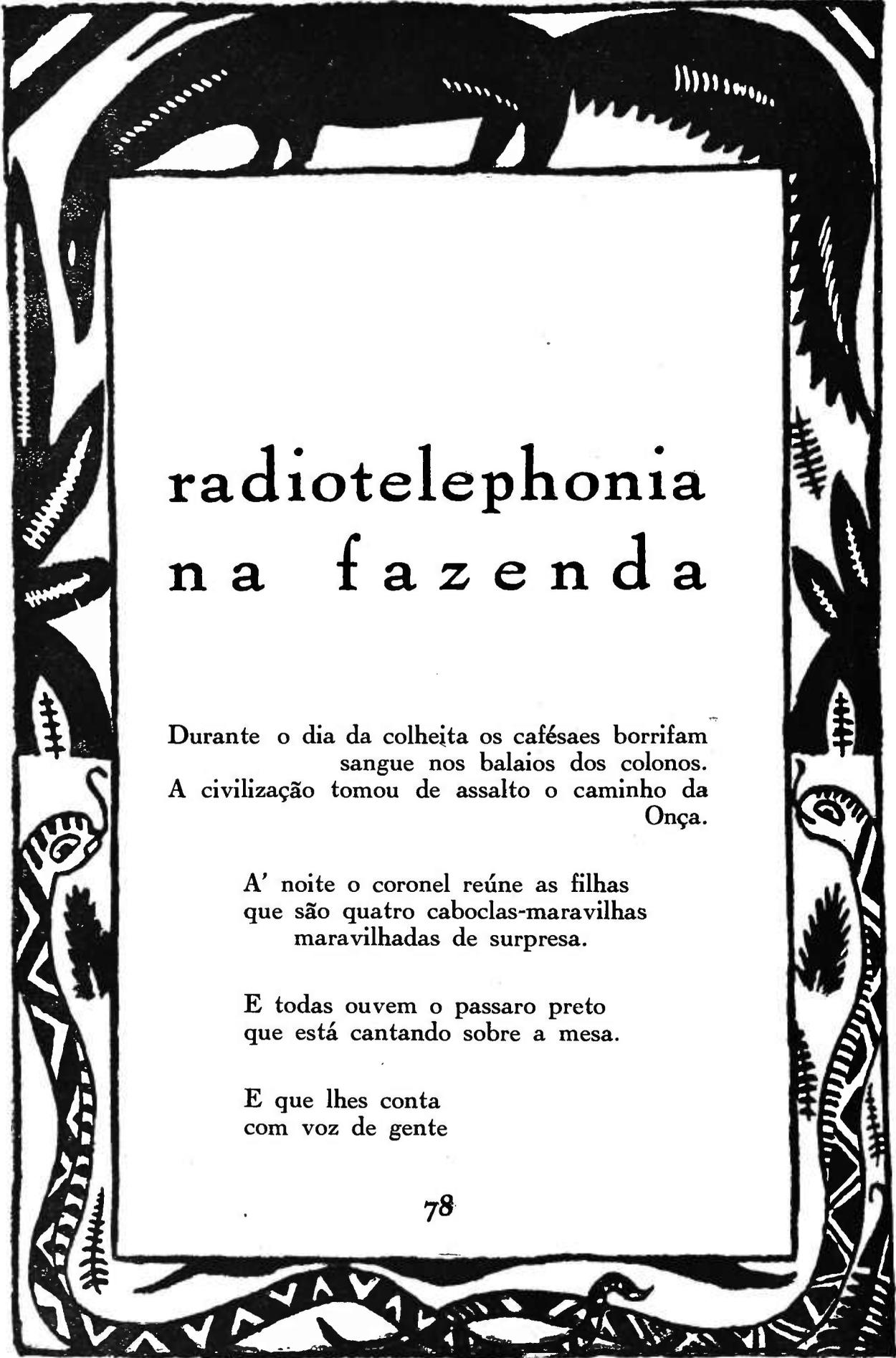


m a t u t o

Disseram pra elle  
que beijo de mulher era fruto escondido.  
Elle andou muito tempo pensando  
que beijo de mulher fazia mal...  
não fez não.

Lhe disseram tambem que quando a gente mór-  
de a uvaia é doce mas depois é amarga,  
não é não.

Lhe disseram tambem que todo amor é tempe-  
rado com veneno e mel pra refrescar o  
coração mas que depois...  
depois a gente  
diz-que perde a razão.  
Não perde não.



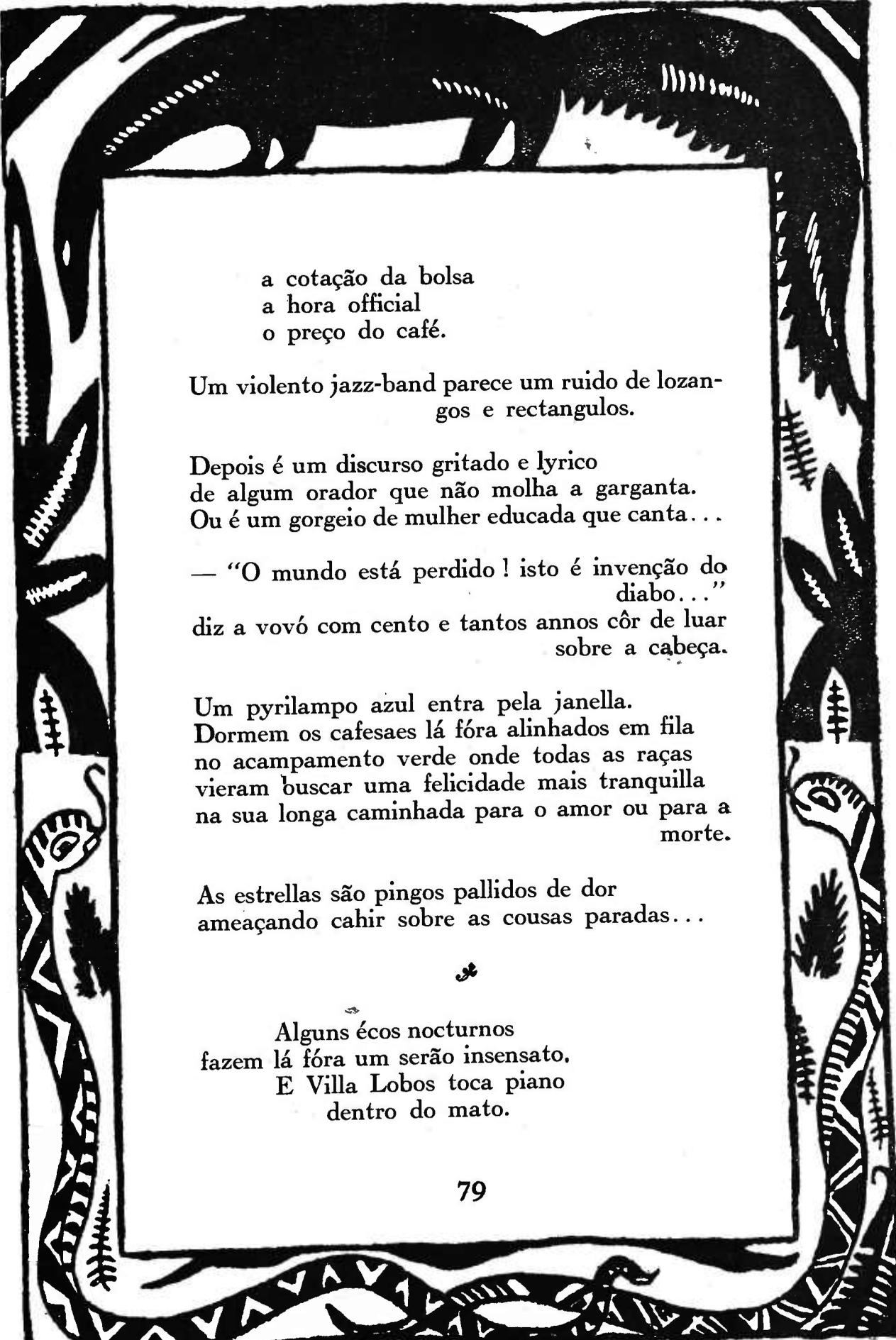
# radiotelephonia na fazenda

Durante o dia da colheita os cafésaes borrarifam  
sangue nos balaios dos colonos.  
A civilização tomou de assalto o caminho da  
Onça.

A' noite o coronel reúne as filhas  
que são quatro caboclas-maravilhas  
maravilhadas de surpresa.

E todas ouvem o passaro preto  
que está cantando sobre a mesa.

E que lhes conta  
com voz de gente



a cotação da bolsa  
a hora official  
o preço do café.

Um violento jazz-band parece um ruído de lozangos e rectangulos.

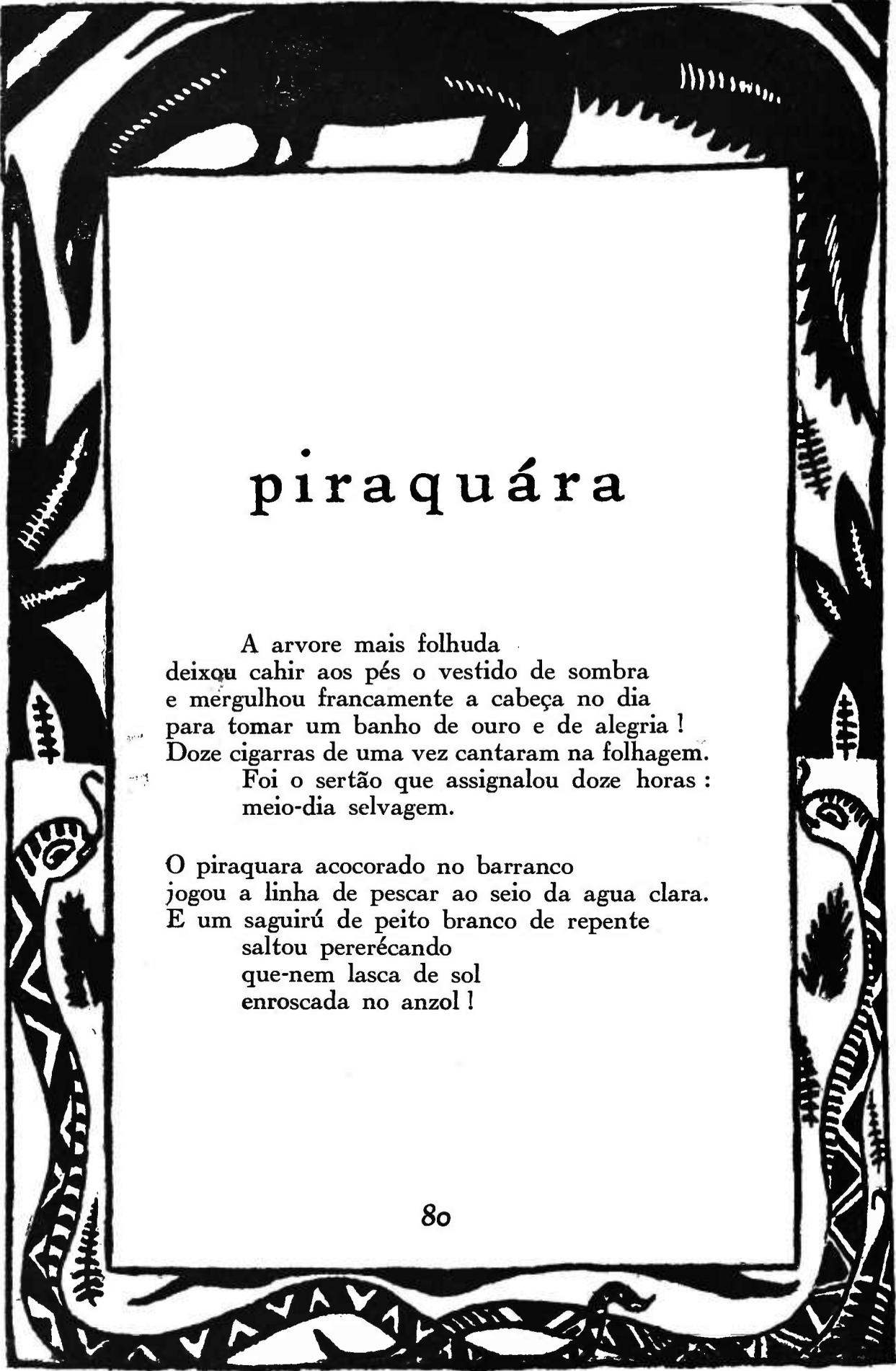
Depois é um discurso gritado e lyrico  
de algum orador que não molha a garganta.  
Ou é um gorgueio de mulher educada que canta...

— “O mundo está perdido ! isto é invenção do  
diabo...”  
diz a vovó com cento e tantos annos côm de luar  
sobre a cabeça.

Um pyrilampo azul entra pela janella.  
Dormem os cafesaes lá fóra alinhados em fila  
no acampamento verde onde todas as raças  
vieram buscar uma felicidade mais tranquilla  
na sua longa caminhada para o amor ou para a  
morte.

As estrellas são pingos pallidos de dor  
ameaçando cahir sobre as cousas paradas...

Alguns écos nocturnos  
fazem lá fóra um serão insensato.  
E Villa Lobos toca piano  
dentro do mato.

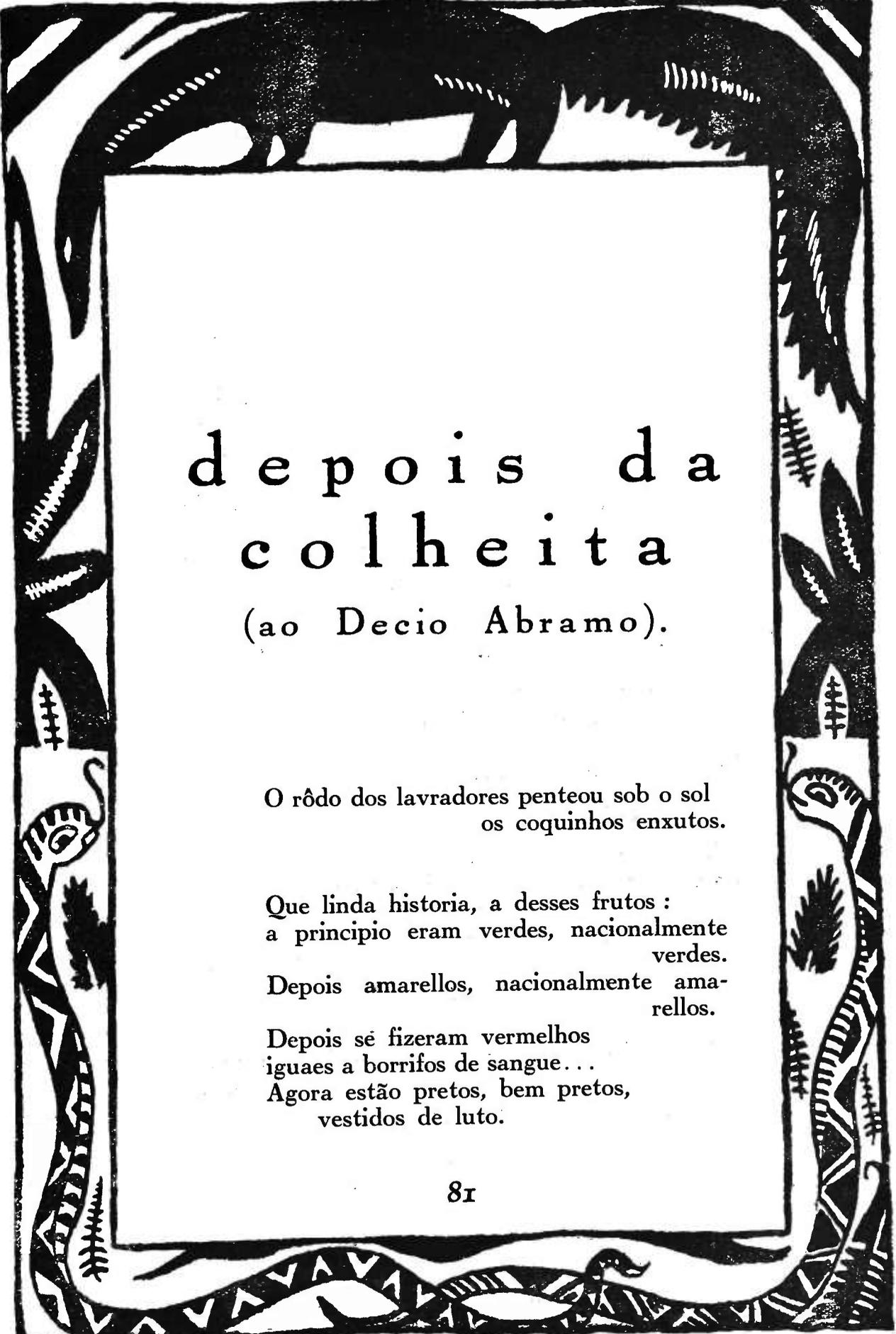


# piraquára

A árvore mais folhuda  
deixou cair aos pés o vestido de sombra  
e mergulhou francamente a cabeça no dia  
para tomar um banho de ouro e de alegria!  
Doze cigarras de uma vez cantaram na folhagem.

Foi o sertão que sinalizou doze horas :  
meio-dia selvagem.

O piraquara acorrido no barranco  
jogou a linha de pescar ao seio da água clara.  
E um saguirú de peito branco de repente  
saltou pererécando  
que-nem lasca de sol  
enroscada no anzol!



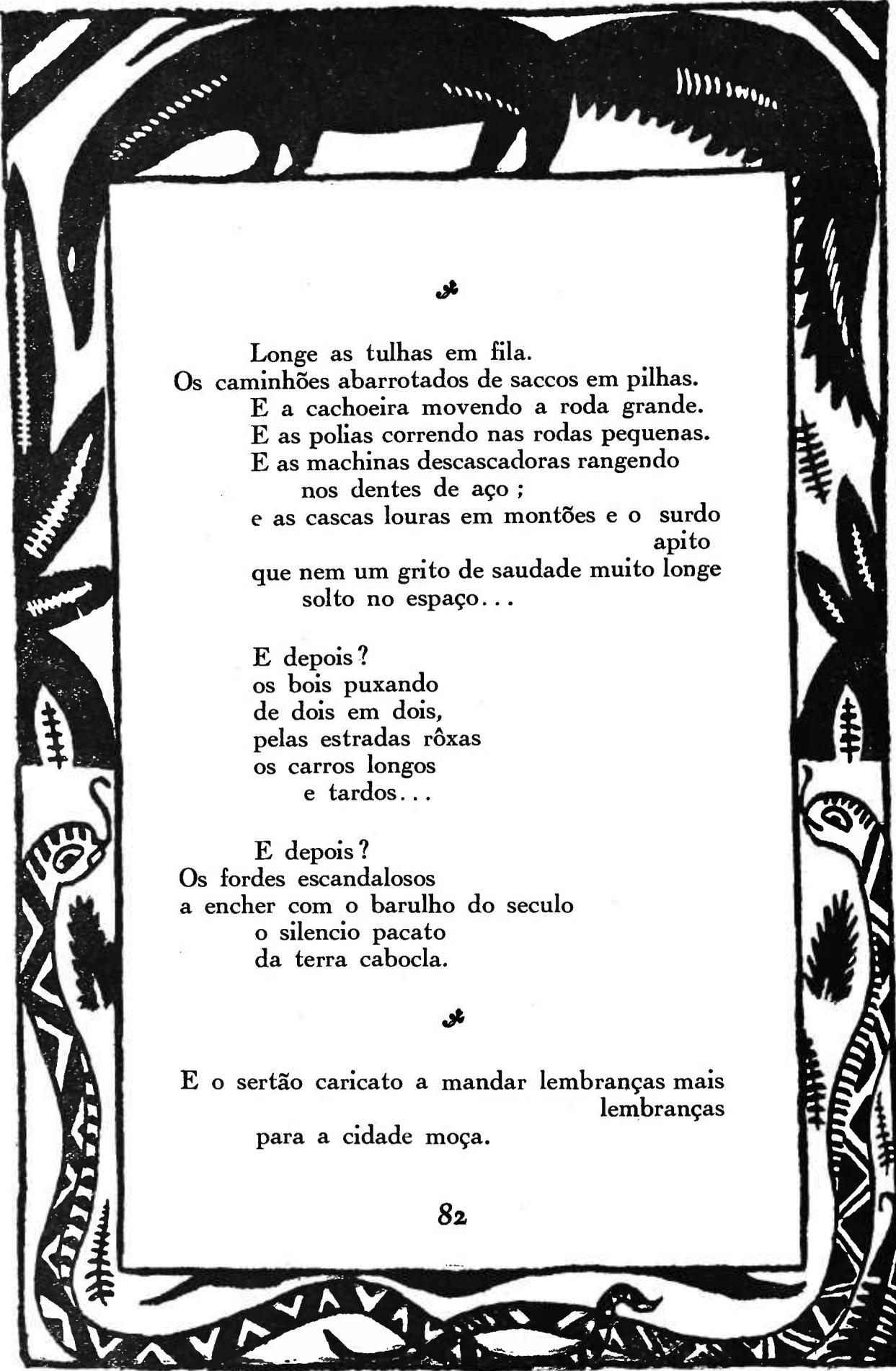
d e p o i s   d a  
c o l h e i t a

(a o D e c i o A b r a m o).

O rôdo dos lavradores penteou sob o sol  
os coquinhos enxutos.

Que linda historia, a desses frutos :  
a principio eram verdes, nacionalmente  
verdes.  
Depois amarellos, nacionalmente ama-  
rellos.

Depois sé fizeram vermelhos  
iguaes a borrifos de sangue...  
Agora estão pretos, bem pretos,  
vestidos de luto.



Longe as tulhas em fila.  
Os caminhões abarrotados de saccos em pilhas.  
E a cachoeira movendo a roda grande.  
E as polias correndo nas rodas pequenas.  
E as machinas descascadoras rangendo  
nos dentes de aço ;  
e as cascas louras em montões e o surdo  
apito  
que nem um grito de saudade muito longe  
solto no espaço...

E depois?  
os bois puxando  
de dois em dois,  
pelas estradas rôxas  
os carros longos  
e tardos...

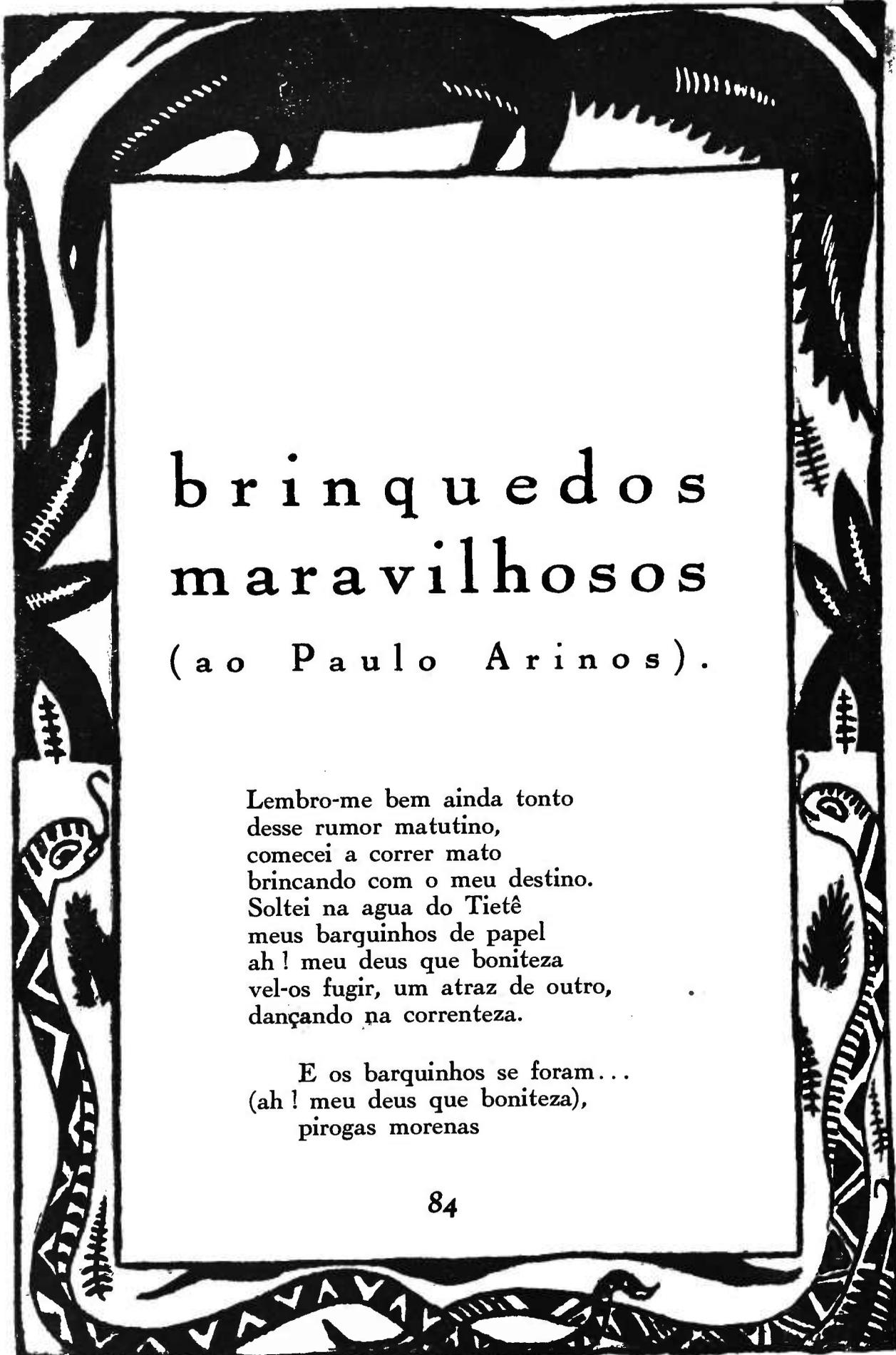
E depois?  
Os fordes escandalosos  
a encher com o barulho do seculo  
o silencio pacato  
da terra cabocla.

E o sertão caricato a mandar lembranças mais  
lembranças  
para a cidade moça.



Lá longe o tumulto das ruas em festa,  
Automoveis brigando com bondes da Láite.  
Cidadãos de charuto em reuniões do instituto,  
E um homem louro a discutir a taxa-ouro.  
E o ouro dos cafésaes escorrendo nos bancos.  
E a cidade jogando dados de sobrados  
uns sobre outros como um brinquedo americano  
de armar e desarmar castellos encantados  
na dança de róda em que o dia parece todo elle  
uma casa suspensa no azul a brincar com as  
janellas.

E a Serra do Mar, conduzindo milhões e milhões  
de saccoes de café sem parar  
sobre as costas azues  
em caminho do mar...

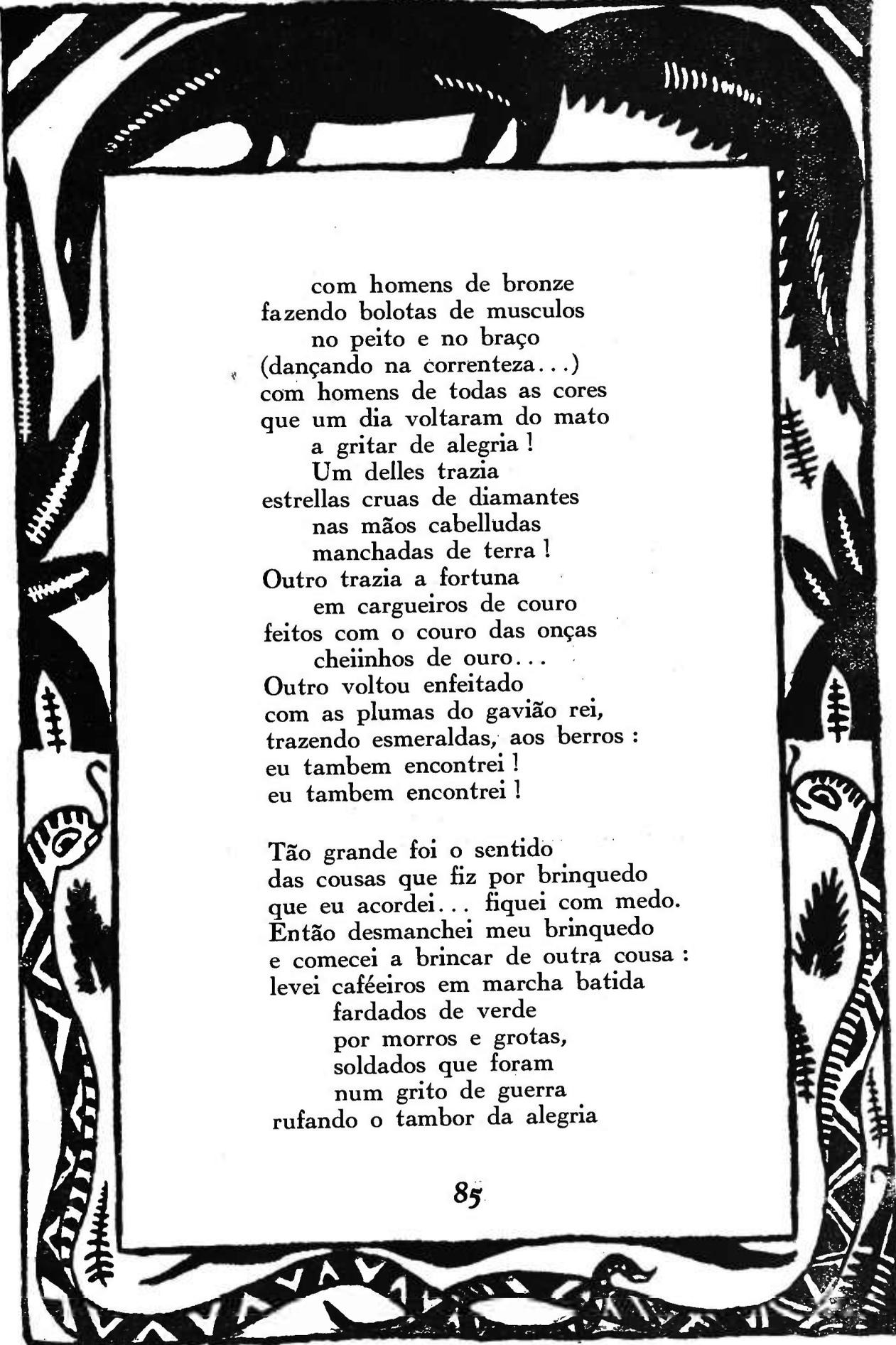


brinquedos  
maravilhosos

(ao Paulo Arinos).

Lembro-me bem ainda tonto  
desse rumor matutino,  
comecei a correr mato  
brincando com o meu destino.  
Soltei na agua do Tietê  
meus barquinhos de papel  
ah! meu deus que boniteza  
vel-os fugir, um atraz de outro,  
dançando na correnteza.

E os barquinhos se foram...  
(ah! meu deus que boniteza),  
pirogas morenas



com homens de bronze  
fazendo bolotas de musculos  
no peito e no braço  
(dançando na correnteza...)  
com homens de todas as cores  
que um dia voltaram do mato  
a gritar de alegria!

Um delles trazia  
estrellas cruas de diamantes  
nas mãos cabelludas  
manchadas de terra!

Outro trazia a fortuna  
em cargueiros de couro  
feitos com o couro das onças  
cheinhos de ouro...

Outro voltou enfeitado  
com as plumas do gavião rei,  
trazendo esmeraldas, aos berros :  
eu tambem encontrei !  
eu tambem encontrei !

Tão grande foi o sentido  
das cousas que fiz por brinquedo  
que eu acordei... fiquei com medo.  
Então desmanchei meu brinquedo  
e comecei a brincar de outra cousa :  
levei caféeiros em marcha batida  
fardados de verde  
por morros e grotas,  
soldados que foram  
num grito de guerra  
rufando o tambor da alegria



levar minha nova esperança  
aos logares mais longes da terra!

Tudo brinquedo de creança.  
Mas os soldados que fiz por brinquedo  
viraram valentes  
brigaram com o mato  
avançaram sem medo  
e feridos na luta  
ficaram pingando  
dos pés á cabeça  
caroços de sangue...

Hoje estão muito longe  
nem sei onde estão :  
e cada vez mais atrevidos  
marcham em todos os sentidos,  
na sua batalha de morte  
contra o sertão !

Mas eu confesso : estou com medo  
do meu proprio brinquedo.



**a minha chicara  
de café e o  
meu jornal.**

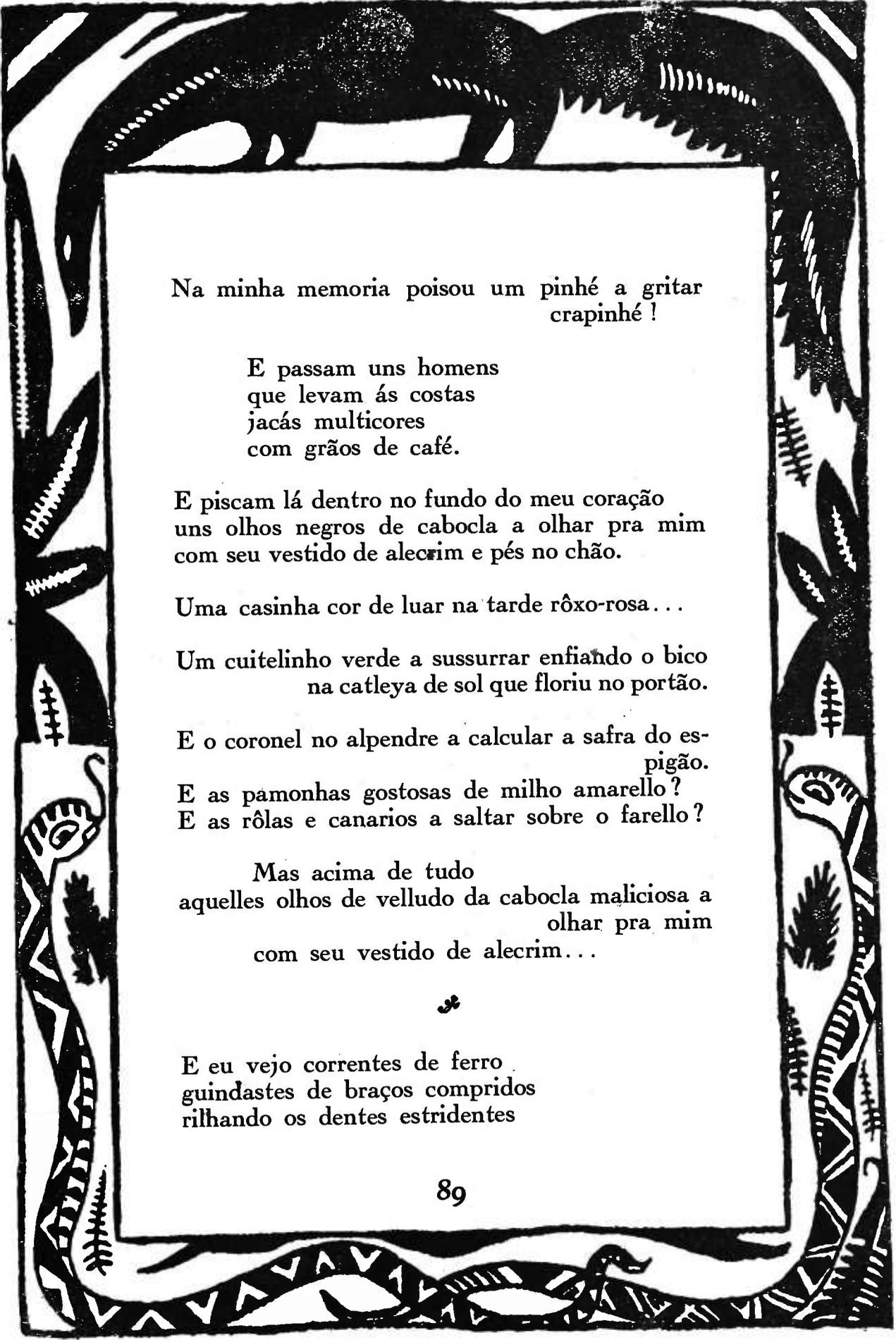


# a minha chicara de café

A chicara é branca e pequena como uma casca  
de ovo.  
O garçon traz o bule e derrama o café forte e  
novo  
como si derramasse por encanto  
uma pequena noite líquida e cheirosa  
na casca de ovo.

A minha chicara de café  
é o resumo de todas as cousas que vi na fazenda e  
me vêm á memoria apagada.

Na minha memoria anda um carro de bois a bater  
as porteiras da estrada. . .



Na minha memoria poisou um pinhé a gritar  
crapinhé !

E passam uns homens  
que levam ás costas  
jacás multicores  
com grãos de café.

E piscam lá dentro no fundo do meu coração  
uns olhos negros de cabocla a olhar pra mim  
com seu vestido de alecrim e pés no chão.

Uma casinha cor de luar na tarde rôxo-rosa . . .

Um cuitelinho verde a sussurrar enfiando o bico  
na catleya de sol que floriu no portão.

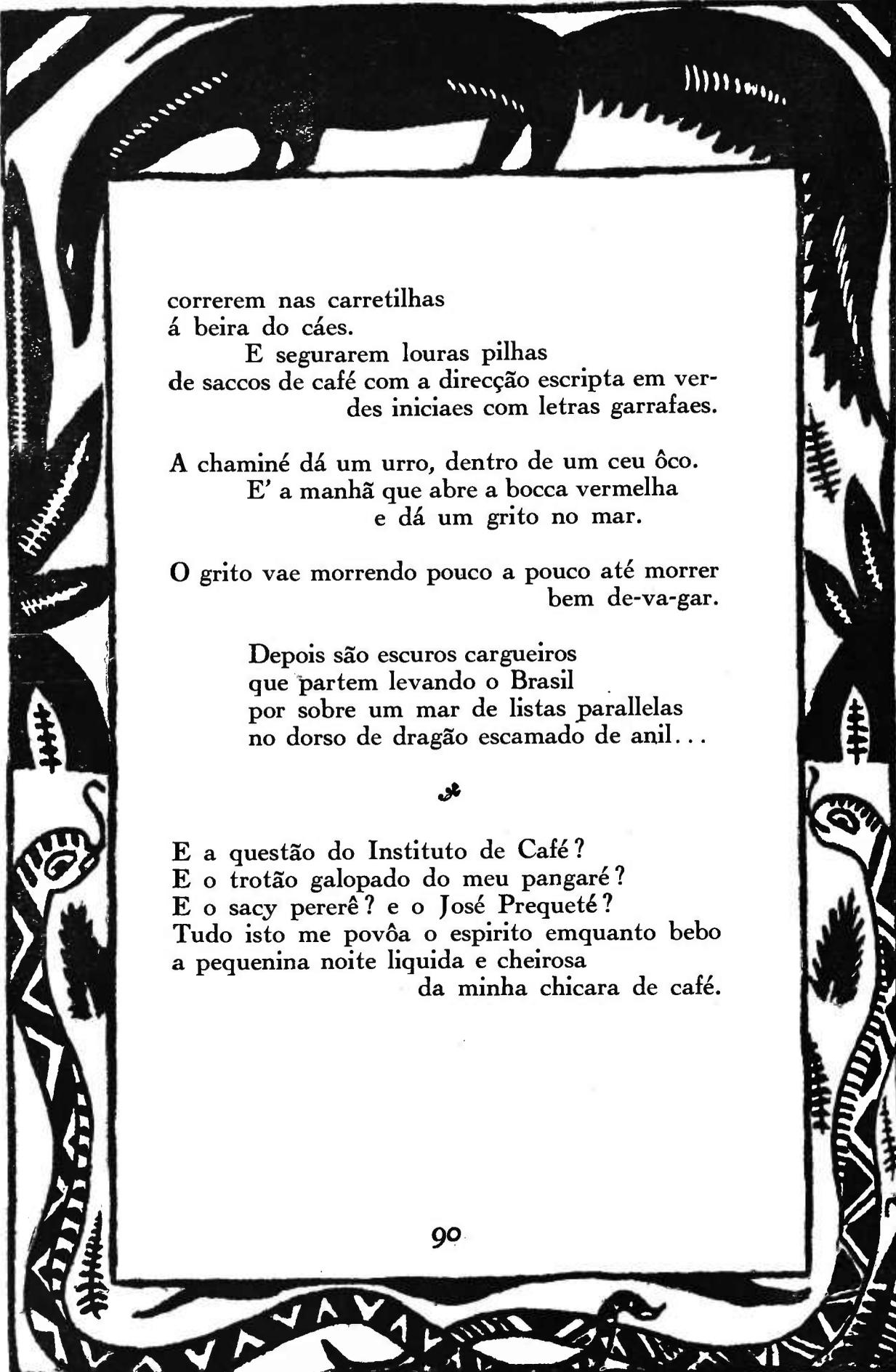
E o coronel no alpendre a calcular a safra do es-  
pigão.

E as pamonhas gostosas de milho amarello?  
E as rôlas e canarios a saltar sobre o farello?

Mas acima de tudo  
aquelles olhos de velludo da cabocla maliciosa a  
olhar pra mim  
com seu vestido de alecrim . . .



E eu vejo correntes de ferro  
guindastes de braços compridos  
rilhando os dentes estridentes



correrem nas carretilhas  
á beira do cáes.

E segurarem louras pilhas  
de saccos de café com a direcção escripta em ver-  
des iniciaes com letras garrafaes.

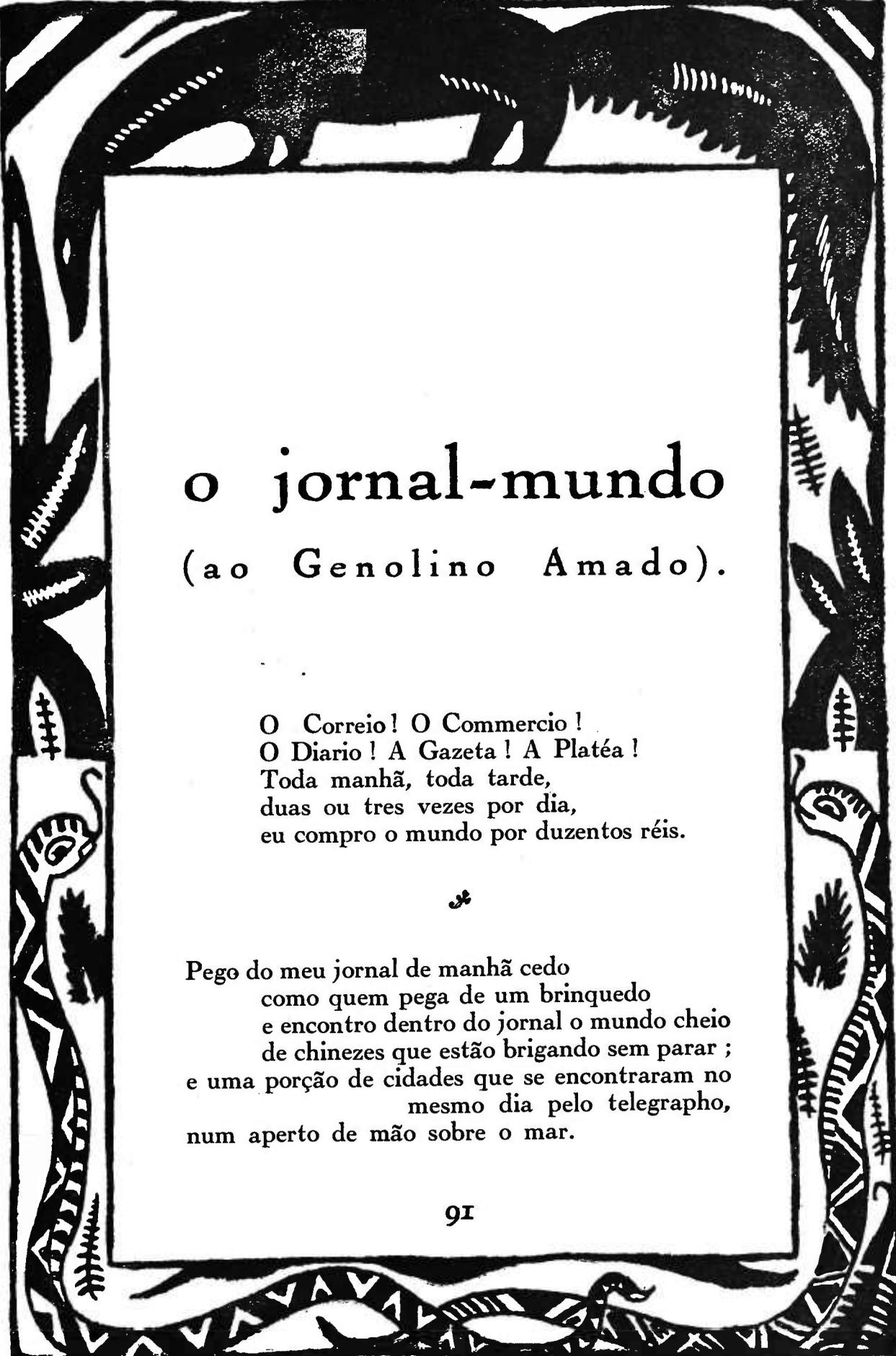
A chaminé dá um urro, dentro de um ceu ôco.  
E' a manhã que abre a bocca vermelha  
e dá um grito no mar.

O grito vae morrendo pouco a pouco até morrer  
bem de-va-gar.

Depois são escuros cargueiros  
que partem levando o Brasil  
por sobre um mar de listas parallelas  
no dorso de dragão escamado de anil...



E a questão do Instituto de Café?  
E o trotão galopado do meu pangaré?  
E o sacy pererê? e o José Prequeté?  
Tudo isto me povôa o espirito emquanto bebo  
a pequenina noite liquida e cheirosa  
da minha chicara de café.

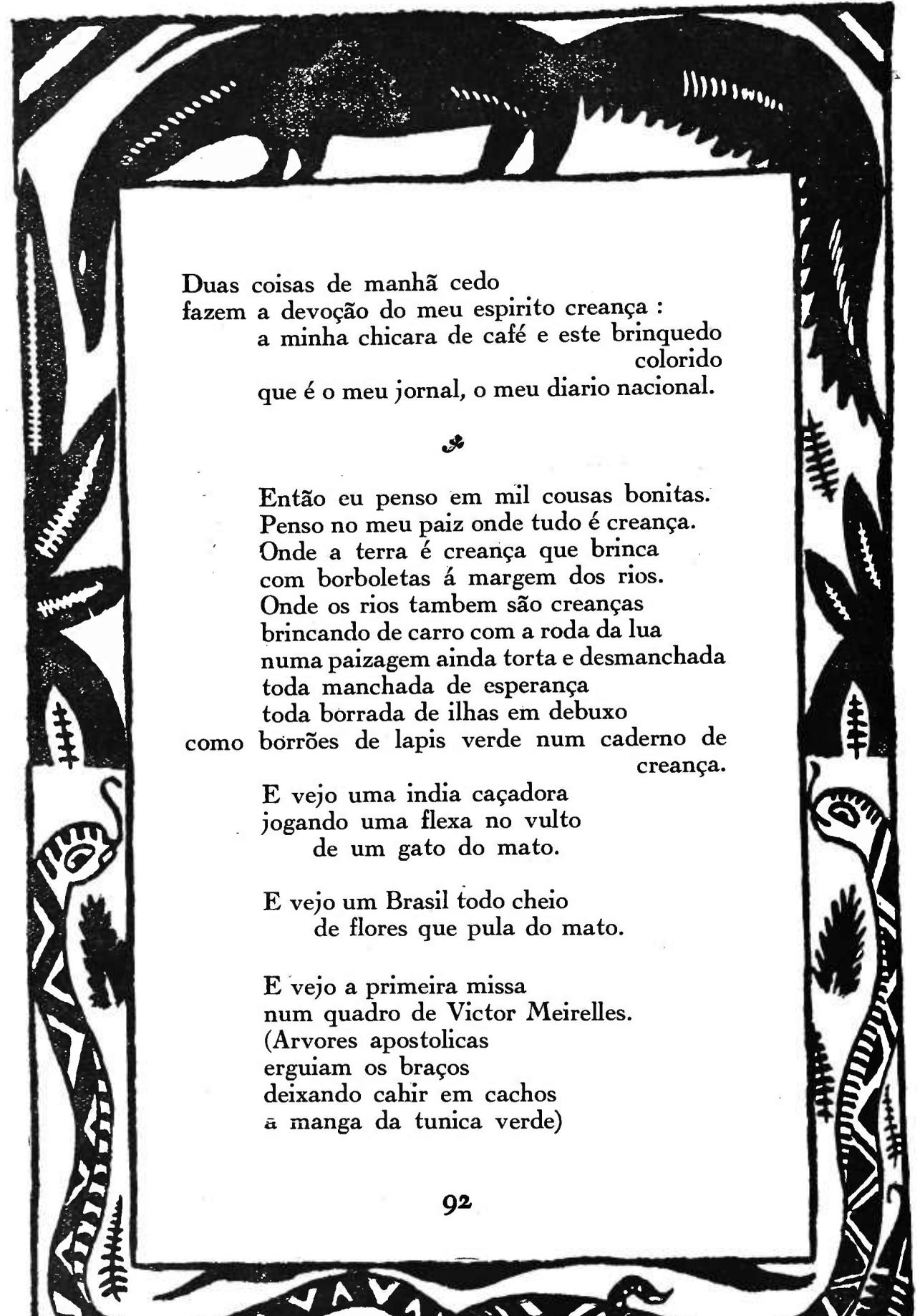


o jornal-mundo  
(ao Genolino Amado).

O Correio! O Commercio!  
O Diario! A Gazeta! A Platéa!  
Toda manhã, toda tarde,  
duas ou tres vezes por dia,  
eu compro o mundo por duzentos réis.



Pego do meu jornal de manhã cedo  
como quem pega de um brinquedo  
e encontro dentro do jornal o mundo cheio  
de chinezes que estão brigando sem parar ;  
e uma porção de cidades que se encontraram no  
mesmo dia pelo telegrapho,  
num aperto de mão sobre o mar.



Duas coisas de manhã cedo  
fazem a devoção do meu espirito creança :  
a minha chicara de café e este brinquedo  
colorido  
que é o meu jornal, o meu diario nacional.

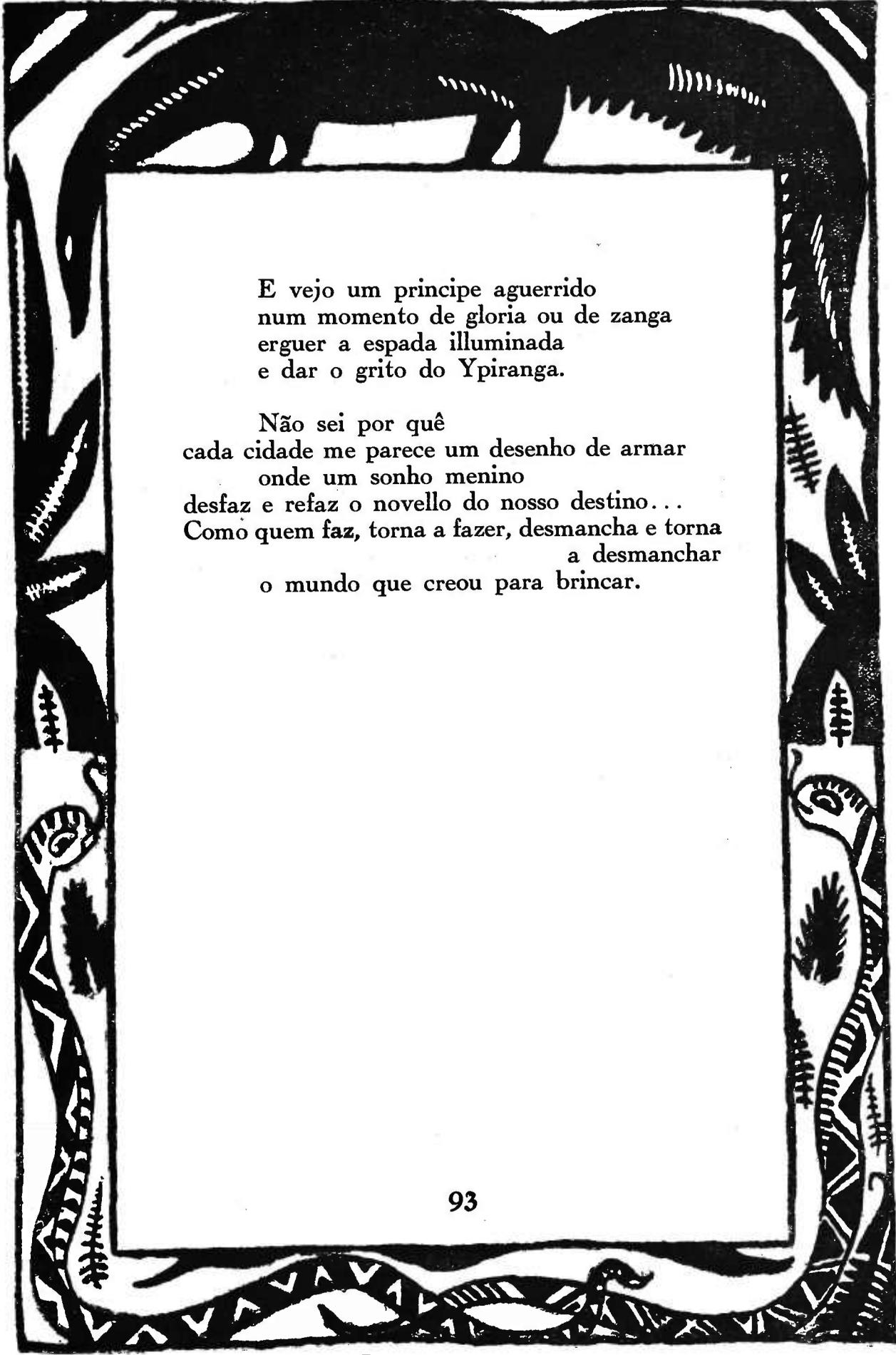


Então eu penso em mil cousas bonitas.  
Penso no meu paiz onde tudo é creança.  
Onde a terra é creança que brinca  
com borboletas á margem dos rios.  
Onde os rios tambem são creanças  
brincando de carro com a roda da lua  
numa paizagem ainda torta e desmanchada  
toda manchada de esperança  
toda borrada de ilhas em debuxo  
como borrões de lapis verde num caderno de  
creança.

E vejo uma india caçadora  
jogando uma flexa no vulto  
de um gato do mato.

E vejo um Brasil todo cheio  
de flores que pula do mato.

E vejo a primeira missa  
num quadro de Victor Meirelles.  
(Arvores apostolicas  
erguiam os braços  
deixando cahir em cachos  
ã manga da tunica verde)



E vejo um príncipe aguerrido  
num momento de glória ou de zanga  
erguer a espada iluminada  
e dar o grito do Ypiranga.

Não sei por quê  
cada cidade me parece um desenho de armar  
onde um sonho menino  
desfaz e refaz o novello do nosso destino...  
Como quem faz, torna a fazer, desmancha e torna  
a desmanchar  
o mundo que creou para brincar.



# a tribu que acampou na cidade

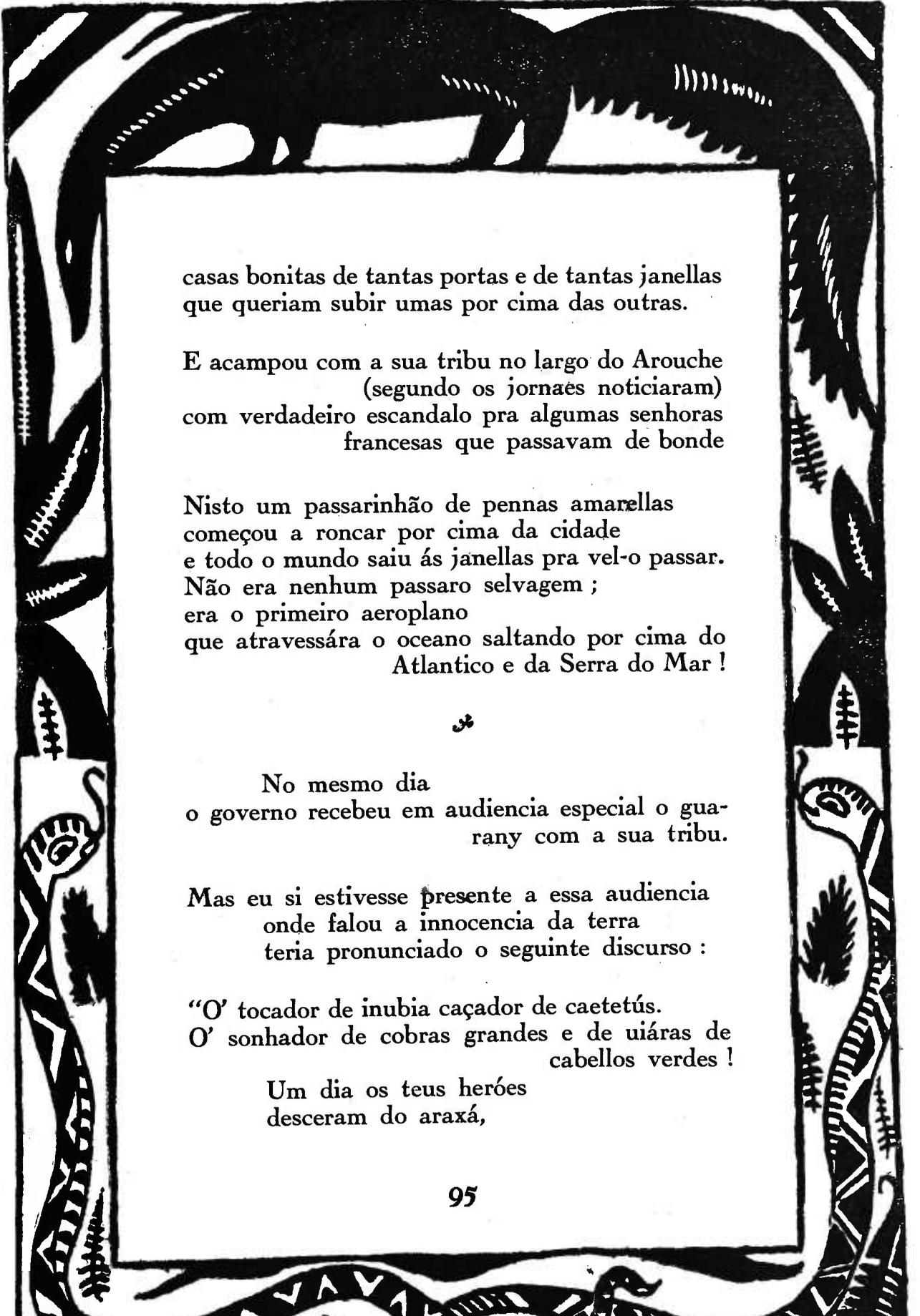
O trem de ferro entrou no mato e marcou com o  
seus trilhos o lombo da serra.

Então um indio guarany tirou o cocar de pennas  
verdes que trazia na fronte bronzeada e  
veiu pra São Paulo.



Veu com a sua tribu procurar o governo  
que morava num baita palacio todo cheio de es-  
cadas  
com estrellas electricas de todas as cores.

Mas antes de ser recebido em palacio pelo governo  
quiz vêr as ruas sem achar explicação pra aquellas



casas bonitas de tantas portas e de tantas janellas  
que queriam subir umas por cima das outras.

E acampou com a sua tribu no largo do Arouche  
(segundo os jornaes noticiaram)  
com verdadeiro escandalo pra algumas senhoras  
francesas que passavam de bonde

Nisto um passarinhão de pennas amarellas  
começou a roncar por cima da cidade  
e todo o mundo saiu ás janellas pra vel-o passar.  
Não era nenhum passaro selvagem ;  
era o primeiro aeroplano  
que atravessára o oceano saltando por cima do  
Atlantico e da Serra do Mar !

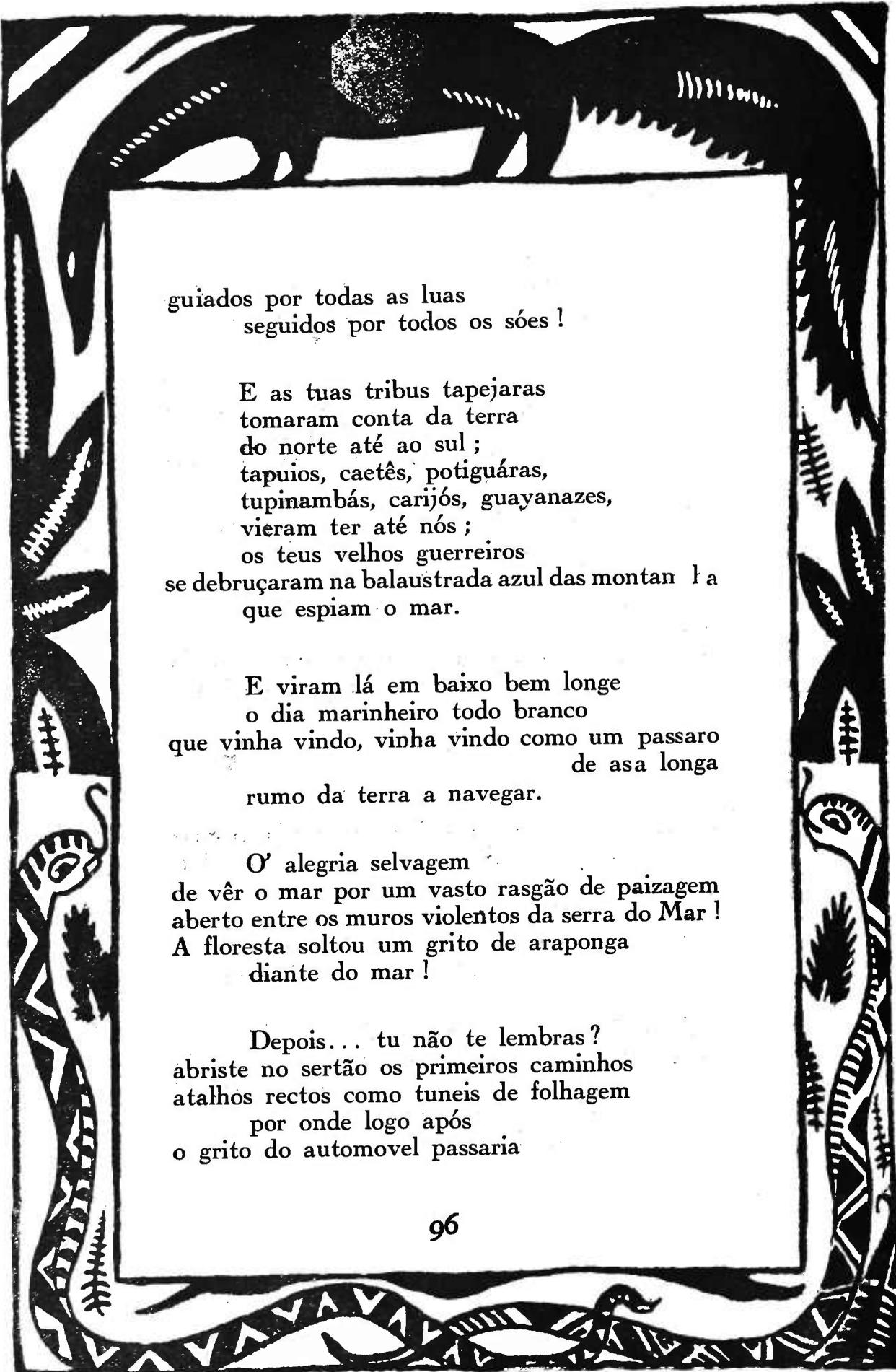


No mesmo dia  
o governo recebeu em audiencia especial o gua-  
rany com a sua tribu.

Mas eu si estivesse presente a essa audiencia  
onde falou a innocencia da terra  
teria pronunciado o seguinte discurso :

“O’ tocador de inubia caçador de caetetús.  
O’ sonhador de cobras grandes e de uiáras de  
cabellos verdes !

Um dia os teus heróes  
desceram do araxá,



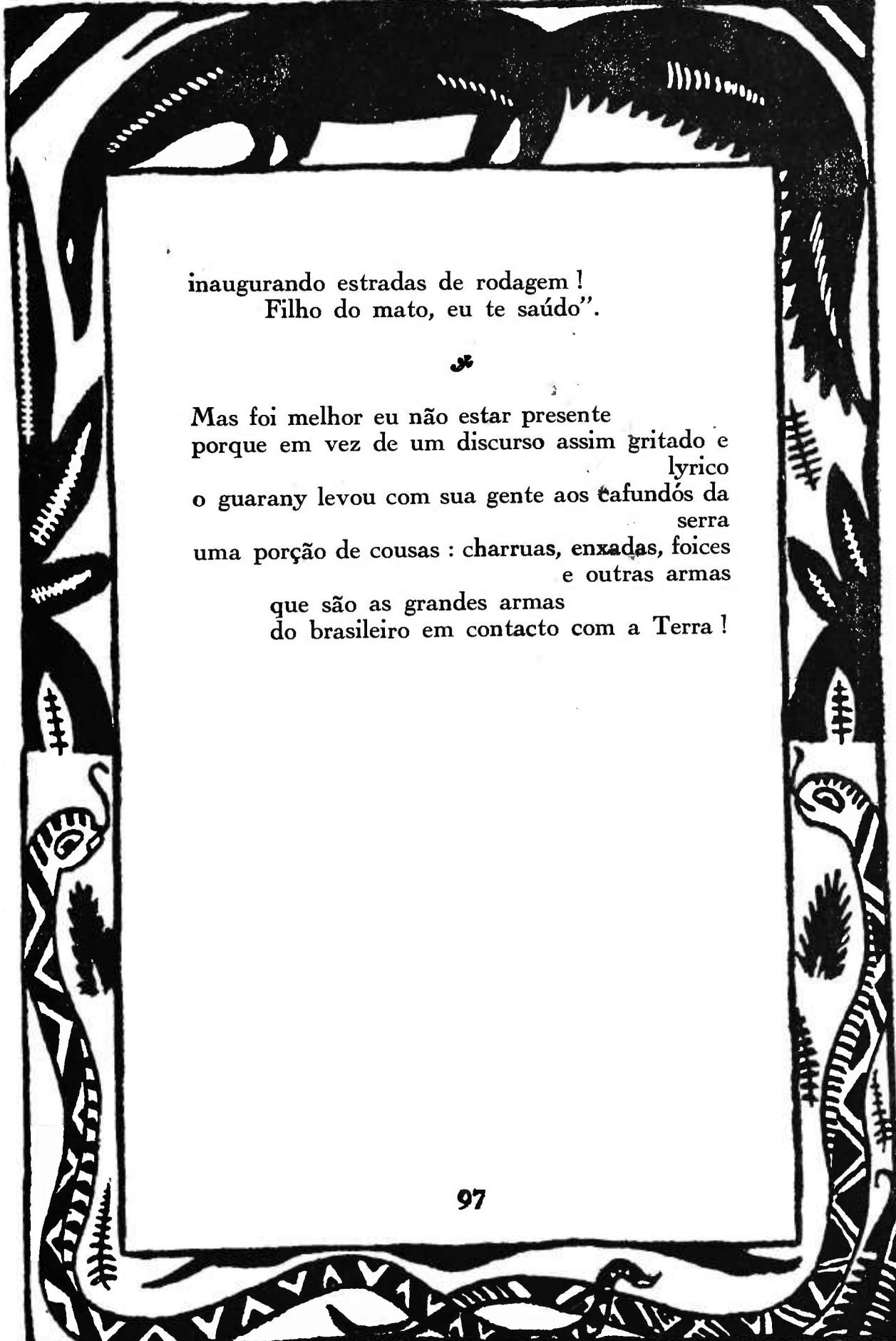
guiados por todas as luas  
seguidos por todos os sóes !

E as tuas tribus tapejaras  
tomaram conta da terra  
do norte até ao sul ;  
tapuios, caetês, potiguáras,  
tupinambás, carijós, guayanazes,  
vieram ter até nós ;  
os teus velhos guerreiros  
se debruçaram na balaustrada azul das montan ha  
que espiam o mar.

E viram lá em baixo bem longe  
o dia marinho todo branco  
que vinha vindo, vinha vindo como um passaro  
de asa longa  
rumo da terra a navegar.

O' alegria selvagem  
de vêr o mar por um vasto rasgão de paizagem  
aberto entre os muros violentos da serra do Mar !  
A floresta soltou um grito de araponga  
diante do mar !

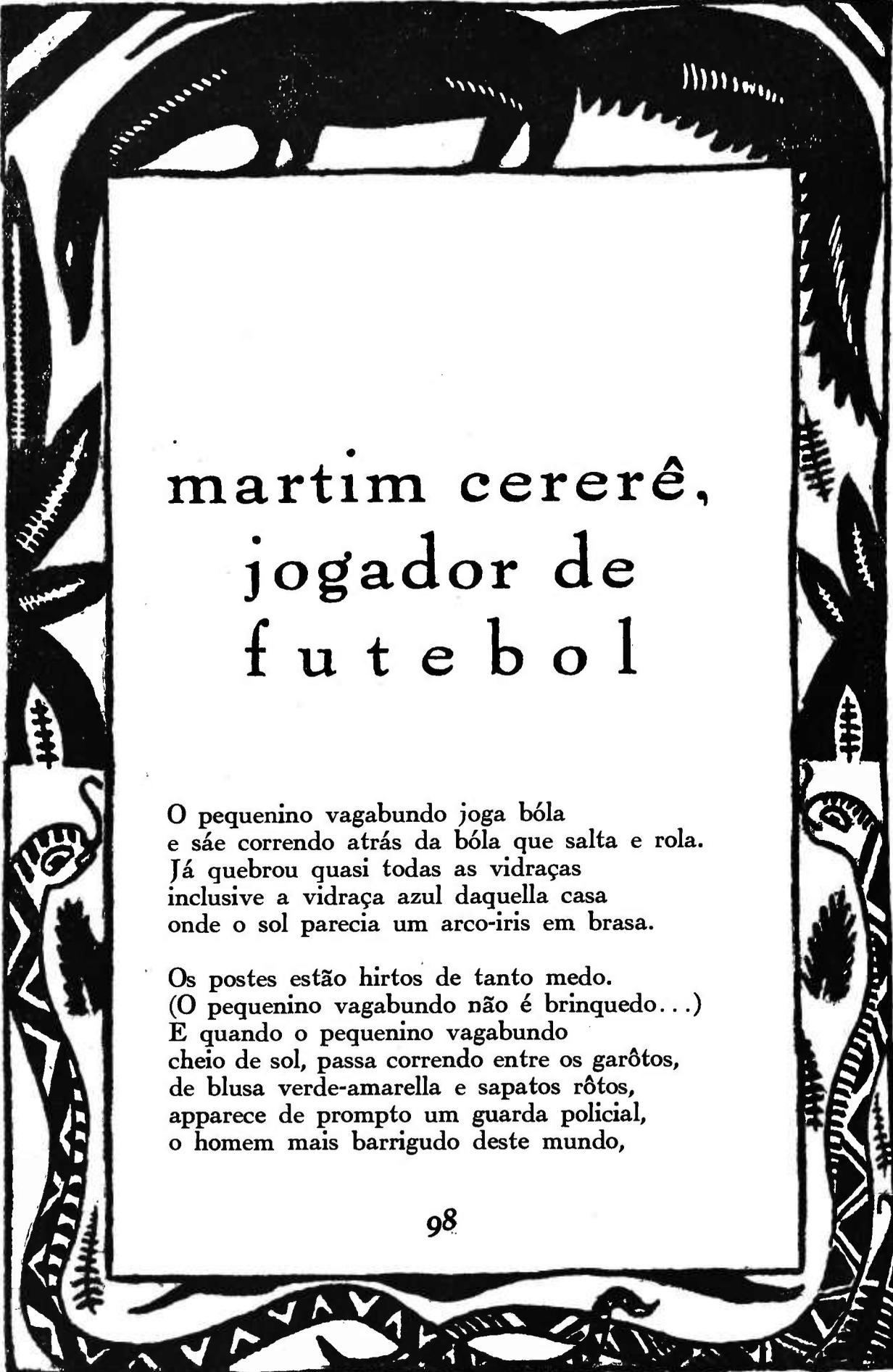
Depois... tu não te lembras ?  
abriste no sertão os primeiros caminhos  
atalhós rectos como tuneis de folhagem  
por onde logo após  
o grito do automovel passaria



inaugurando estradas de rodagem !  
Filho do mato, eu te saúdo”.



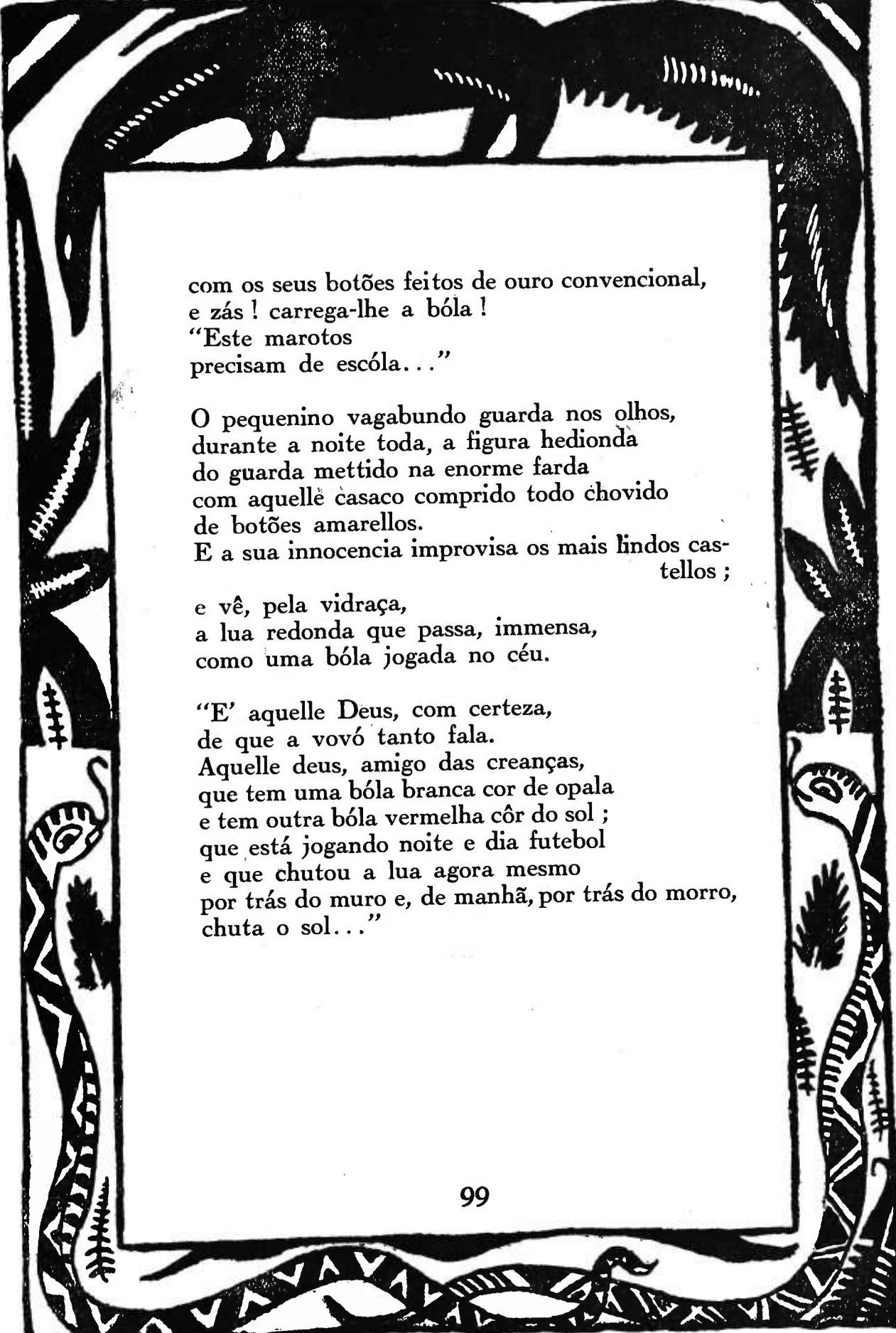
Mas foi melhor eu não estar presente  
porque em vez de um discurso assim gritado e  
lyrico  
o guarany levou com sua gente aos tafundós da  
serra  
uma porção de cousas : charruas, enxadas, foices  
e outras armas  
que são as grandes armas  
do brasileiro em contacto com a Terra !



martim cererê,  
jogador de  
f u t e b o l

O pequenino vagabundo joga bóla  
e sáe correndo atrás da bóla que salta e rola.  
Já quebrou quasi todas as vidraças  
inclusive a vidraça azul daquela casa  
onde o sol parecia um arco-iris em brasa.

Os postes estão hirtos de tanto medo.  
(O pequenino vagabundo não é brinquedo...)  
E quando o pequenino vagabundo  
cheio de sol, passa correndo entre os garôtos,  
de blusa verde-amarella e sapatos rôtos,  
apparece de prompto um guarda policial,  
o homem mais barrigudo deste mundo,



com os seus botões feitos de ouro convencional,  
e zás! carrega-lhe a bóla!

“Este marotos  
precisam de escola...”

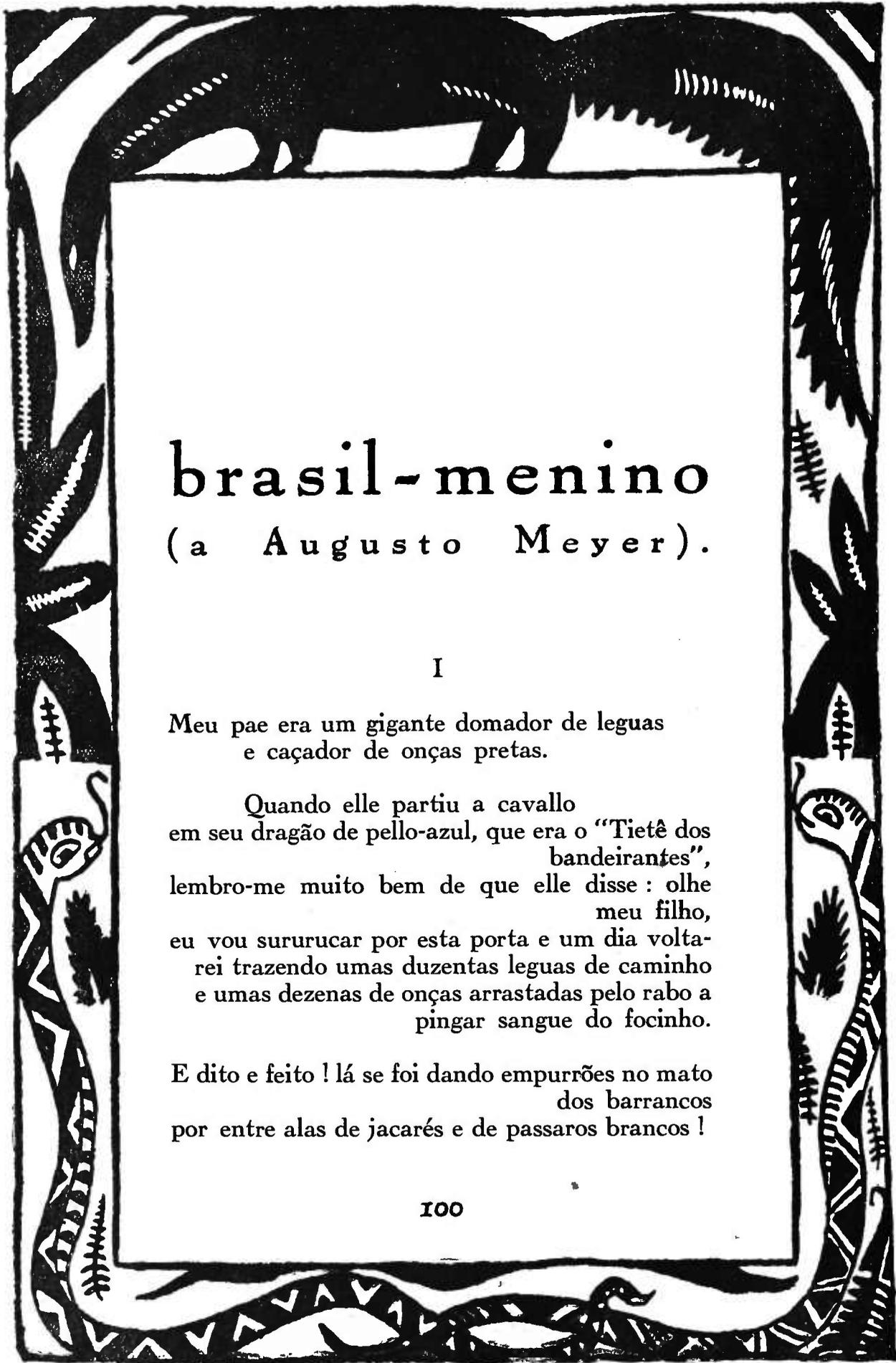
O pequenino vagabundo guarda nos olhos,  
durante a noite toda, a figura hedionda  
do guarda mettido na enorme farda  
com aquellê casaco comprido todo chovido  
de botões amarelos.

E a sua innocencia improvisa os mais lindos cas-  
tellos ;

e vê, pela vidraça,  
a lua redonda que passa, immensa,  
como uma bóla jogada no céu.

“E’ aquelle Deus, com certeza,  
de que a vovó tanto fala.

Aquelle deus, amigo das creanças,  
que tem uma bóla branca cor de opala  
e tem outra bóla vermelha côr do sol ;  
que está jogando noite e dia futebol  
e que chutou a lua agora mesmo  
por trás do muro e, de manhã, por trás do morro,  
chuta o sol...”



# brasil-menino

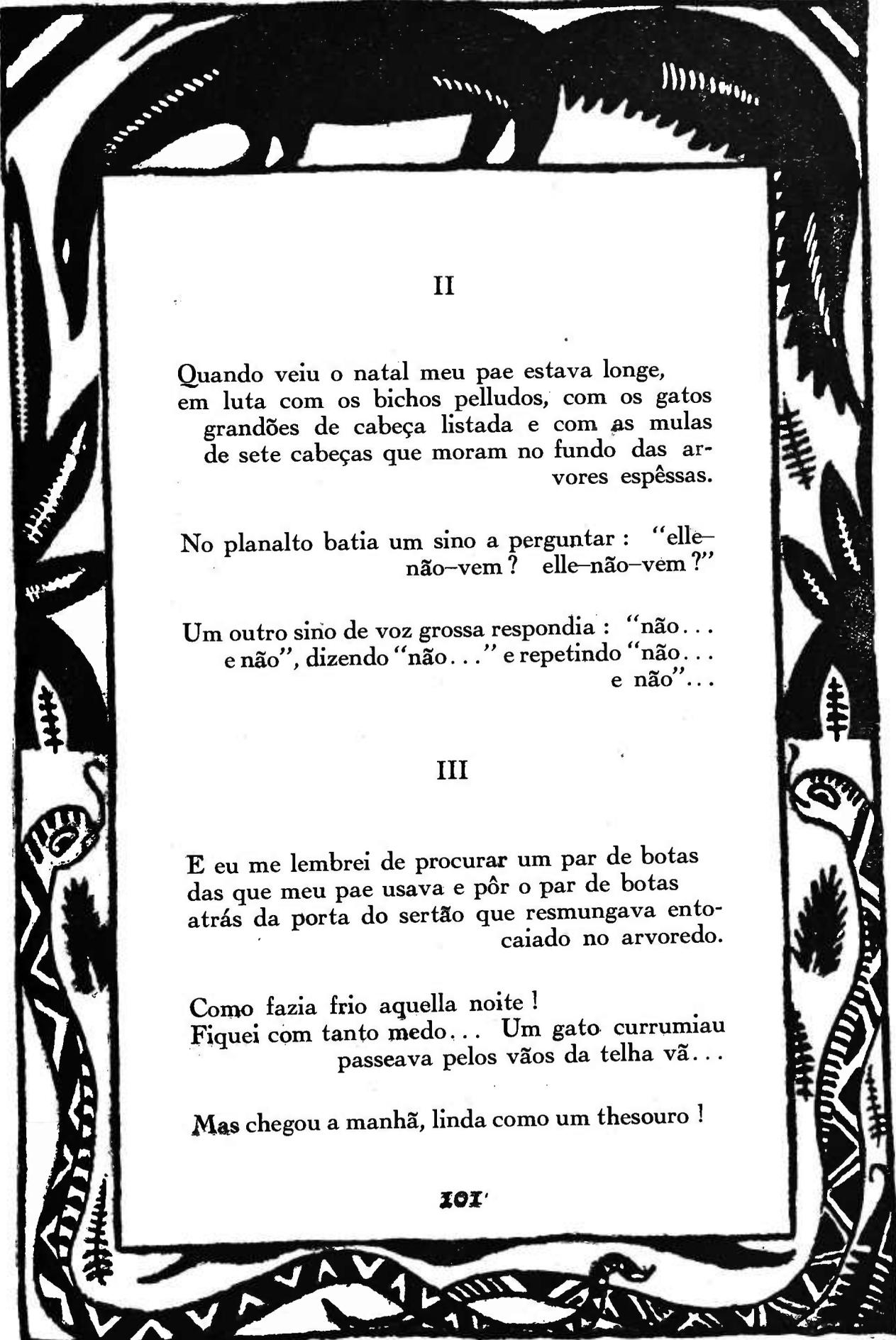
(a Augusto Meyer).

## I

Meu pae era um gigante domador de leguas  
e caçador de onças pretas.

Quando elle partiu a cavallo  
em seu dragão de pello-azul, que era o "Tietê dos  
bandeirantes",  
lembro-me muito bem de que elle disse : olhe  
meu filho,  
eu vou sururucar por esta porta e um dia volta-  
rei trazendo umas duzentas leguas de caminho  
e umas dezenas de onças arrastadas pelo rabo a  
pingar sangue do focinho.

E dito e feito ! lá se foi dando empurrões no mato  
dos barrancos  
por entre alas de jacarés e de passaros brancos !



## II

Quando veiu o natal meu pae estava longe,  
em luta com os bichos pelludos, com os gatos  
grandões de cabeça listada e com as mulas  
de sete cabeças que moram no fundo das ar-  
vores espêssas.

No planalto batia um sino a perguntar : “elle-  
não-vem ? elle-não-vem ?”

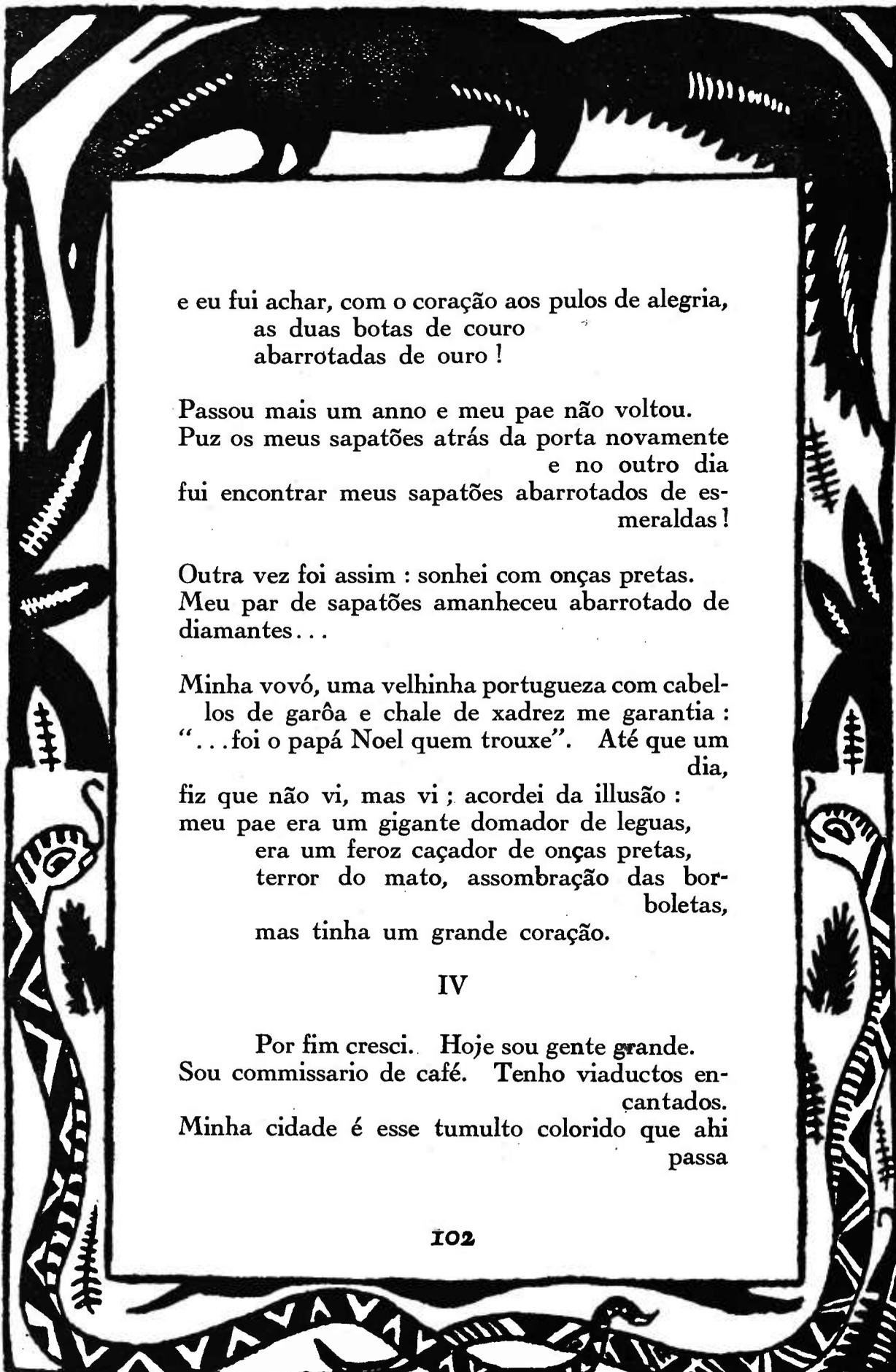
Um outro sino de voz grossa respondia : “não...  
e não”, dizendo “não...” e repetindo “não...  
e não”...

## III

E eu me lembrei de procurar um par de botas  
das que meu pae usava e pôr o par de botas  
atrás da porta do sertão que resmungava ento-  
caiado no arvoredo.

Como fazia frio aquella noite !  
Fiquei com tanto medo... Um gato currumiau  
passeava pelos vãos da telha vã...

Mas chegou a manhã, linda como um thesouro !



e eu fui achar, com o coração aos pulos de alegria,  
as duas botas de couro  
abarrotadas de ouro !

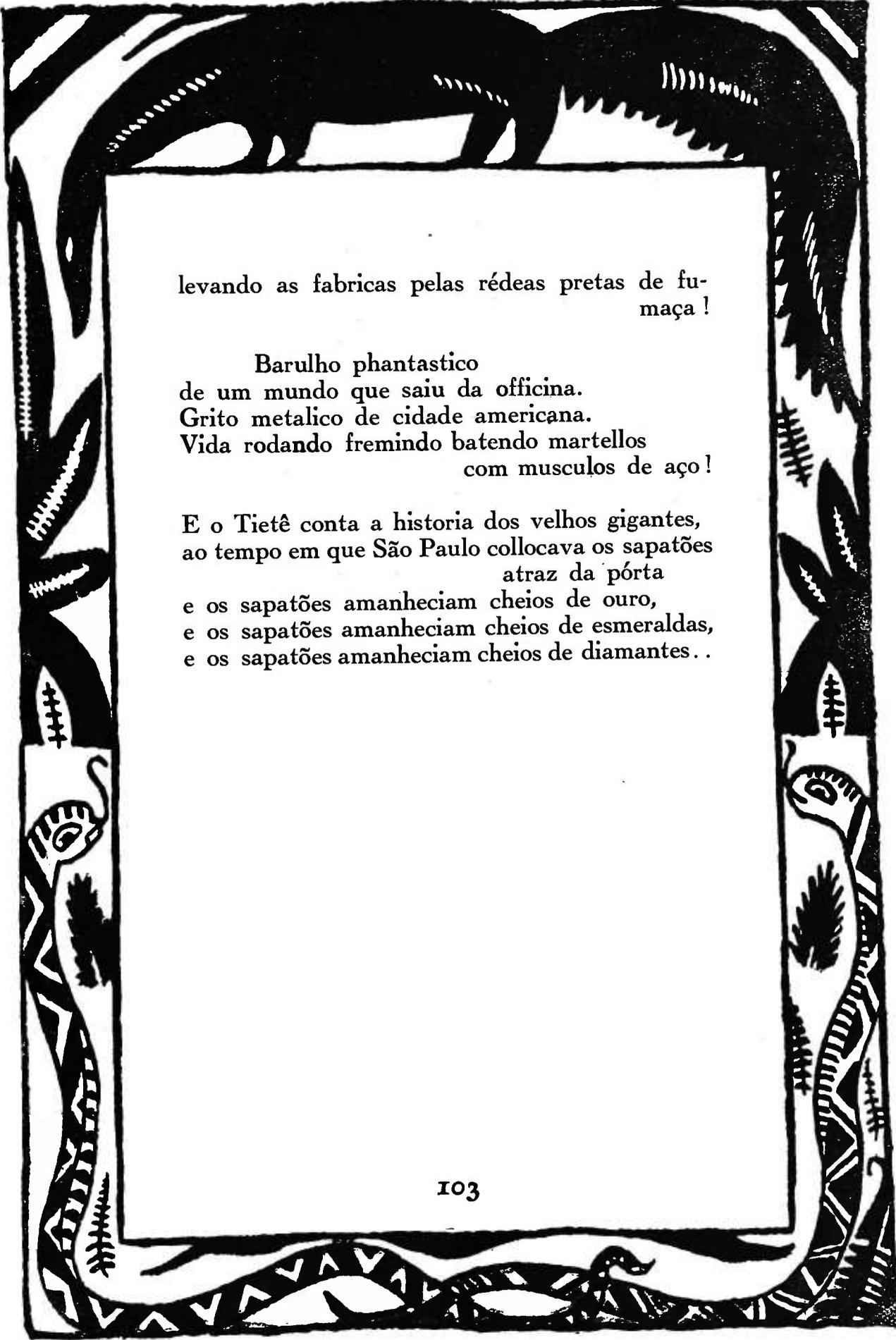
Passou mais um anno e meu pae não voltou.  
Puz os meus sapatões atrás da porta novamente  
e no outro dia  
fui encontrar meus sapatões abarrotados de es-  
meraldas !

Outra vez foi assim : sonhei com onças pretas.  
Meu par de sapatões amanheceu abarrotado de  
diamantes . . .

Minha vovó, uma velhinha portugueza com cabel-  
los de garôa e chale de xadrez me garantia :  
“ . . . foi o papá Noel quem trouxe ”. Até que um  
dia,  
fiz que não vi, mas vi ; acordei da illusão :  
meu pae era um gigante domador de leguas,  
era um feroz caçador de onças pretas,  
terror do mato, assombração das bor-  
boletas,  
mas tinha um grande coração.

#### IV

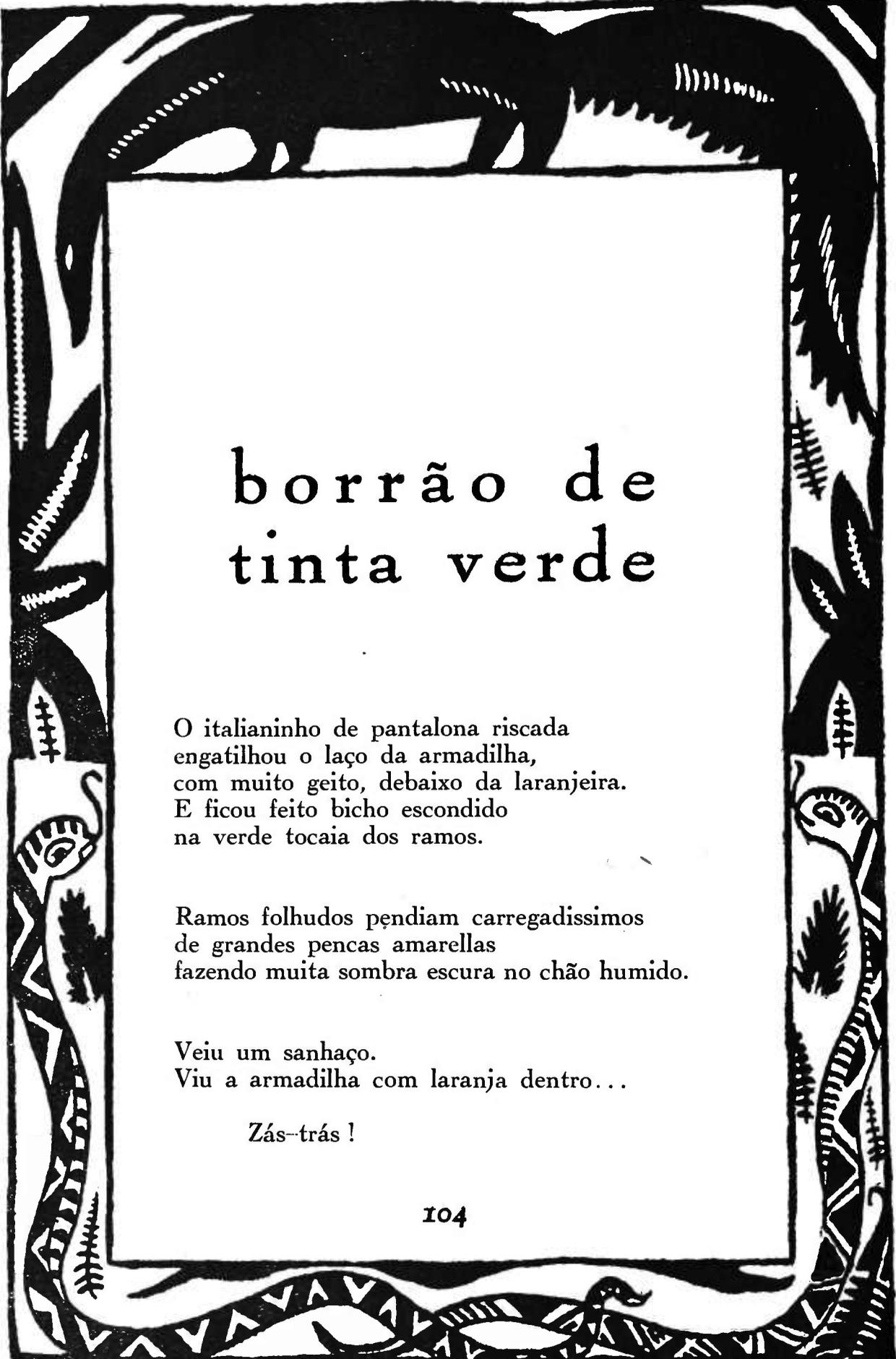
Por fim cresci. Hoje sou gente grande.  
Sou commissario de café. Tenho viaductos en-  
cantados.  
Minha cidade é esse tumulto colorido que ahi  
passa



levando as fabricas pelas rédeas pretas de fu-  
maça !

Barulho phantastico  
de um mundo que saiu da officina.  
Grito metalico de cidade americana.  
Vida rodando fremindo batendo martellos  
com musculos de aço !

E o Tietê conta a historia dos velhos gigantes,  
ao tempo em que São Paulo collocava os sapatões  
atrás da pórtá  
e os sapatões amanheciam cheios de ouro,  
e os sapatões amanheciam cheios de esmeraldas,  
e os sapatões amanheciam cheios de diamantes..



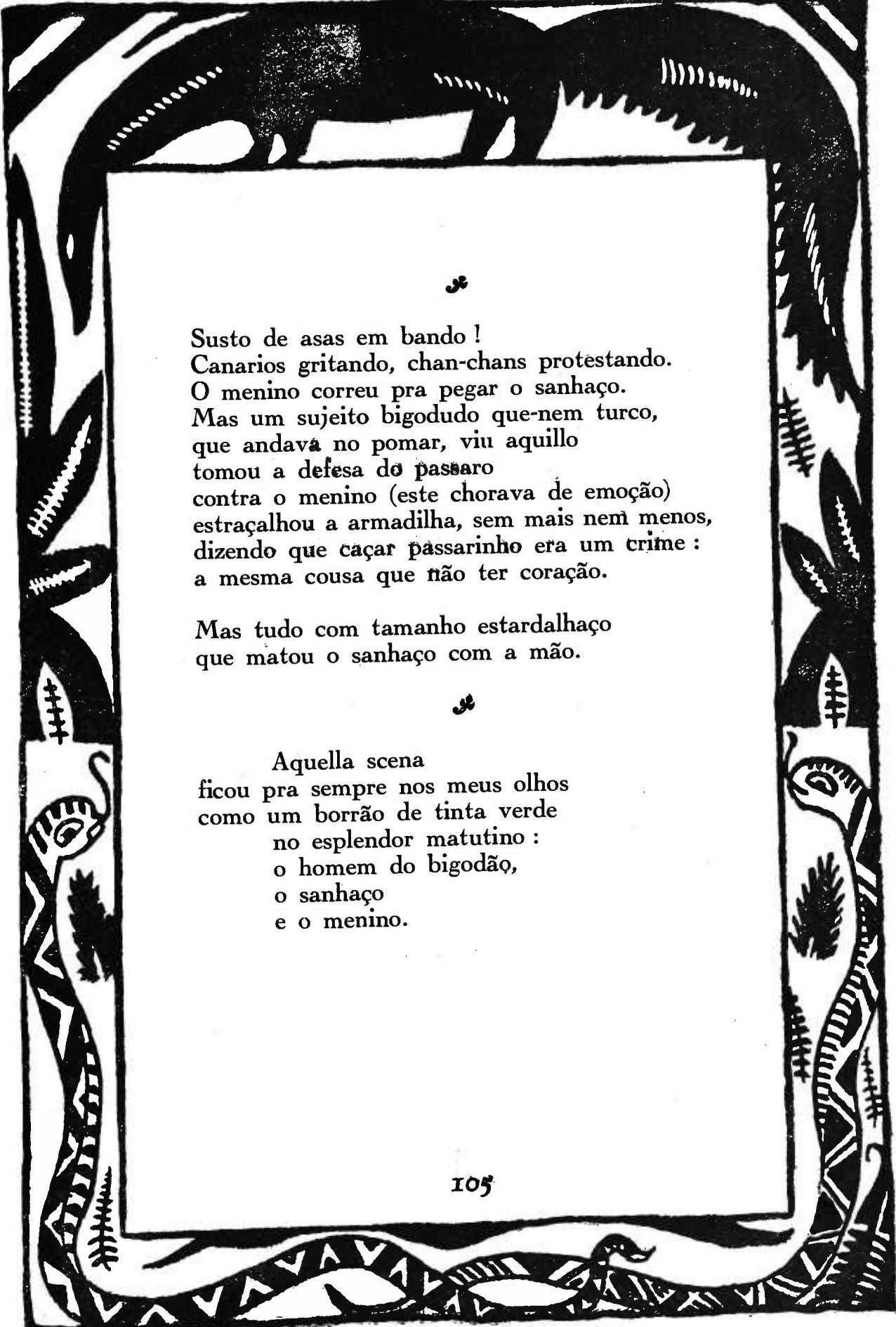
# borrão de tinta verde

O italianinho de pantalone riscada  
engatilhou o laço da armadilha,  
com muito geito, debaixo da laranjeira.  
E ficou feito bicho escondido  
na verde tocaia dos ramos.

Ramos folhudos pendiam carregadíssimos  
de grandes pencas amarellas  
fazendo muita sombra escura no chão humido.

Veiu um sanhaço.  
Viu a armadilha com laranja dentro...

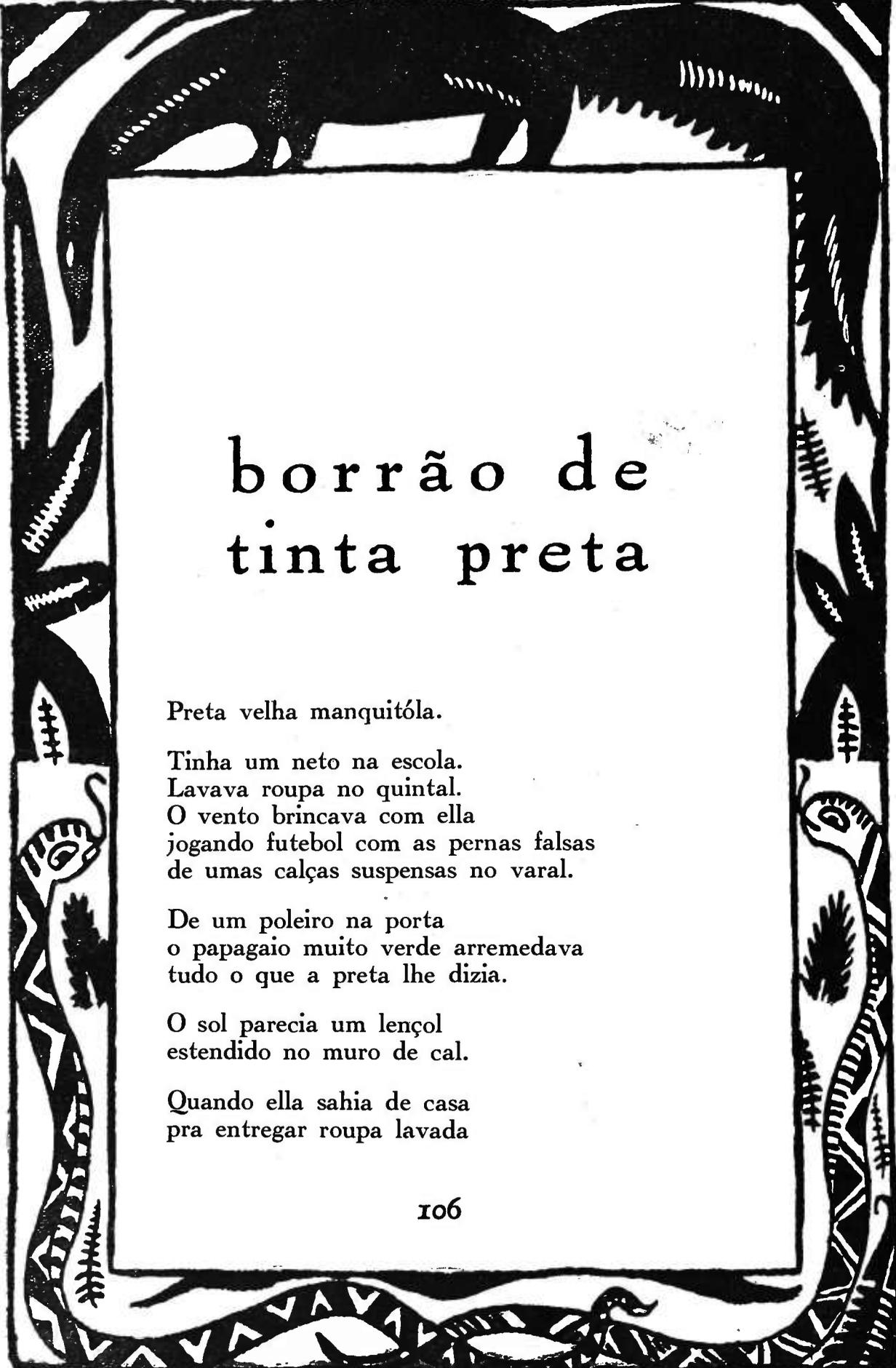
Zás-trás!



Susto de asas em bando!  
Canários gritando, chan-chans protestando.  
O menino correu pra pegar o sanhaço.  
Mas um sujeito bigodudo que-nem turco,  
que andava no pomar, viu aquillo  
tomou a defesa do passaro  
contra o menino (este chorava de emoção)  
estraçalhou a armadilha, sem mais nem menos,  
dizendo que caçar passarinho era um crime:  
a mesma cousa que não ter coração.

Mas tudo com tamanho estardalhaço  
que matou o sanhaço com a mão.

Aquella scena  
ficou pra sempre nos meus olhos  
como um borrão de tinta verde  
no esplendor matutino:  
o homem do bigodão,  
o sanhaço  
e o menino.



# borrão de tinta preta

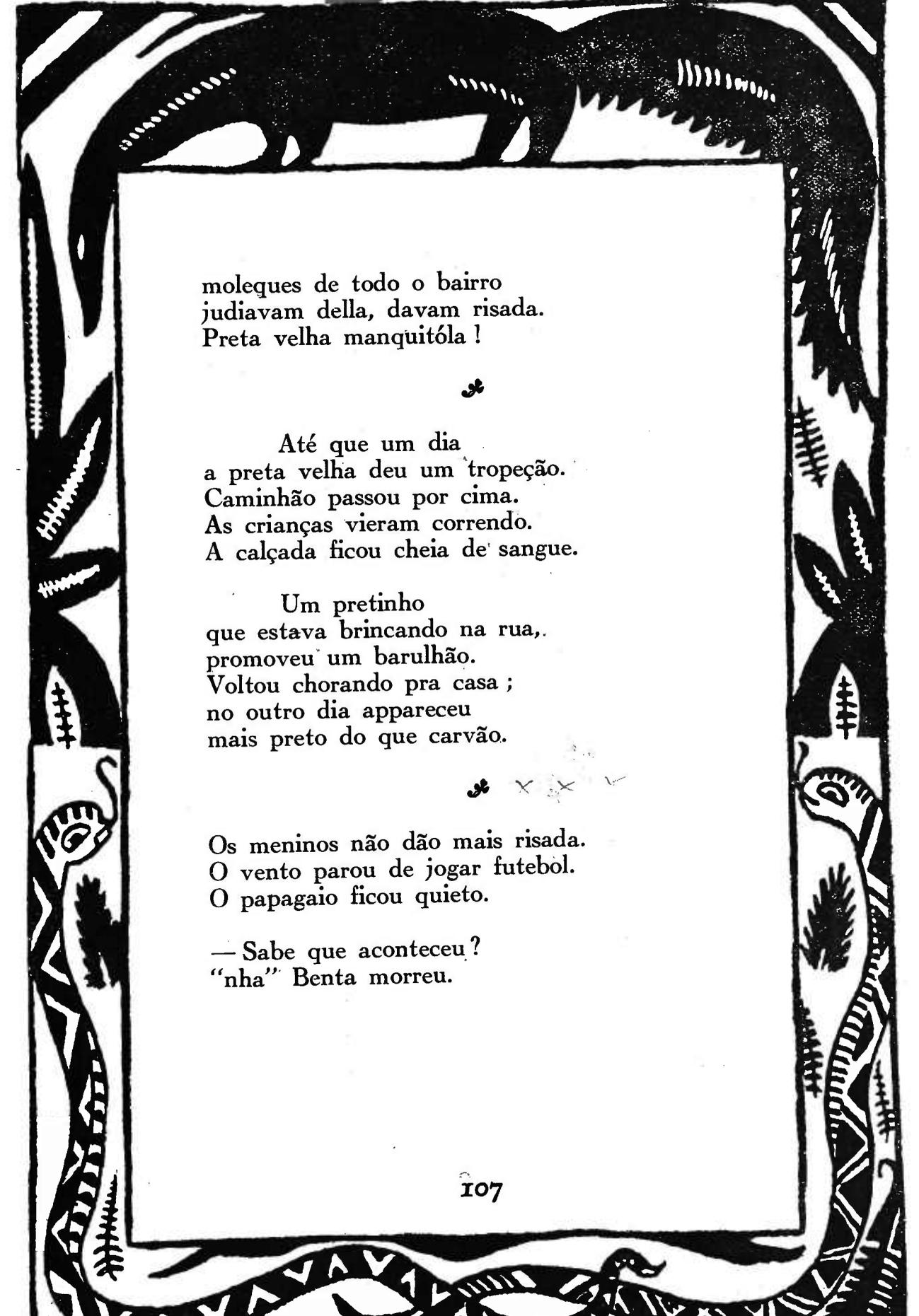
Preta velha manquitóla.

Tinha um neto na escola.  
Lavava roupa no quintal.  
O vento brincava com ella  
jogando futebol com as pernas falsas  
de umas calças suspensas no varal.

De um poleiro na porta  
o papagaio muito verde arremedava  
tudo o que a preta lhe dizia.

O sol parecia um lençol  
estendido no muro de cal.

Quando ella sahia de casa  
pra entregar roupa lavada



moleques de todo o bairro  
judiavam della, davam risada.  
Preta velha manquitóla !

✿

Até que um dia  
a preta velha deu um tropeção.  
Caminhão passou por cima.  
As crianças vieram correndo.  
A calçada ficou cheia de sangue.

Um pretinho  
que estava brincando na rua,  
promoveu um barulhão.  
Voltou chorando pra casa ;  
no outro dia appareceu  
mais preto do que carvão.

✿ ✕ ✕ ✕ ✕

Os meninos não dão mais risada.  
O vento parou de jogar futebol.  
O papagaio ficou quieto.

— Sabe que aconteceu?  
“nha” Benta morreu.

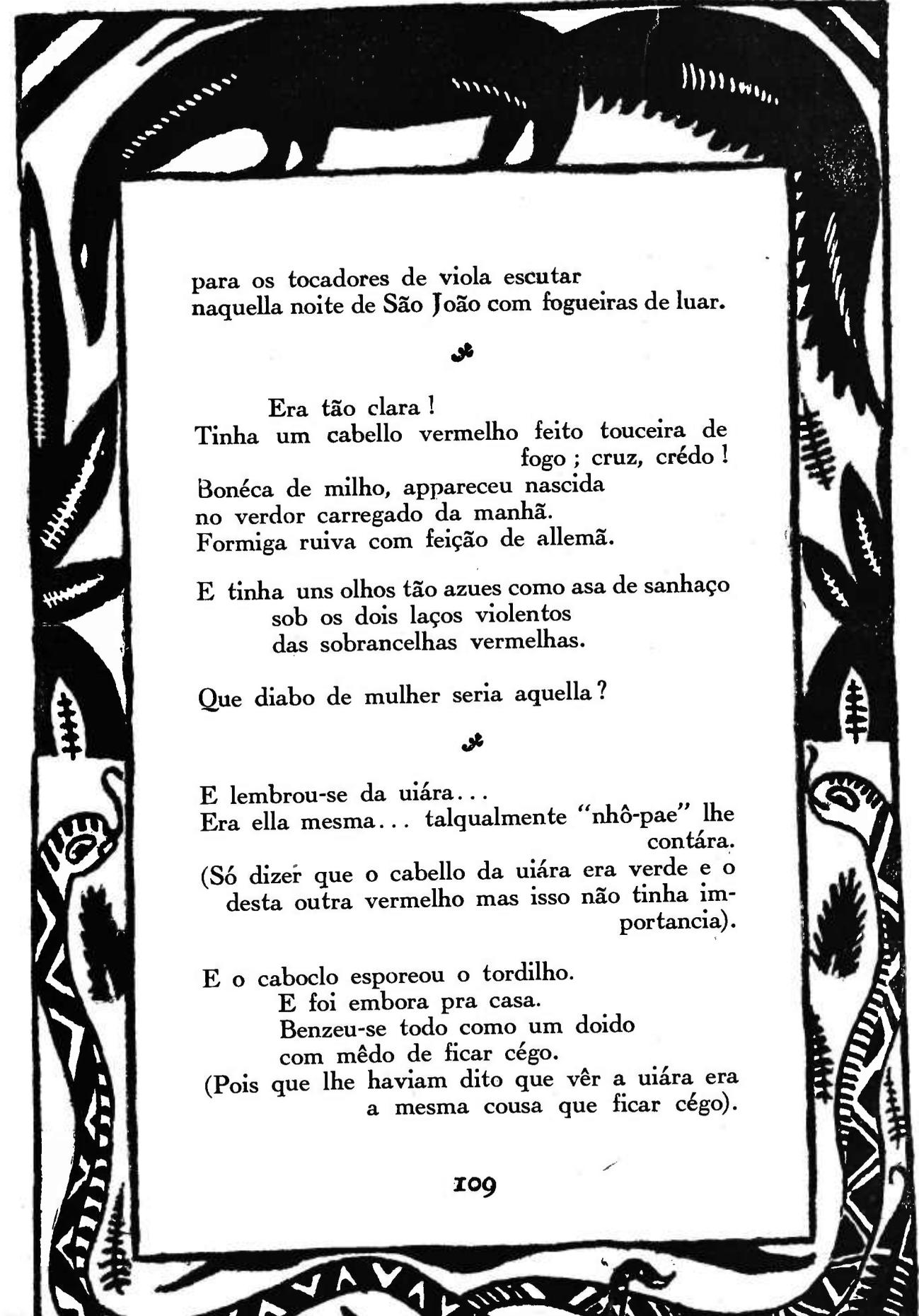


# a uiára de c a b e l l o v e r m e l h o

O Juca Raymundo ficou tortuviado  
quando passou no cavallo tordilho.  
Porque viu, por acaso tão somente,  
apanhando goiaba no pomar da fazenda  
uma linda mulher como nunca-jamais tinha visto  
neste mundo de Nosso Senhor Jesus Christo.

Muito mais bonita do que a filha da patrôa.  
Muito mais bonita do que aquella sujeita  
que vira numa festa do Divino  
e que ficára para sempre atravessada  
no seu destino.

Muito mais bonita do que dona Candinha que  
uma vez tocou piano



para os tocadores de viola escutar  
naquella noite de São João com fogueiras de luar.



Era tão clara !  
Tinha um cabelo vermelho feito touceira de  
Bonéca de milho, appareceu nascida  
no verdor carregado da manhã.  
Formiga ruiva com feição de allemã.

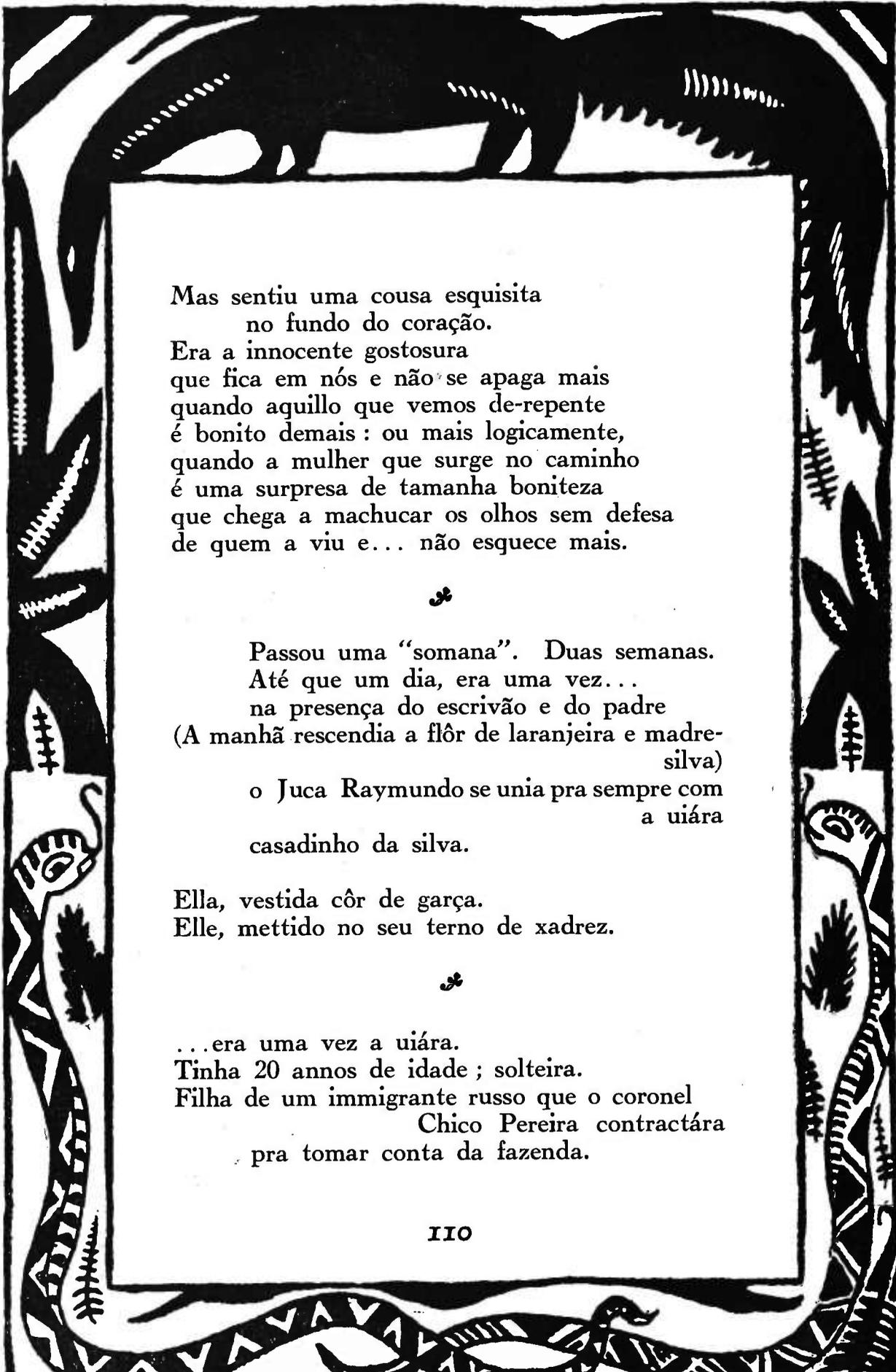
E tinha uns olhos tão azues como asa de sanhaço  
sob os dois laços violentos  
das sobrançelhas vermelhas.

Que diabo de mulher seria aquella ?



E lembrou-se da uiára...  
Era ella mesma... talqualmente “nhô-pae” lhe  
contára.  
(Só dizer que o cabelo da uiára era verde e o  
desta outra vermelho mas isso não tinha im-  
portancia).

E o caboclo esporeou o tordilho.  
E foi embora pra casa.  
Benzeu-se todo como um doido  
com mêdo de ficar cégo.  
(Pois que lhe haviam dito que vêr a uiára era  
a mesma cousa que ficar cégo).



Mas sentiu uma cousa esquisita  
no fundo do coração.  
Era a innocente gostosura  
que fica em nós e não se apaga mais  
quando aquillo que vemos de repente  
é bonito demais : ou mais logicamente,  
quando a mulher que surge no caminho  
é uma surpresa de tamanha boniteza  
que chega a machucar os olhos sem defesa  
de quem a viu e... não esquece mais.



Passou uma "somana". Duas semanas.  
Até que um dia, era uma vez...  
na presença do escrivão e do padre  
(A manhã rescendia a flôr de laranjeira e madre-  
silva)  
o Juca Raymundo se unia pra sempre com  
a uiára  
casadinho da silva.

Ella, vestida côm de garça.  
Elle, mettido no seu terno de xadrez.



...era uma vez a uiára.  
Tinha 20 annos de idade ; solteira.  
Filha de um immigrante russo que o coronel  
Chico Pereira contractára  
pra tomar conta da fazenda.



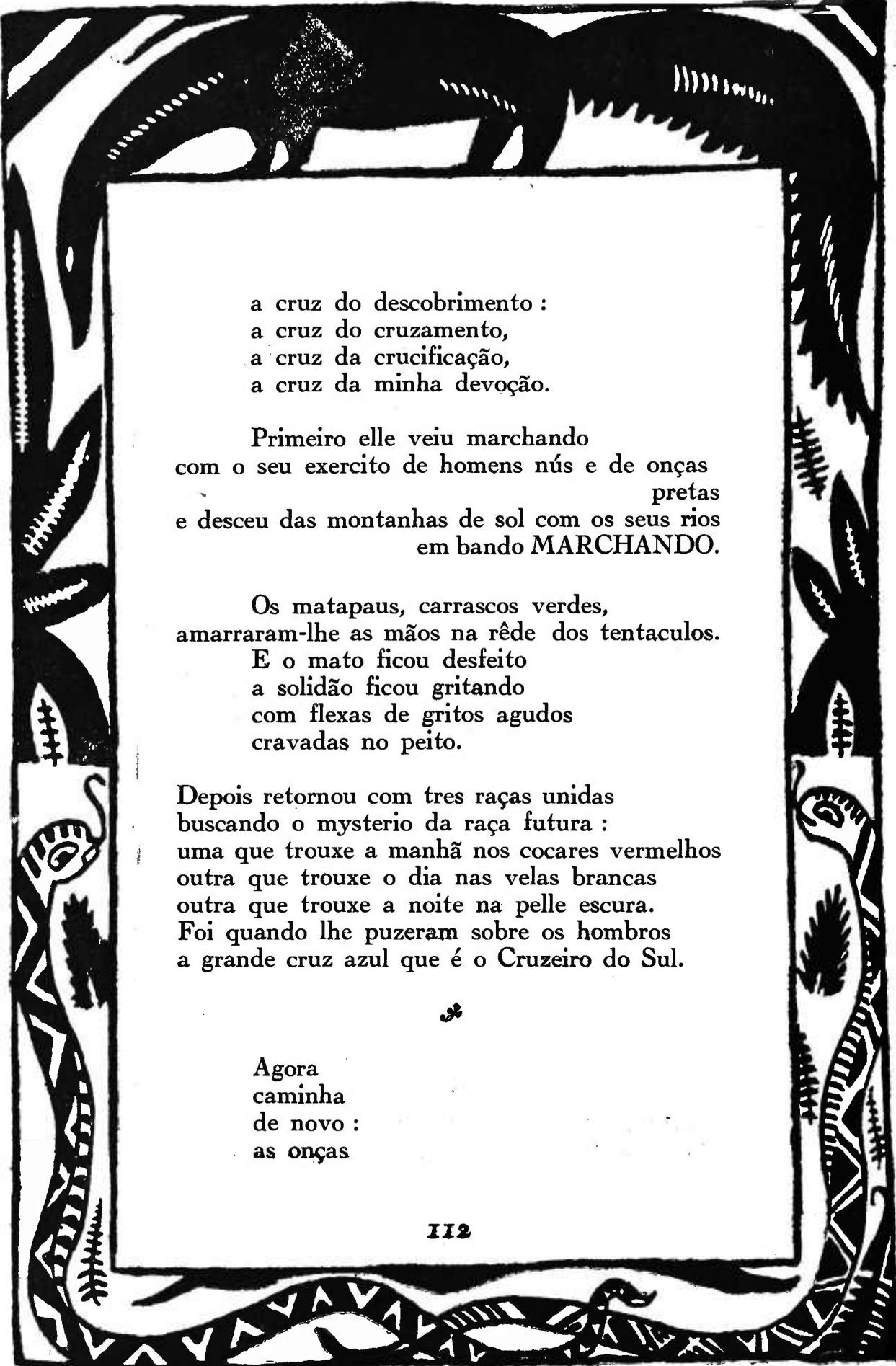
# marcha final

Diante da tua cruz, feita de estrelas  
vejo passar sob os meus olhos as quatro raças  
que depois da tragedia de todos os odios  
e de todas as lutas humanas  
irão fundir-se pelo amor numa só raça.

Quatro raças em cruz,  
quatro pingos de sangue  
feitos de luz.

E uma estrella menor  
quasi ao centro da cruz  
que quer dizer :  
depois de nós  
a ultima raça  
a ultima voz.

Desde o primeiro soffrimento  
viu o Brasil que carregava sobre os hombros



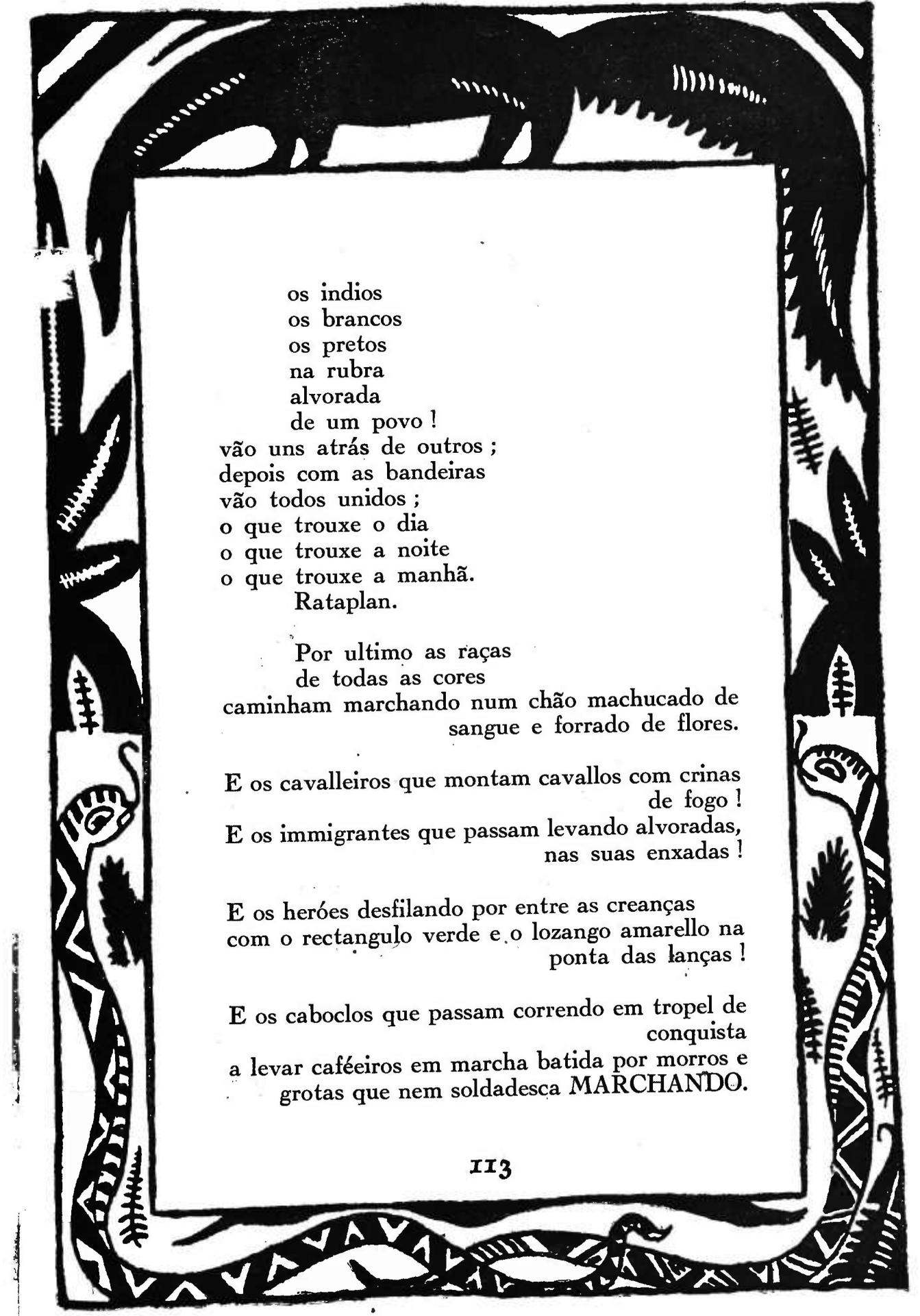
a cruz do descobrimento :  
a cruz do cruzamento,  
a cruz da crucificação,  
a cruz da minha devoção.

Primeiro elle veio marchando  
com o seu exercito de homens nús e de onças  
pretas  
e desceu das montanhas de sol com os seus rios  
em bando MARCHANDO.

Os matapaus, carrascos verdes,  
amarraram-lhe as mãos na rêde dos tentaculos.  
E o mato ficou desfeito  
a solidão ficou gritando  
com flexas de gritos agudos  
cravadas no peito.

Depois retornou com tres raças unidas  
buscando o mysterio da raça futura :  
uma que trouxe a manhã nos cocares vermelhos  
outra que trouxe o dia nas velas brancas  
outra que trouxe a noite na pelle escura.  
Foi quando lhe puzeram sobre os hombros  
a grande cruz azul que é o Cruzeiro do Sul.

Agora  
caminha  
de novo :  
as onças



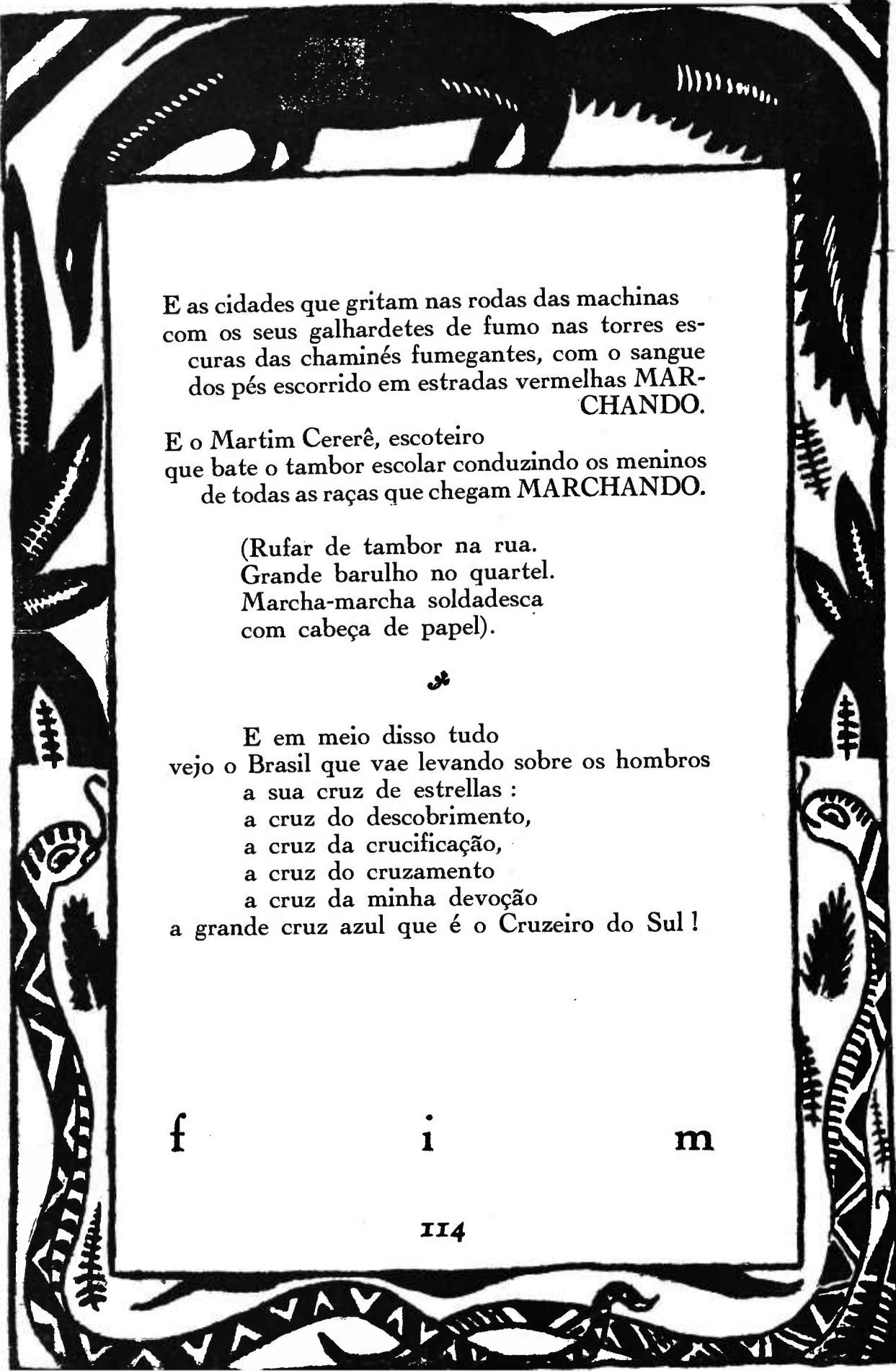
os índios  
os brancos  
os pretos  
na rubra  
alvorada  
de um povo !  
vão uns atrás de outros ;  
depois com as bandeiras  
vão todos unidos ;  
o que trouxe o dia  
o que trouxe a noite  
o que trouxe a manhã.  
Rataplan.

Por ultimo as raças  
de todas as cores  
caminham marchando num chão machucado de  
sangue e forrado de flores.

E os cavalleiros que montam cavallos com crinas  
de fogo !  
E os immigrantes que passam levando alvoradas,  
nas suas enxadas !

E os heróes desfilando por entre as creanças  
com o rectangulo verde e o lozango amarello na  
ponta das lanças !

E os caboclos que passam correndo em tropel de  
conquista  
a levar caféeiros em marcha batida por morros e  
grotas que nem soldadesca MARCHANDO.



E as cidades que gritam nas rodas das machinas  
com os seus galhardetes de fumo nas torres es-  
curas das chaminés fumegantes, com o sangue  
dos pés escorrido em estradas vermelhas MAR-  
CHANDO.

E o Martim Cererê, escoteiro  
que bate o tambor escolar conduzindo os meninos  
de todas as raças que chegam MARCHANDO.

(Rufar de tambor na rua.  
Grande barulho no quartel.  
Marcha-marcha soldadesca  
com cabeça de papel).

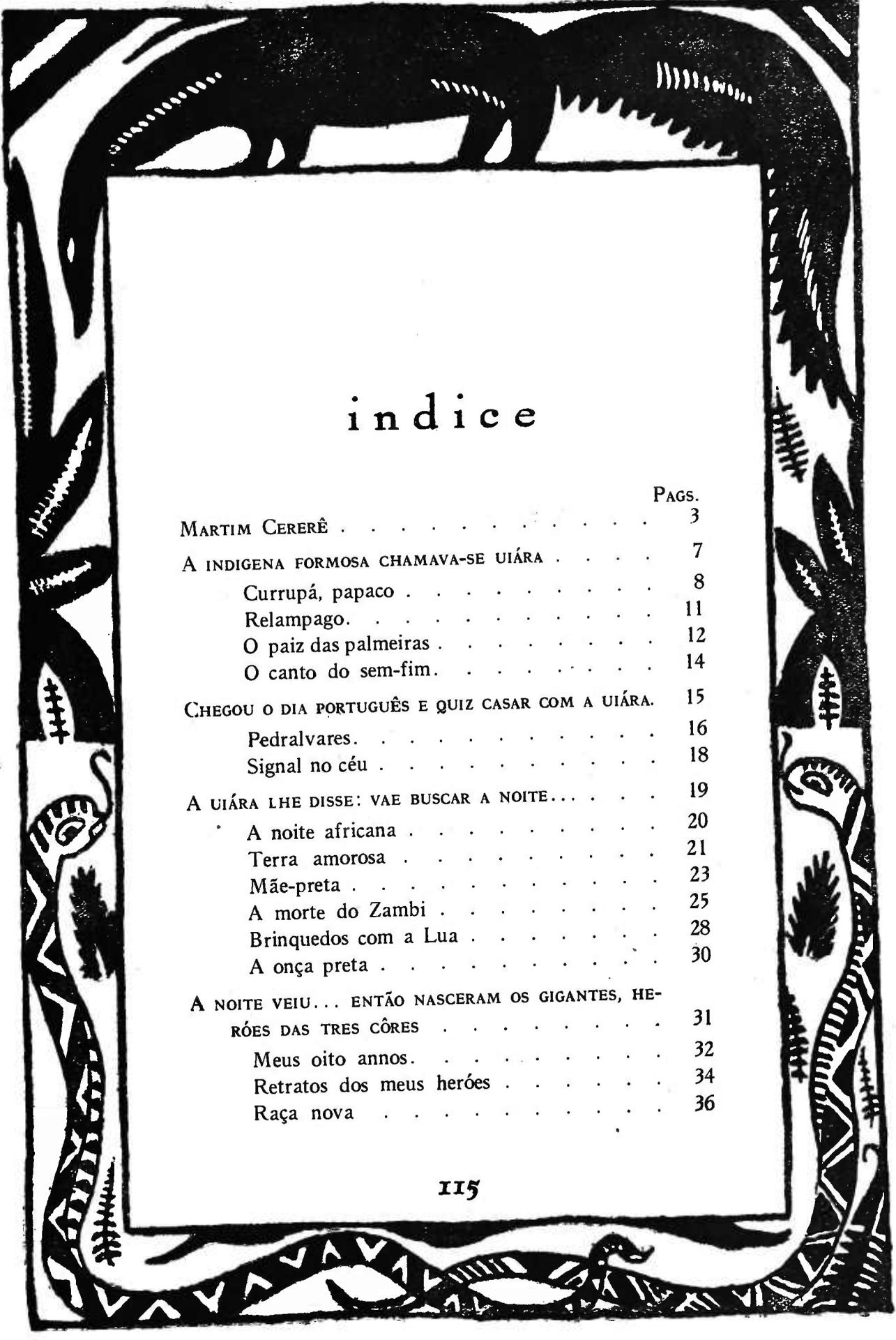


E em meio disso tudo  
vejo o Brasil que vae levando sobre os hombros  
a sua cruz de estrelas :  
a cruz do descobrimento,  
a cruz da crucificação,  
a cruz do cruzamento  
a cruz da minha devoção  
a grande cruz azul que é o Cruzeiro do Sul!

f

i

m



# índice

	PAGS.
MARTIM CERERÊ . . . . .	3
A INDIGENA FORMOSA CHAMAVA-SE UIÁRA . . . . .	7
Currupá, papaco . . . . .	8
Relampago. . . . .	11
O paiz das palmeiras . . . . .	12
O canto do sem-fim. . . . .	14
CHEGOU O DIA PORTUGUÊS E QUIZ CASAR COM A UIÁRA. . . . .	15
Pedralvares. . . . .	16
Signal no céu . . . . .	18
A UIÁRA LHE DISSE: VAE BUSCAR A NOITE... . . . .	19
A noite africana . . . . .	20
Terra amorosa . . . . .	21
Mãe-preta . . . . .	23
A morte do Zambi . . . . .	25
Brinquedos com a Lua . . . . .	28
A onça preta . . . . .	30
A NOITE VEIU... ENTÃO NASCERAM OS GIGANTES, HE- RÓES DAS TRES CÔRES . . . . .	31
Meus oito annos. . . . .	32
Retratos dos meus heróes . . . . .	34
Raça nova . . . . .	36

	PAGS.
Tropel de gigantes . . . . .	37
Borba Gato, o terror do mato . . . . .	39
A voz do carão . . . . .	41
As entradas . . . . .	43
Anhangüera . . . . .	45
O canto do Uirapurú . . . . .	50
Fernão Dias . . . . .	52
Raposo . . . . .	55
<b>A MARCHA DOS SOLDADOS VERDES . . . . .</b>	<b>61</b>
Piratinga! . . . . .	62
Soldados verdes . . . . .	65
A derrubada . . . . .	67
O Manduca e a Giuseppina . . . . .	70
O bacharel e a cabocla . . . . .	73
Cafésal em flôr . . . . .	75
Matuto . . . . .	77
Radiotelephonia na fazenda . . . . .	78
Piraquára . . . . .	80
Depois da colheita . . . . .	81
Brinquedos maravilhosos . . . . .	84
<b>A MINHA CHICARA DE CAFÉ E O MEU JORNAL . . . . .</b>	<b>87</b>
A minha chicara de café . . . . .	88
O Jornal-Mundo. . . . .	91
A tribo que acampou na cidade . . . . .	94
Martim Cererê, jogador de futebol . . . . .	98
Brasil-menino. . . . .	100
Borrão de tinta verde . . . . .	104
Borrão de tinta preta . . . . .	106
A uiára de cabelo vermelho . . . . .	108
Marcha final. . . . .	111







